

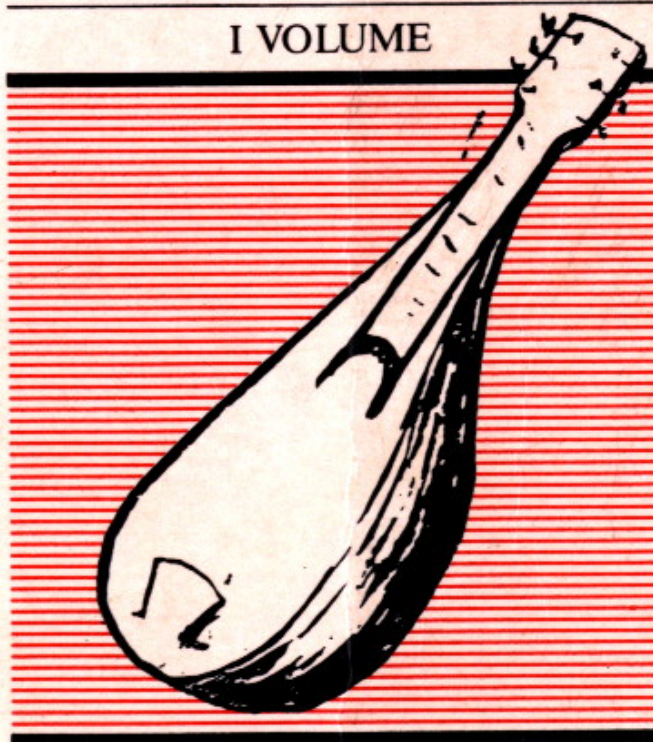
BANDEIRA  
TRIBUZI

---

POESIA  
REUNIDA

---

I VOLUME



SECRETARIA DA CULTURA  
DO ESTADO DO MARANHÃO

•  
ALHAMBRA

## LANÇAMENTOS DA EDITORIAL ALHAMBRA

*História da Literatura Ocidental* — Otto Maria Carpeaux.

Obra completa, em 8 volumes, com índice onomástico. 3.<sup>a</sup> edição.

*Uma Nova História da Música* — Otto Maria Carpeaux. 4.<sup>a</sup> edição.

*Poemas de D. H. Lawrence* — Edição bilíngüe do centenário de nascimento do autor. Seleção, tradução e nota introdutória de Leonardo Froes.

*A Vida de Lazarillo de Tormes e de suas Fortunas e Adversidades* — Tradução de Stella Leonardos; introdução de Adriano da Gama Kury.

*A Morte de Ivan Ilitch* — Leon Tolstoi. Ilustrações de Percy Deane.

*Brejal dos Guajas e outras Histórias* — José Sarney.

**BREVE MEMORIAL  
DO LONGO TEMPO**

Dezoito mil dias e noites não são tarefa suave para o menino que veio ao mundo nesta bela cidade de São Luís para tontear seus olhos de sol tropical e salgar seu tempero humano no mar que invade a Ilha. Por isso, quando os completos, pouco mais tenho para oferecer aos conivias desta humana aventura do que este "breve memorial de um longo tempo", testemunho do homem lutando para ser fiel a si e a seus irmãos. O poema quero, pois, que seja uma taça imponderável de testemunho, solidariedade, e convite à meditação do compromisso que a todos nos justifique de estarmos vivos. E ainda, sob a angústia, o brotar de esperanças que a vida alimentam.

Do alto da ladeira do seu tempo vivido, o menino que resistiu a tudo vos assegura:

- Amanhecemos a existência!

Mãe, olha o limão nos meus olhos  
que eu quero ver.  
Não acarinde meu choro  
desatado de recém-nascido:  
preciso me acostumar  
ao grande réquiem da vida.

Há cinqüenta anos estou  
nascendo e hoje  
antes que a morte me proíba  
de recenascêr as manhãs,  
quero ver a chorar outra vez  
pela primeira vez e sentir o gosto  
da vida, pela outra primeira vez,  
como um doce leite materno  
e outra primeira vez  
escutar as palavras e aprendê-las,  
os gestos e copiá-los,  
ser coberto pelo manto da ternura  
e manipulado pelas mãos da ciência  
para que viva.  
E viva para que seja um Homem,  
e seja um Homem para que sofra e saiba,  
e sofra e saiba para que pense  
e pense para que multiplique  
em mim a vida humana.

Agora que já foi protegido  
o indefeso, que ninguém cuide  
excessivamente dele. Deixai que a vida  
se encarregue disso. Soltai-o que já anda  
e pois saberá (deverá) achar  
o(s) caminho(s) com e sem volta,  
as avenidas e os becos do ser,  
a vereda da noite que amanhece  
e o atalho da manhã que anoitece.

Deixai que aprenda o gesto irmão  
e o palavrão,  
o carinho  
e o grito,  
a dádiva  
e a recusa,

o uso da faca  
e o como se lhe escapa,  
a ótima intenção  
e a contrafação,  
a ternura da mão  
e a espessa paixão,  
o sim e o não.

Não, isso não é ontem nostálgico:  
é o ser revisitado  
em sua origem.  
É o ser reeditado  
à procura  
de si, também procura  
do mistério que o cerca.  
Reandar o caminho  
para medir na própria caminhada  
a viagem geral:  
não o mundo na dimensão pessoal  
— micromundo — mas minha dimensão  
no vastomundo.  
Fazer de mim apenas ponto  
de onde ver, viver, teimando  
em acertar as batidas  
do grande coração universal  
com meu atropelado coração  
de angústias próprias e alheias.

Renascer para medir.  
Medir-me no mundo,  
fazer-me dele  
para que seja meu  
e o meça e meça-me  
multiplicado.

.....

Reviver, resser:  
reandar, reaprender,  
reamar, redesamar,  
ressofrer, recantar,  
rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer,  
relembrar.

De passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
dar novamente a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos.  
Reinventar a vida.

O primeiro amor infinito  
no b...á...bá da carne alva  
da doce normalista  
que sentava no colo  
o menino que fui, no calor  
de cujos seios aprendi  
outro sentido à carne feminina.  
Ó aulas lentas passando tão rápido  
na sala do sobrado. Ó tardes  
benfazejas de inverno porque retínheis  
o inofensivo amante  
junto daquele corpo em que os verbos  
da carne estavam todos conjugados.  
Ó saudade de meu ser adjetivo  
junto da mestra substantiva  
que sabia tão bem colocar os pronomes  
como valer-se do meu corpo infantil  
para amornar os seus desejos.

Ó mestra iniciadora de minha filosofia,  
a somar o saber com o bem,  
ternura e gramática,  
a plantar na infância que hoje faz 50 anos  
estes vícios que sempre te homenageariam:  
ler e amar.

.....  
Vi-te, afinal, tanto tempo passado,  
outro dia na rua: cabelos  
brancos — vovó virgem —  
o mesmo porte de antigamente,  
as pernas ainda belas,  
os seios ainda levantados,  
serena, a pisar o chão de nossa multidão  
e dos teus isolamentos.

Por que não me colocas  
novamente em teu colo  
e ensinas teu consolo  
às minhas discordâncias  
como fazias quando  
eu errava orações?  
Por que, com teus perdões  
e teu sorriso brando  
não me ensinas respostas  
às interrogações?  
Não dás ponto final  
às minhas aflições?  
Por que não me sufocas  
o choro que não choro  
com a ternura que evocas  
colhendo-me em teu colo?

.....

Ó que saudade  
de palmeiras e pássaros  
da viagem no trem lento e difícil,  
do bonde a burro,  
da balsa sobre o rio  
e do leite mugido  
e da jibóia flutuando  
com o boi apresado,  
do roteiro, a cavalo, pra fazenda  
e da surpresa  
dos corpos femininos nus no rio  
(alguma coisa em mim vibrando sinos  
pela adivinhação de futuros delírios!)  
e a tepidez das águas sob a sombra  
de árvores generosas;  
e as tardes dos primos no balanço  
das rangentes redes.

Que saudade do tempo e mundo inocentes  
em constraste distante  
com a civilização das máquinas da morte;  
que liberdade junto à natureza  
enquanto a Liberdade  
dos códigos, dilacerada  
pelas bombas, explode

nas Espanhas de ontem  
e Vietnãs de agora.

Da janela alta do sobradinho  
da rua do Passeio  
onde todas as tardes via passar,  
menino, minha adolescente namorada  
em cujo sorriso vespertino  
construí os mais belos casos de amor,  
vi, também, certa madrugada,  
na hora do padeiro e do leiteiro,  
o apressado e tenso  
rumor de soldados em Revolução. Era 32.  
Mas não houve um tiro. A luta era longe.  
De tarde já a mesma paz:  
Batalhão Federal e Polícia Militar descobriram  
que lutavam do mesmo lado. Pouparam-se tiros  
e vidas. Guerra mesmo  
houve, nesse ano, de confetes e serpentinas  
e lança-perfumes que quase me afogam  
no deslumbrante corso.

Ó carnavais de então!  
quando Carolina  
você era o meu amor  
mas agora moreninha  
a taça é tua,  
e ricos brancos pobres negros  
se batucam libertos  
por três dias  
em suas fantasias  
nos blocos e nos clubes e nas ruas.

Adeus. Lá vou  
para o exílio português  
navegando pelo patriotismo de meu pai  
que desconfia das letras brasileiras  
e gostaria que todos os filhos  
nascidos no Brasil fossem bons portugueses  
até no sotaque com que ele resistia  
aos seus sessenta anos brasileiros.

Lá vou nesta Nau Catarineta inglesa,  
moderna e confortável, de potentes motores

mas que em mim não foge às velas  
com a cruz-de-cristo em sangue  
de minha navegação inventada:  
eu, pirata e descobridor.  
Lá vou, maternamente protegido,  
para as aulas rurais  
e o esguio e sábio mestre  
e as frutas nos quintais  
e o gato angorá nas tardes preguiçosas  
e macias de um tempo  
em que eu não entendia  
por que os meninos tão iguais na escola  
tinham fora da escola destinos tão diversos.

(Depois, tantos anos mais tarde,  
entendi. Sobretudo quando encontrei  
Antônia, que fora minha ama-menina,  
como puta em Coimbra...)

Onde estão? Onde estão os amigos  
plantados no caminho viajado?  
De uns sei, de outros jamais.  
Dos que sei: como nos disparatou a vida,  
a nós, tão iguais na aula e na bola.  
Alguns levou a morte, outros a sorte,  
e tantos do que eram se perderam...

Meu bom aprendizado lusitano  
além-exílio conventual:  
o longo e próximo convívio  
com as coisas naturais:  
campos, a faina dos plantios,  
o cantochão das mulheres na tarde

("O meu coração  
é de pedra dura,  
é como a laranja  
quando está madura")

os pés esmagando o vinho no lagar,  
a lagoa ajoelhada aos pés do povoado  
e a passagem da leitura ao sonho  
na solidão dos pinheirais  
com os quatro Fernando Pessoa  
por infinitos companheiros.

E os torresmos, o vinho, a trigamilha,  
o gesto de podar, de amanho os cultivos,  
de conversar com as macieiras  
e maldizer pragas da couve,  
e o grande tronco, os braços invencíveis  
do avô lavrador-lenhador,  
analfabeto e sábio,  
cheio de saber de vida  
junto ao qual como nunca mais  
conheci minhas raízes  
e o mistério dos laços  
da descendência. Que bom calor, avô,  
o da tua lareira em pedra e barro  
sujos de fumaça  
a crepitar de densa humanidade  
contra a neve no corpo e na alma;  
que máscula ternura  
em tuas poucas densas palavras  
que ecoam até hoje  
pelas furnas dos meus graves silêncios.

E fazia verão e havia frutos.  
(Os frutos ainda há. E o paladar?)  
E havia canções pelas colheitas  
e coração maduro pra cantar

e as ingênuas intrigas das aldeias  
tecidas com amor sob o luar  
e pão suficiente no celeiro  
e vinho nos tonéis a fermentar

calor humano e humanas energias  
para aquecer o áspero inverno.  
E nessa doce paz iam-se os dias  
fazendo anos e era um tempo eterno.  
(Minhas pequenas mãos sabedorias  
pequenas transcreviam no caderno.)

Ó meu deus que mundo difícil,  
que lição árdua para meus  
oito anos de então, cinquenta de hoje,  
aprendendo a ler o mundo  
em títulos de morte nos jornais,  
nas revistas onde floresce

em lugar do perfil da natureza  
a rosa das granadas.  
Como entender o cristo do catecismo  
e o enredo da solidariedade,  
lendo e vendo os homens  
revestidos de garras mortíferas  
se estraçalhando como feras?

E o terror daquela voz histérica  
a uivar deutchland  
no mesmo maravilhoso microfone blaupunkt  
em que ressoavam adormecedoras  
as mais ternas e suaves melodias?

Como aprender essa confusa  
lição de fantásticas descobertas  
para salvar a vida humana  
que nos campos da morte  
estava sendo, sabiamente,  
convertida em gordura  
para fins industriais?  
Como entender arranha-céus  
se aproximando às nuvens

e o coquetel de caviars  
e os rollroyce de ouro  
quando o bairro vizinho  
vegeta sobre a lama  
e como os excrementos  
de sua própria fome?

Que confusa lição para meus oito  
anos de então, cinqüenta de hoje!

E as classes conscritas, os avós  
e seus netos nos mesmos uniformes,  
todos no mesmo passo das batalhas  
treinados para o mesmo morticínio  
e os gênios convocados  
para inventar mais morte,  
e a morte a galope no horizonte.

E a vida, o amor,  
a esperança?

E botas, bombas, massacres,  
racionamento, sangue nas manchetes,  
nações estraçalhadas e humilhadas,  
e o estupor da ameaça  
do terrível milênio,  
e os fuzilados e os maquis  
e as resistências.

E a Esperança!

Tio Carlitos me ensine o paladar  
do enfiador de sapatos  
— macarrão dos miseráveis —  
para que eu possa  
ser solidário com todas as fomes;  
me ensine a resistir  
ao uso generalizado dos homens  
como peças da grande engrenagem;  
me ensine com seu passo espalhado,  
sua bengala inagressiva,  
sua ridícula cartola  
a quente solidariedade  
aos miseráveis e sofridos.

— Urgente: enquanto é tempo  
me inclua na sua lista de Carlitos  
pois já rufam tambores, já estrugem  
os clarins do anti-homem,  
já legiões com águias suásticas  
levantam joelhos e reboam grossas  
botas esmagadoras  
sobre a indefesa Europa,  
as Áfricas e Ásias;  
já aves de rapina e de metal  
rosnam e grasnam em todos os céus  
ensurdecendo o azul  
com seu rumor de morte;  
já a Inquisição Nova sacrifica  
milhões na cruz da câmara de gás.

Que aprender? Nessa teia de aranha  
como saber se é noite ou dia,  
o direito e o avesso,  
a cara e a coroa?

Só retornando sempre  
à sábia inocência da infância  
para rever, reentender, redecidir,  
rejulgar  
já que não é possível  
reentrar  
no paraíso intra-uterino  
para viver sem sofrer (ser).

É preciso alimentar o coração  
a que só servem náusea  
de um sangue incorruptível  
e fundi-lo em diamante  
para que não se parta ou se dissolva  
entre ácidos de angústia  
e de revolta.

O órgão estava então gemendo  
as dores do mundo  
e o incenso  
enchia a nave da catedral  
do perfume asfixiante  
dos te-déuns e dies irae,  
o céu e o pecado vizinhos  
no aprendiz dos caminhos de deus;  
o exilado, triste nas imaginações  
e lembranças,  
a desaprender o deus do catecismo  
nas razões da filosofia;  
o exilado  
só em si, frio  
de invernos severos,  
a disfarçar seu desterro  
nas árduas conjugações  
e equações que sujam os cadernos  
entremeados de poesia.

Ó, eu chorando por mim na tarde úmida  
sob o véu comovido da chuva.

Minh'alma tinha palmeiras  
onde a ave do paraíso  
vinha cantar ladainhas  
para meu ser indeciso.

Minh'alma tinha palmeiras  
onde o demônio da vida  
também mandava seus pássaros  
cantar uma outra cantiga.  
Minh'alma tinha palmeiras  
e vozes de céu e terra,  
desafiantes melodias  
que punham meu ser em guerra.

O sabiá do meu corpo  
desafiava o de minh'alma:  
meu ouvido era de terra  
e só um canto escutava.  
Do Penedo da saudade  
lancei os olhos além.  
Sonho meu de eternidade  
com saudade rima bem.

Ó sombras das Torres de Anto  
dos choupais da beira-rio:  
que é dessas sombras que à tarde  
convosco se confundiam  
e ao ar as vozes erguiam  
e as mãos erguiam no ar?  
Sem saber por onde iam  
aonde iriam parar?

Ó capa preta, manto da noite  
enrolando-me os sonhos, ó pedras sábias  
que D. Dinis ergueu em templo  
à deusa ciência. Ó Coimbra,  
inteligência romântica de um País  
sentimental, fonte de santas heresias  
a pulsar para sempre  
nos corações que um dia  
na água de tua fonte os lábios jovens  
embriagaram.

Como entender o mundo? Mil verdades,  
sofismas, teorias salvadoras,  
braços erguidos, corações em chama,  
ululantes aplausos, punho erguido,  
bandeiras, brados. Árdua, a solidão  
de quem isento pára, isento pensa

e procura a verdade sem facções  
como o naufrago busca  
a praia, a vida.

Ontem e hoje assim. Nos verdes  
adolescentes anos ou cinquenta:  
como entender o mundo?

Ó vida, minha deusa,  
por que me abandonaste  
no tempo desumano?  
Quando meu vizinho  
se curte do ódio  
do que estou pensando;  
quando cada rua  
em vez de vizinhos  
mão e mão se dando  
facções inimigas  
na teia de intrigas  
vai multiplicando;  
e espiões, delatores  
inventam suspeitas  
te denunciando;  
cada coração  
partido em partidos:  
ninguém é irmão.

Dindinha, Santoca, Juquinha, Nhanhá,  
paladar brasileiro do amor familiar  
reencontrado. Avó, mãe, tias  
mas um caminho só, a mesma  
sabedoria do amor materno multiplicado  
em fala e gesto,  
em banho de cheiro e bolo de tapioca,  
em reza e promessa,  
em conselho e zelo,  
em aviso de perigo e vigília noturna,  
em verdade ensinada e mentira protetora.  
Os tios maduros de vida humanizada, os irmãos  
tão outros pelos efeitos do tempo.  
E o pai severo.  
A família reagrupada na metade do século  
e hoje tão dispersa sobretudo pela morte  
e os efeitos maléficos da ausência

das matrizes que lhe eram seiva e alento.  
Ó solidão sem retorno!

Meu mundo vivido lido, lido vivido,  
devoradamente consumido em milhentas  
páginas, meu segundo mundo  
que de tão nele inserido  
nem mais sabia (e sei?)  
qual o real ou irreal  
ou reais ambos,  
ambos irreais.

Ó páginas paisagens  
palpitando vidas  
a convidar-me que as vivesse!  
Em quantos me vivi  
a desviver a vida que eu vivia.  
Quanta vida aprendi vivendo a alheia  
vida inventada. Assim me envelheci  
tão precoce em meus dias:  
Sei de coisas e sei que nada sei.  
E do nada que sei me viverei!  
E o que sei? De quanto vi, ouvi,  
li, senti, vivi, imaginei?

Que a terra cumpre seu ofício  
e a lua o seu ofício  
e o sol o seu ofício  
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o chão  
ao germinar a planta  
e a ave quando voa e canta  
e o tempo de inverno e verão  
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o mar  
nutrindo nossa fome, e o vento  
que enfuna a vela ao navegante intento;  
noite e dia em seu rito pendular.

E o Homem, não.

Que exerce seu ofício natural  
tudo que pulsa ou não,  
é necessário ou vão,  
sangue ou metal.

E o Homem, não.

A pedra, o pão, sol e luar,  
a água, a terra, o fogo, o ar  
cumprem, sendo o que são, seu plano.  
E o Homem: desumano.

Décadas de 40 e 50. Tempo  
de colher os sonhos com a mão  
e sentir seu gosto. Tempo  
de aprender por completo  
a sintaxe do sexo. E de exercer  
o direito de inventar amanhã  
como se o futuro  
pudesse ser moldado em barro  
por uns poucos oleiros.

Tempo de plantar  
as grandes amizades. Tempo  
do amor profundo e denso  
como um naufrágio fértil.

E tempo de mergulhar  
minhas raízes mais profundamente  
nesta salsugem  
de insular marinheiro  
na gávea dos sobrados  
e de impregnar o corpo de minha alma  
das dores tropicais  
da gente que se nutre  
de sua própria fome.  
Tempo de encontro com a Poesia,  
única humana salvação.  
Tempo do primeiro livro alimentado  
na placenta de jovens angústias.  
E do primeiro filho em que me recém-nasci!  
Tempo de multiplicar-me: filhos,  
minhas manhãs,  
meus sinos, meus sábados de ressurreição,  
minhas aleluias, meus álibis e absolvições,  
excessivo pagamento da minha incompetência  
de operário da vida.

E também tempo  
de guerra fria, de Mundo  
partido em ódios, de terror atômico

— espada do juízo final,  
imensa ave de rapina  
sobrevoando o Mundo.

(Apesar do calvário  
daquela cuja dor  
e despedida  
a todos nos crucificou  
para sempre. E por quem  
tanto de mim morri  
que para sempre  
em mim, dentro de mim,  
meus sinos dobram).

E outros sinos dobram  
sobre estas vidas podres  
que se espraíam  
neste colar de palafitas;  
a renda da miséria  
a enfeitar de protestos  
a próspera cidade  
dos que lucram e comem.

E meus olhos  
com a miopia das lágrimas  
desta amarga paisagem  
buscando divisar,  
para além da falência  
de verbosas falácias  
de entronados pavões,  
o tempo em que os humildes  
possam ser exaltados  
e os pobres não sejam  
só no reino dos céus  
os bem-aventurados.

Por que a morte pequenina,  
por que a sorte assim mofina,  
por que a palavra ferina?  
Por quê?

Por que o gesto que castiga  
e a solidão que fustiga,  
desamor que desabriga,  
por quê?

Por que a angústia de quem come  
só a solidão e fome  
e outras tragédias sem nome?  
Por quê?

Por que a laranja da vida  
pela mão geral colhida  
desigualmente partida?  
Por quê?

Ó quanto de mim morto  
nos vietnãs da Ásia  
e da minha alma  
e de minha cidade  
e minha pátria.  
Ó século sessentão e setentão,  
rio de tempo lamacento  
de angústias e de túmulos sem cruzes  
e de corpos boiando suas fomes  
e sonhos no sepulcro do silêncio,  
rio que me navega  
e que navego  
sem âncora nem porto.

Ó rio de estagnadas águas sujas  
onde florescem os piores ontens  
travando guerra com as águas limpas  
dos amanhãs brotando em fontes  
de lágrimas e dores  
tão puras como a melodia beatle  
e o canto dos sabiás sobre as palmeiras.

Viajei tão longe, corri tais caminhos  
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,

chego ao fim de mim sem achar começo  
que já me procuro pelo meu avesso

e mais avesso fico do quanto me cerca  
e só sou achado quanto mais me perca;

sinto-me um navio que saiu do porto  
e se perdeu sem bússola no grande mar morto

sem vento nem vela sem rumo que leve  
a roteiro seguro por caminho breve;

só, breve e seguro, vejo que naufrago  
no mar de mim mesmo, profundo e amargo.

E os agoras?  
Em tanta coisa má  
iguais a outroras:  
a multiplicação de pão e fome,  
muito mais numerosa a solidão,  
a praga da injustiça e a garra adunca  
do ódio vicejando como nunca  
e o homem lobo — rei dos animais —  
devorando os iguais.

E em cada esquina  
a palavra ou arma  
assassina.

E em cada beco,  
a palavra ou arma  
de medo.

E em cada porta,  
a angústia de bater  
sem resposta.

E em cada coração,  
a expectativa  
do não.

E em cada boca,  
o hálito do amor  
sem outra.

E em cada olhar,  
mensagens que não vão  
chegar.

E nos braços,  
a cruz de nossos  
calvários.

E em cada gesto,  
o temor do outro  
funesto.

Ó meus 18 mil dias e noites:  
que tempo breve, que infinito tempo  
e quantos amanhã tornados ontens,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Ó que magníficas derrotas  
contra a náusea de pérfidas vitórias,  
quantas partidas para o só regresso,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Quanta paixão sem lenitivo,  
quanta dor sem perdão e alívio,  
quanta esperança sem motivo,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Mas também certa melodia  
de palavra e intenção amiga,  
raro afago à minha fadiga  
enriquecendo sonhos obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Ora, nem tudo foi em vão  
se fiz a dor florir canção,  
se, de meus sonhos obsoletos,  
pobre, só filhos e sonetos,  
fiz música em teu coração.

É preciso viver quando se é vivo.  
E para se ser vivo  
— vivo ser —  
é urgente a cada dia renascer  
do ventre da mãe-vida  
mesmo para ser cristo  
nas manjedouras desta natureza  
e humanidade poluída.

E assim, recém-nascido,  
viver em cada dia  
o tempo e o modo de uma vida.

Sem se deixar  
deslumbrar  
com as manhãs,  
porque anoitece.

Sem se deixar  
anoitecer,  
porque amanhece.

E, em meio a tantas noites,  
guardar em si um sol  
para ver e cantar  
e sofrer e sonhar  
e ajudar a plantar  
as manhãs de amanhã  
quando o Homem  
qual a árvore e o inseto  
se cumpra  
em seu projeto.

O menino  
de 50 anos contempla  
o menino de 20 anos  
que contempla  
o menino de 8 anos  
que contempla  
o recém-nascido.

Qual o recém-nascido  
se viver  
não é sobreviver  
mas conseguir nascer  
das próprias mortes?

Foi um tempo de morte  
mas continuo vivo.  
Urge, então:  
recém-nascer,  
reandar, reaprender,  
ressofter, recantar,

rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer e lembrar,  
resser e reviver!

Passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
redar a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos  
e me reinventar  
reinventando a vida.

Mãe, entre tuas-minhas dores,  
teu antigo menino  
está recém-nascendo.  
Não esqueças o limão em meus olhos  
para o ácido dom de ver  
ainda que seja a morte:

O poema não morre.  
O amor não morre.

*São Luís, janeiro 1977*

e dissolves o ódio e a raiva encadeados  
Esqueces as horas sujas ou sem destino  
e enfeitas de sutil o trágico silêncio

#### POEMA

Dorme o segredo em tua boca múltipla  
Vais em silêncio e escusa em nossas ruas  
Que dizem teus cabelos e tuas ancas?  
Que impudor clamam teus seios agressivos?  
E acenas E agitas os cabelos  
e páras enigmáticos olhares  
E danças Como danças Intrrometes-te  
em nossas carnes e ficas tão distante  
E perturbas a música e o repouso  
desfazes o lirismo da cidade  
e andas com raiva e ironia e sexo  
por entre o povo e as ruas que te odeiam

#### POEMA

Minimamente pérfida a ironia  
fere o gesto mais fértil e envolve  
de esquecimento e áspera:  
o doce-amargo das frutas incisivo  
A vida se reduz a um lago estéril:  
sequer farrapo resto meia boiando  
sequer uma pétala murcha  
sequer a ruga do vento Simplesmente  
o inútil e a falta de forças na rosa do vento:  
do Sul vem um aceno dúbio  
do Norte um rosto úmido  
do Leste o mar intérmino  
do Oeste o aceno dúbio  
E qualquer coisa fria como pedra tumular  
comprime o coração e a última esperança

## POEMA

Silêncio.

Parem um minuto o canto de Marília  
as vozes anônimas a irritação os gritos  
os claxons o cinema a rua  
Dispersem a rua por um momento  
Fechem os rádios. Tenham cuidado com as portas  
Andem de leve. Prudência. Recalquem os murmúrios  
Guardem o amor por um minuto  
e a raiva.  
Suspendam os transportes anulem a cidade  
e deixem-me chorar ao menos uma lágrima

## NOTURNO

Certa presença concreta da noite vem  
insinua-se infiltra-se e entorpece  
de serenidade ou angústia. Ou dupla  
embala em sonho em acre e em silêncio  
Vem materna e serena mas corpórea  
e afaga o descanso e entoa a canção inatingível  
Então se avoluma o esquecimento e envolve-me e avança  
comigo nos braços para a distância e o sonho perfeito

## POEMA

Clara a manhã. Clara a serenidade  
Branco o horizonte. O teu vestido branco  
Puríssima a nuvem. A água nítida  
Tua carícia já sem cor de diáfana  
E se pousares a face em meu peito ou teus cabelos  
traçarem no ar a ternura mais tépida  
ficará sem limites e inconcreta a paisagem  
onde meu coração somente será rubro  
como a rubra malícia de teus seios

## RECADO PARA A POESIA

Só vens quando me dóis  
ou a manhã é excessiva

Eu te queria sempre  
junto de mim por tudo  
no mínimo — suave e tão benéfica  
Que fosses a mão terníssima  
e de teus olhos brotasse a luz para os tempos confusos  
e de teu ser imponderável a coragem de vida  
Vem poesia  
Perdi minha mãe muito precoce perdi a carícia  
perdi o sorriso turvei o rosto claro  
Que vai ficar de mim de encontro aos nossos dias?  
Vem poesia sem medo porém com pudor  
Dilui em pureza ou em lágrimas a rudeza dos tempos  
Áspera e dura que venha — Vem Poesia

## POEMA

Quero só uma flor  
para dar à metafísica

Quero só que o trigo  
surja até da pedra

Quero só que o poeta  
cante quando precisa

Quero só tudo  
na verdade escondida

E quero que tu sejas  
como és Maria

## NOSSO MUNDO\*

Desde que amanheça  
nada mais importa:  
o mundo continua

Desde que amanheça  
restará a Alberto  
morrer de fome

---

\* Intitulado "Poema", na 1.ª ed.

Desde que amanheça  
simplesmente Marília  
tomará morfina

Desde que amanheça  
dobrarão os sinos  
por certo mundo perdido

E amanhecerá

#### POEMA

Sei que tuas mãos  
são simplesmente carne

mas insisto  
Que algo de estranho haverá nisto?

Sei que João  
morderá as unhas  
porém dou-lhe um cigarro  
Por que esta vontade de sacudir seu braço?

Sei que de nós  
ficará apenas  
o que o chão desprezar  
E continuo a pensar

#### POEMA

Margarida tem  
o passo impalpável  
e é tão anônima  
quanto necessária  
Não canta nem dança  
não fuma sequer  
e é virgem e tímida  
mas como constrói  
Suponhamos que  
seu noivo é do Banco  
se engana num cálculo  
As coisas complicam-se  
a luz se interrompe

e acontecem fomes  
desmoronamentos  
Chamem Margarida  
roguem-lhe que fique  
que salve a cidade  
sem que ninguém saiba  
Depois acreditem  
no passo impalpável  
de que é tão anônima  
quanto necessária

### PROGRAMA\*

O pensamento pare  
à beira do rio  
e goste da água  
e da flora na margem

o desejo fique  
tão grande e supérfluo  
que se vier é ótimo  
se não vier guarda-se

A memória esqueça  
as traições passadas  
e fixe simplesmente  
o momento anterior

Seja olhar o rio  
a única salvação  
e a alma se estenda  
ao sol verdadeira

### POEMA

Sempre a barba resiste e me apresenta  
quando tento ajustar os movimentos  
À luz do dia surge e doira a face  
de desprezo total indisfarçável

---

\* Intitulado "Poema", na 1ª ed.

E surjo eu próprio (que inconveniência):  
esquecem-me as palavras estudadas  
e emendo boa-tarde com insultos  
e gestos bruscos fora de propósito  
Então alguém recua e a comoção  
me garante o papel duma inutilidade

## CONTINGÊNCIA

A água do copo inunda o oceano  
Construo o céu com cinco coisas fúteis  
Dou-te uma santidade bem mais simples  
e mais azul que a da Virgem Maria  
Porém o gesto feriu-se em coisas ríspidas  
e tenho de ir ao Leôncio contra a barba

## POEMA

Na rua alguém pensa em pesados passos  
No sótão róem ratos Na cabeça  
os pensamentos pensam-se pensando  
e a vida vai vivida à flor de si

Na rua alguns pesados passos pensam  
em certas agonias que acontecem  
No sótão róem ratos róem fáceis  
sem nada além do seu ruído de rr

Os pensamentos pensam-se pensando  
certos e comovidos do que eu vi:  
de ti das flores da manhã das coisas  
E a vida vai vivida à flor de si

## HISTÓRIA DO TEMPO ABSTRATO

A chuva lavava a rua  
ou lavava o pensamento

Em baixo ficava a rua  
em baixo ou no pensamento

Alguém passava na rua  
pisando meu pensamento

Os passos dados na rua  
ecoavam no pensamento

A mulher já ia nua  
— na rua ou no pensamento?  
E eu vi a mulher por dentro

### POEMA

Na margem esquerda  
não há pensamentos  
Na margem direita  
não há emoções.  
A água do rio  
são conhecimentos  
imagens sentidas  
palavras intatas  
E o rio perpétuo  
contínuo e violento  
arranca das margens  
esquerda e direita  
pedaços que integra  
e prossegue e aumenta  
e chama-se vida.

### CÂNTICO

Maria imperfeita  
Complemento direto  
Socorro de vítimas  
Estigma da noite  
Estrela da manhã  
Violino proibido  
Canção de soluços  
Acaso inconcebível  
Corpo limitado  
— espírito sem sul  
Manhã impretérta

Luar estagnado  
Floresta sem rumor  
Segredo perigoso  
Clara e benéfica  
Maria: teu nome

#### POEMA

Entre o fumo da Virgínia  
tu perambulas em mim  
teus passos rápidos trêmulos  
Hesitas e te decides  
Ascendes neste bailado  
Vens mentir-me de ciúme  
raiva fértil beijo a medo  
silêncio de mais de menos  
Ó virgem dúbia e abscondita  
farpa de desejos. Ponta  
de faca de pensamento  
Meu recalcado lamento  
meu pecado indispensável  
Lembrança de azul parado  
de um adeus batido em prata  
Meu escudo e minha espada  
Palavra que não sabia  
mas queria. Gesto exato  
Fruto do meu ser intato  
Tu eu-próprio: ódio relâmpago  
beijo mentira agasalho  
abraço amigo sincero  
serenidade descanso  
mão leve de gesto fluido  
Meu amor. Porém a cinza  
E vens surgindo concreta  
desta Virgínia diáfana

#### POEMA

Por que sobre este chão perpétuo e incansável  
esta anemia de frustração e homens?  
Esta anemia que resiste às máscaras  
ao tempo à primavera à poesia

Este embrulho de gestos recalcados  
de palavras retidas  
de filhos melhores retardados  
de amor indeferido à falta de moedas  
As moedas sonoras que definem  
margens de vida rígidas e exatas:  
amar a tantos de tal e sem excessos  
Geração sobrando não no amor — às contingências  
E a salvação de tudo procurada em palavras  
despidas de si próprias frias nuas  
E a raiva transbordando em passos e olhares  
Ventres vazios. O sexo recoberto  
de desperdícios drogas cuidados preconceitos  
amor imitado  
crianças cantam na tarde azul cantam inúteis  
pelo amanhã em que serão os homens de hoje  
concretos de podre envenenados miseráveis  
buscando a salvação em sonoras palavras

Esta anemia de frustração e homens

## SONETO

Posto meu braço em ti não digo nada  
Sobre no teu olhar o dia que há-de vir  
(uns homens vêm mentir  
a sua história bem intencionada

Outros se queixam DISTO e com razão  
porém a deles não — uma outra exata  
Outros já nem se queixam só as datas  
de outras falsas promessas que virão

os preocupam  
Alguns se ocupam e outros não se ocupam  
da vida ou simples pormenores ou)

E eu vou fingindo nada ser comigo.  
(Finjo ou não finjo meus amigos?) Pou-  
so meu braço em ti nada digo.

## MÁRIO DE ANDRADE DESAPARECEU

Ninguém o esquece — todos o procuram  
Perguntam-nO às esquinas aos soluços  
Perguntam-nO à garoa e às rosas claras  
Vão a S. Paulo Vão a Lopes Chaves

Perguntam-nO às manhãs Folheiam livros  
Rondam retratos falam e reúnem-se  
Os oradores engulham seu nome  
O sorriso parou em muitas faces

Os amigos estranham seu silêncio  
proclamam que desceu para os infernos  
A cidade procura-O entre o frio

Ele partiu — Não chores Josefina  
este vazio de carícia e ausência  
O Mário foi-se embora pra Pasárgada

## SONETO

O tempo cansou a vida  
a vida se abandonou  
o abandono não bastou  
e uma florzita se lamenta

Secou a fonte que existia  
a madrugada emurcheceu  
o pão faltou  
e o pensamento

Depois ruíram as casas  
as famílias a tradição  
Sobrou um rato para Drummond cantar

O poema de Drummond salvou um homem  
O homem amou e reconstruiu a vida  
Qual a raiz da vida: o rato ou Drummond?

## SONETO

Amo-te e basta Pequeninos  
vamos os dois de mãos dadas e  
com a metade da vida que sabemos  
construímos a terceira real e certa.

Depois minha mão busca em tua cintura  
resposta para a angústia metafísica  
que resiste apesar-de E surpreende  
uma criança duvidar de ceticismo

Vem de teus olhos tal ternura ou malícia  
que vou por uma estrada cambaleando  
e como é doce não saber da vida

Ou então permaneço quão diverso  
daquele que minha mãe teve coragem  
de parir para ti um certo dia

## SONETO

Um homem desceu ao mundo  
na Piedade  
com duas fábricas ao lado  
e a cidade depois da curva

No dia em que ele nasceu  
um automóvel descuidado  
matou Antônio  
(Ficar até ao fim é privilégio)

O homem passou da curva  
e das fábricas ao lado  
para dar o seu recado

Mas o Diário de Notícias precisava necrológico.  
Daí que ele morresse simultâneo  
ao surgir de outro para a continuação

## SONETO

Inicialmente a metafísica seria  
concreta como flor e necessária  
Depois o gosto de estragar dos homens  
fez dela o horror de certas cédulas gastas

e ninguém mais a usou exceto raros  
dos quais por tradição se desconfia  
Sumamente ridículos se encontram  
sujos e desprezados nas esquinas

Amam amargamente o mundo Amam  
como quem sabe que todo o mundo esquece  
o que eles não esquecem com razão

Duvidam de si próprios ou constroem  
um outro mundo real e abstrato  
tão possível como eles pelo menos

## AUTO-RETRATO

Lucília trata bem de minhas roupas  
Rufino cuida bem de meus sapatos  
As gravatas mais caras são resíduos  
de aniversários: para não usar

Dos óculos se vingam as paisagens  
e as formas femininas insistentes:  
sempre a maçã fecunda e cor-de-rosa  
gritando quanto valem as pupilas

O resto é tudo fruto do descuido  
A competência o curso com diplomas  
os cabelos confirmando a propaganda

têm tal alergia a mim fenômeno  
que deles sei tão-só pelo desprezo  
Que grande ser gratuito à flor da vida

## MATERNIDADE 1

Seus braços são teus braços Suas pernas  
copiarão o teu andar, O olhar  
terá essa volúpia que a paisagem  
deixa leve em teus olhos Suas mãos

farão a mesma curva no afago  
Um homem multiplica a tua boca  
a malícia a intenção a persistência  
o jeito das respostas atrevidas

o sestro a hesitação e gestos bruscos  
Um homem falará com teus defeitos  
igual e diferente por inteiro

Ventre curvo de força e de matéria  
de ti — mistura de saudade e horror —  
ELE virá: a carne e inteligência

## MATERNIDADE 2

A moça estéril chora a noite inteira  
no muro de luar e de silêncio  
Soluço vai no vento e volta frio  
e não há mãos maternas que o adormeçam

Seu corpo nu repousa como praia  
sem marés sal rumor: somente areia  
Haste sem flor. Serena despedida  
sem lágrimas sem dor. Manhã inútil

Nos espelhos suas formas se diluem  
No chão seus passos leves não se imprimem  
O tempo esquece os gestos e as palavras

E ela vai nua pelas galas nuas  
Seus braços vão vazios pela noite  
Mãe embala nos braços tua angústia.

## SONETO

Vou do teu corpo para o mistério  
Singro na noite de gelatina  
Pensar em ti é o trampolim  
salto perpétuo sobre o abismo

Alguém incisivo traçou as curvas  
que nos envolvem e circumpremem  
e há em teu sexo certo argumento  
que rói o ceticismo e o esfarpa

A melodia cambaleia em movimentos  
que a Igreja condena e teus braços  
abertos crucificam sem piedade

Da ansiedade teus seios se libertam  
e rasgam o sétimo véu da vida  
Da lembrança de estarmos um homem se erguerá

## O MORTO E A ROSA

A morte vai tranqüila em muitos rostos  
O morto vai tranqüilo e entre rosas  
No céu a ave qualquer traçou o adeus  
Do chão sobe a canção que embala a angústia

E o morto vai secreto entre o silêncio  
Seu corpo desce enfim à terra fértil  
— pasto de vermes — desconhece a dúvida  
Vai com ele a saudade feita rosas

que o embalam e fecham de silêncio  
Uma rosa porém sub-reptícia  
tombou: fugindo a ser socorro aos bichos

Uma rosa escapou aos pés monótonos  
Uma rosa escapou aos dedos úmidos e  
guarda em perfume o espírito do morto

**POESIA  
REUNIDA**

Bandeira Tribuzi

**POESIA  
REUNIDA**

1.º volume

Secretaria da Cultura do  
Estado do Maranhão

•  
Alhambra  
•

© **Bandeira Tribuzi, 1986**

**Capa: Maria Luiza Campelo, com  
desenho original de Bandeira Tribuzi  
Todos os direitos reservados**

**ALHAMBRA**

**Tipo Editor Ltda.**

**Rua das Marrecas, 36-701**

**Tel.: 240-1650**

**CEP 20.031 - Rio de Janeiro-RJ**

# ÍNDICE

<i>Por quem choram as casuarinas</i> , de José Sarney .....	VII
<i>A trajetória de um poeta</i> , de Jomar Moraes .....	XI
<i>Tribuzi, bandeira lírica do amor social</i> , de Nauro Machado ...	XVII

## POESIAS REUNIDAS

<b>ALGUMA EXISTÊNCIA</b> .....	3
(Poema, 3; Poema, 3; Canção, 3; Poema, 4; Poema, 4; Poema, 5; Poema, 5; Hoje e depois 1, 6; Hoje e depois 2, 7; Estrada do tabaco, 7; Poema, 8; Poema, 8; Poema, 9; Noturno, 9; Poema, 9; Recado para a poesia, 9; Poema, 10; Nosso mundo, 10; Poema, 11; Poema, 11; Programa, 12; Poema, 12; Contingência, 13; Poema, 13; História do tempo abstrato, 13; Poema, 14; Cântico, 14; Poema, 15; Poema, 15; Soneto, 16; Mário de Andrade desapareceu, 17; Soneto, 17; Soneto, 18; Soneto, 18; Soneto, 19; Auto-retrato, 19; Maternidade 1, 20; Maternidade 2, 20; Soneto, 21; O morto e a rosa, 21.)	
<b>ROSA DA ESPERANÇA</b> .....	23
<i>Cancioneiro</i> : Flor de pedra, 26; Arte poética, 26; Exercício marítimo, 27; O sono, 28; História, 29; Segunda canção da praia, 29; Soneto corporal, 30; Soneto lírico, 30; Fim de concerto, 31; A mesa, 31; Soneto abstrato, 32; A porta estreita, 32; Novo soneto lírico, 33; Retrato do pintor Cadmo, 33; Balada do marinheiro, 34; Consideração de aniversário, 35; Canto nupcial, 36.	
<i>Itinerário do corpo</i> .....	39
<i>Flor de pedra</i> : MCMXLVIII, 45; Parábola, 46; Desastre, 46; O intervalo, 47; Agora, 47; A boca, 48; Lamentação do quase ex-príncipe, 48; Retrato de Sancho Pança, 49; Balada do cobrador de bonde, 49; Balada do vagabundo, 50; Farewell da prostituta, 51; Canção, 52; A cédula, 53; Evocação da palavra campo, 54; Cabalística, 56; Ode ao tempo, 56; O navio, 58.	
<b>SAFRA</b> .....	59
<i>Noturna Alegria</i> .....	61
<i>Condição Terrena</i> : Invocação da lua, 68; Canto dos galos, 69; O ar, 70; Os minerais, 70; Os vegetais, 71; Os animais, 73; Consideração do tempo, 73.	
<i>Livro de sonetos</i> .....	80
<i>A máquina do mundo</i> .....	90
<i>Balada da Praia dos Lençóis</i> .....	103
<b>SONETOS</b> .....	109

<b>PELE E OSSO</b> .....	121
(Em busca do tempo perdido, 123; Asacruz, 125; Bichos, 128; Lutoluta, 131; Sobre os rios, 134; Romance do senhor de escravos, 139; Antroponáutica, 143; Canção quarentã, 147; Confissão de amor, 152; Quandonde?, 159; Proposta, 163; O homem em pele e osso, 165; Genesis, 170)	
<b>BREVE MEMORIAL DO LONGO TEMPO</b> .....	175
<b>CANÇÕES NO EXÍLIO</b> .....	199
<b>VIOLA DE AMOR</b> .....	209
(Cantar, 211; Fonte incessante, 211; Maternidade, 213; Saudade marinha, 214; Romance, 216; Sobre o amor sem desfalecimento, 216; Oferenda, 217; Cantiga, 219; Canção, 219.)	
<b>ROMANCEIRO DA CIDADE DE SÃO LUÍS</b> .....	223
(Pré-história, 225; Imagem, 225; História, 226; As vozes, 227; Fonte do Ribeirão, 227; Pedra de alma, 228; O signo, 229; O herói, 229; Auspícios, 230; Os sinos, 231; Os poetas, 232; Os telhados, 232.)	
<b>ÍNTIMO COMÍCIO</b> .....	233
(Bucólica, 235; Declaração, 235; Paisagem, 236; A inevitável, 236; Poema natural, 237; Poema inventado, 237; Prisma, 238; Monotonia, 239; Hipocrene, 239; Amor marinheiro, 239; Sinfonia pastoral, 240; Ternura, 240; Refúgio, 241; Canção amarga, 241; Corpo desnudo, 241; A Lua, 241; Identificação, 242; Ode a García Lorca, 243; Manhã, 243; Praiana, 244; Um dia cantarei, 244; O juro da morte, 245; Nosso calvário, 245; A noite e a madrugada, 245; Cantiga, 249; Libertação, 249; Natal 1947, 250; O que não morre, 250; A amada oculta, 250; Canção na tarde, 251; Vida, 252; A flor das águas, 252; Canção do silêncio, 253; A noite amanhecida, 253; Velada luz, 254; Ave da vida, 254; Novembro I, 255; Novembro II, 255; Novembro III, 256; Noturno marítimo, 256; Canção do cativo diante da morte, 257; Soneto corporal, 257; Amor selvagem, 258; Intimidade, 258; Ano novo, 259; Poema concreto, 260; Elogio do mundo, 260; Bom conselho, 260; Ave Maria, 261; Tranqüila pastorinha, 261; Pequena profecia, 262; A posse, 262.)	

## POR QUEM CHORAM AS CASUARINAS

José Sarney

*Escrevo estas palavras com lágrimas. Rasgam o coração, rasgam a alma, rasgam o corpo. Não morre com Tribuzi somente o poeta, o político, o jornalista, o amigo, o escritor, o professor, o orador, mas sobretudo um pedaço da Cidade, um pedaço do Maranhão, uma substância dinâmica da vida do Estado, já hoje implorando por lideranças, pedindo talentos, suplicando grandeza e gestos de amor.*

*Neruda, certa vez, disse que um amigo morto era como um carvalho tombado no meio da casa. Eu não me acostumo à idéia de que esse carvalho seja uma criatura tão sem defeitos como o poeta Bandeira Tribuzi. A Cidade de São Luís, a partir de hoje, está menor, perdeu uma grande parcela de sua expressão humana. É como se os azulejos estivessem sem brilho, as pedras de cantaria perdessem um pedaço de sua história, as carancas do Ribeirão estivessem chorando, e o próprio vento da Baía de São Marcos trouxesse até aqui, neste encontro do Bacanga e do Anil, lamentos de velhas casuarinas.*

*Juntos começamos a aventura de viver na Província um sonho literário. Tribuzi aqui chegou há trinta anos e morre neste dia oito, da fundação da Cidade de São Luís, Cidade que ele amou e por ela se deixou possuir em versos de amor e de desejo, em êxtase de paixões. A Cidade perde o seu maior poeta, seu maior cantor, o seu grande louvador. A poesia era a sua vida, a sua querência, o seu encanto, a sua fuga. Não conheci ninguém tão bom, tão avesso ao ódio, tão desinteressado da maldade humana. Ele tinha sempre um sentimento de paz. Nas horas das lutas mais árduas, a sua serenidade era imperturbável. Por isso mesmo ele era um quebra-mar das nossas exaltações. Personalidade harmoniosa, mesclava a humildade com uma grande cultura, uma inteligência extraordinária, uma sensibilidade lírica que vinha dos veios portugueses maiores, desde o Camões das redondilhas, até o Fernando Pessoa das cantigas de marinheiro.*

*Grande orador, didata dos mais claros, jornalista de texto primoroso, poeta dos maiores que esta terra já viu em toda sua história, maior entre os maiores, grande entre os gigantes e insubstituível entre os novos, pois dele veio o vento de renovação da literatura maranhense que soprou depois de 45 e germina até hoje. Sem Tribuzi, outra seria nossa história literária.*

*Nesta Casa, ele foi a grande inspiração. Foi ele quem comandou o projeto, a montagem, o dia-a-dia do O Estado do Maranhão. Sem ele o jornal não teria nascido e não estaria funcionando. Ele era a própria imagem da dedicação, e, submisso a ela, submetia-se à tirania do seu trabalho sem tempo para nada.*

*Várias vezes o adverti do perigo da estafa. As emoções e o cigarro deviam diminuir, e nossa geração já estava chegando à travessia dos 50, cheia de perigos coronários. Ele sorria. O cigarro era fácil abandonar; as emoções, jamais.*

*Sua sensibilidade para o fato social vinha de sua formação humanística. Era o europeu que se choca com a pobreza e revolta-se. Sua atitude é, em si mesma, um choque cultural. Tribuzi sofreu-o ao constatar a realidade maranhense, depois que veio de Coimbra e trocou o vinho Dão e o queijo da Serra pelo requeijão e a tiquira. Sua vida passou a ser, então, uma permanente militância contra aquilo que achava injusto. Mas, não era uma atitude política. Era uma postura poética. Nunca deixei de respeitar os seus pontos de vista. Respeitava-o como amigo, admirava-o como pessoa humana. Esse amor ao Maranhão levou-o a ser o assessor inteligente de dois governos, e a ele deve o Maranhão a exegese de sua pobreza e a formulação dos programas que devia cumprir para sair dela.*

*Devo-lhe muito da formulação dos programas executados no Governo do Maranhão. Foi sua mão trêmula, servida pela inefável estrela da poesia, que eu vi traçar, num mapa deserto do Maranhão, a linha da Santa Luzia-Açailândia. Posteriormente, no Governo que me sucedeu, consumiu os seus dias na tarefa de elaborar projetos e sonhar progresso.*

*Tribuzi morreu numa hora em que não devia morrer. O grande poeta, até na hora da morte, mostrou que era essa flor humana rara. Acusavam-no de materialista. Nunca ninguém ouviu de sua boca uma palavra de lamentação ou uma amargura*

maior. Pois bem: na hora de morrer, cercado da família, da irmã religiosa, dos amigos, deseja saber da vida:

— Estou sem forças. Ajudem-me.

A irmã, com os olhos baços, não lhe pôde mentir nessa hora extrema. Ela lhe diz a verdade:

— Meu filho, nada podemos fazer.

Tribuzi tem os olhos parados, o seu grande coração abre-se em um adeus. E aquele materialista, incapaz de cometer a menor das violências, perdoa todos os seus detratores, frustra todos os seus inimigos e entra no caminho da eternidade com a mais cristã de todas as mortes, repetindo o verso eterno — como disse Dom Motta — que marcou a agonia do Gólgota:

— Pai, seja feita a tua vontade.

É assim que Tribuzi morre\*. Com uma mensagem de paz, com uma compreensão da vida, com uma visão de Deus.

O Cemitério, às seis horas, olha o espírito do poeta partir para a eternidade, montado no seu cavalo de versos para o reino dos santos, heróis e anjos, ele que foi santo, herói e anjo, acolitado pelo Santo, São Luís, no seu dia, o dia da Cidade de São Luís, que ouviu, soluçando, o povo cantar sua Louvação, entre as lágrimas dos homens e o choro triste das velhas casuarinas que gemiam por nós e por Bandeira.

O Estado do Maranhão, São Luís, 9 set 1977, p. 3

\* N.E. Tribuzi morreu e foi sepultado dia 8 de setembro de 1977.

## A TRAJETÓRIA DE UM POETA

Jomar Moraes

*BANDEIRA TRIBUZI, nome com que passou à história literária José Tribuzi Pinheiro Gomes, nasceu em São Luís, a 2 de fevereiro de 1927. Era filho do português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e de sua mulher, a maranhense Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes, cuja ascendência remonta ao pintor italiano Domingos Tribuzzi, que no século passado se radicou na capital maranhense, onde faleceu.*

*O pai de Bandeira Tribuzi, comerciante próspero em São Luís, sócio majoritário da tradicional firma Pinheiro Gomes — Representações A.A. (fundada em 1908 e ainda operando), visitava constantemente sua terra natal, quase sempre acompanhado da família, que desejava fosse também portuguesa:*

Adeus. La vou  
para o exílio português  
navegando pelo patriotismo de meu pai  
que desconfia das letras brasileiras  
e gostaria que todos os filhos  
nascidos no Brasil fossem bons portugueses  
até no sotaque com que ele resistia  
aos seus sessenta anos brasileiros.

*(Breve memorial do longo tempo)*

*Antes que completasse três anos de idade, seguiu Bandeira Tribuzi com os pais para Portugal. Ali permaneceu até concluir sua formação superior, havendo estudado em Aveiro, Porto e Coimbra.*

*Destinado, por desejo paterno, à vida sacerdotal, como franciscano, fez até o seminário maior, mas se recusou a tomar ordens, por falta de vocação. O poeta, que, de volta a São Luís, não tardaria a deixar sua mesa de trabalho na firma Pinheiro Gomes, cedia ao apelo da vocação mais forte, que apontava para a poesia, para o jornalismo, enfim — para as letras que lhe dariam “a herança só de filhos e sonetos”, e não para um endereço no centenário Largo do Carmo, fosse ele a casa comercial da família ou o convento que batizou o logradouro.*

Formado em Filosofia e em Ciências Econômicas e Sociais, retornou José Tribuzi Pinheiro Gomes a São Luís em fins de 1946, na companhia dos pais. E começava seu destino gauche, na visão do português Joaquim. Não vinha de burel e tonsura, para as festa da missa nova na cidade natal, nem pretendia usar o nome prestigioso na praça — Pinheiro Gomes.

Trazia uma sólida cultura humanística, trazia os seus poetas preferidos, grandes vozes da renovação em Portugal e no Brasil — Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Pessoa, Drummond, Manuel Bandeira; também trazia García Lorca e Maiacovsky.

Mas, entre o franciscano que recusou ser e o comerciante que não quis permanecer, alguma coisa lembrava as qualidades de vocações tão díspares: a simplicidade no trajar-se, marcada sempre pelo uso de sandálias, e o gosto pelo trabalho diuturno. O frade que não foi ainda poderá ser entrevisto na decisão do novo batismo onomástico. São José Tribuzi Pinheiro Gomes, que esse, no Maranhão, jamais poderia ser nome de poeta, mas Bandeira Tribuzi: homenagem a Manuel Bandeira, poeta brasileiro de sua predileção, e o nome de família — justamente o evocativo do ascendente artista, poeta das cores e das formas.

São Luís, em 1946, tinha grande movimentação cultural. Faziam-na jovens cheios do entusiasmo, dos sonhos e de uma certa rebeldia naturais a essa fase da vida. Apesar disso, estavam bastante defasados em relação aos avanços estéticos da época. Ia-se vencendo a década de 40, mas São Luís, a bem dizer, ainda nem se dera conta do vendaval de 22. Praticava-se, em larga escala, o sonetão parnasiano, e também se insistia em velhos motivos nacionalistas, recorrendo a modelos românticos muito utilizados no século passado, notadamente os arroubos de talhe condoreiro.

Bandeira Tribuzi logo pontificaria num grupo de jovens que com ele passou a reunir-se em diversos pontos da cidade, notadamente na Movelaria Guanabara, do pintor Pedro Paiva.

Discutia-se muito, de literatura a artes plásticas e a música, mas o forte, mesmo, nunca deixou de ser literatura, com predileção especial para a poesia, graças a marcante tradição maranhense até hoje plenamente válida.

Esse contato com os moços de sua terra — e que passou à crônica literária local com a denominação de Movimento da

*Movelaria — foi chamamento a que muitos acudiram. E a partir do qual se desencadeou um vigoroso processo de renovação de que Tribuzi sempre participou. Não como enfatuado ou pretensu líder, que tal condição jamais aceitaria para si, mas com as responsabilidades de homem de seu tempo, comprometido com as angústias e os problemas de sua terra e de sua gente, preferindo, como repetidamente afirmou, ao aplauso da crítica, a compreensão, pelo povo, de sua mensagem. Sentia-se portavoz, por isso mesmo que desejaria comunicar-se através de um grande e permanente comício literário, com seus versos validados através da apropriação pelo povo, como disse num livro publicado postumamente (Íntimo comício):*

Não quero meus versos  
numa antologia.  
Quero-os rolando  
caminhos e dias  
na boca do povo:  
rosa da esperança  
vermelha e florida.



⌘

A publicação de *Alguma existência* (1948), estréia de *Bandeira Tribuzi em livro*, correspondeu a um dos maiores acontecimentos literários de São Luís nessa década. O livro tornou-se pedra de toque de todas as conversas e discussões literárias, e também pedra de escândalo para muitos. Exagerado não seria afirmar que igualmente *Alguma existência* tornou-se pedra angular da nova poesia maranhense, imediatamente revelada por diversos livros, a exemplo de *Um pouco acima do chão*, de *Ferreira Gullar*, ou *Estrela do céu perdido*, de *Lago Burnett* (ambos de 1949).

Entre manifestações iradas e expressões de aplauso, registre-se esta mostra da verve maranhense, segundo a qual Tribuzi foi a uma loja para comprar calçados e, indagado sobre sua pontuação, respondeu: “Eu não uso pontuação.”

Aludia-se ao fato, ainda estranho em São Luís, de um livro grafado em minúsculas e com raríssimos sinais de pontuação.

A produção poética de *Bandeira Tribuzi* vai muito além dos livros reunidos neste volume. Parte já foi publicada postu-

"Gonçalves Dias", in O Estado do Maranhão (suplemento)

**c) trabalhos econômicos**

Esboço da formação da economia maranhense.  
Comportamento recente da economia maranhense.  
Perspectiva econômica das BRs no Maranhão.

*Publicações póstumas*

**a) poesia**

Poésias completas. Rio/Brasília, Cátedra/INL, 1979 (reunindo todos os títulos do item "a", mais os livros: Canções no exílio, Viola de amor, Romanceiro da Cidade de São Luís, Íntimo comício e Outros poemas).  
Rosamonde (o touro da morte). São Luís, SIOGE, 1985.  
Tropicália; Consumo & dor. São Luís, SIOGE, 1985.

**b) novela**

Da conveniência de fazer-se um deputado conveniente. São Luís, SIOGE, 1985.

**c) trabalho econômico**

Formação econômica do Maranhão; uma proposta de desenvolvimento. São Luís, FIPES, 1981.

*Permanecem inéditos os livros Chão agreste (romance), Canção da prisão (contos) e uma coletânea de textos políticos e econômicos.*

*Já foram arroladas 43 composições musicais (letra e música), e é de sua autoria a marcha-rancho "Louvação a São Luís", tornada hino oficial da capital maranhense.*



*Fecha-se esta notícia biobibliográfica repetindo os últimos versos do Breve memorial do longo tempo: "O poema não morre / O amor não morre"; para acrescentar: Bandeira Tribuzi, pela força de sua poesia, não morreu nem morrerá jamais.*

mamente (Rosamonde e Tropicália) e comporá outro volume, juntamente com o que sua viúva, Maria Tribuzi, está carinhosa e competentemente recolhendo de jornais, revistas e de um baú cheio de manuscritos.

Mas não se resume à poesia a produção literária de Bandeira Tribuzi. O poeta era também músico, economista, professor, compositor, jornalista e ensaísta. Em todos esses campos produziu bastante, alcançando qualidade e quantidade admiráveis para os 50 anos de vida que teve. Não era ficcionista, porém deixou uma novela de costumes, recentemente editada.

Bandeira Tribuzi viveu a maior parte de seus dias em São Luís, mas fora o "exílio" português, da infância à primeira juventude, morou em Fortaleza e no Rio de Janeiro, trabalhando em jornais e em departamentos de comunicação social de empresas.

Em 1960 regressou a São Luís, como economista do DNER, cargo do qual foi demitido em 1964. Por sua corajosa militância na imprensa e em praça pública, tiraram-lhe o emprego e mandaram-no para a prisão.

Com a eleição de José Sarney para o Governo do Estado (1965), Bandeira Tribuzi foi convocado para trabalhar no planejamento governamental e teve relevante papel nas ações que então impulsionaram o desenvolvimento maranhense.

A partir daí, sempre esteve ligado aos órgãos de planejamento estadual e jamais deixou o trabalho em jornal, onde ficou grande parte de sua produção intelectual, sob as formas de artigos, ensaios, crônicas e matérias de redação. Relaciona-se, a seguir, a produção de Bandeira Tribuzi até agora levantada:

*Publicações em vida do Autor:*

**a) poesia**

Alguma existência. São Luís, 1948.

Rosa da esperança. Rio, Orfeu, 1950.

Safra. Rio/São Luís, Dep. de Cultura, 1961.

Sonetos. São Luís, 1962.

Pele e osso. Rio, Orfeu, 1970.

Breve memorial do longo tempo. São Luís, 1977.

"Guerra e paz", in Itinerário (Fortaleza-CE).

**b) ensaio literário**

"Do silêncio ao concretismo", in Cadernos Brasileiros

## TRIBUZI, BANDEIRA LÍRICA DO AMOR SOCIAL

Nauro Machado

*Bandeira Tribuzi não teve a venturosa sorte de ver sua vasta obra criadora enfeixada em um único volume, proposta que, apresentada ao Conselho Federal de Cultura por Josué Montello, quando do cinqüentenário de nascimento do autor de Pele e Osso, só viria a se tornar realidade dois anos após a morte do poeta, com a publicação do volume Poesias Completas (Editora Cátedra-INL), em 1979.*

*Fruto de uma existência abruptamente cortada quando ainda tinha tanto a nos oferecer e na hora mesmo em que a sua visão ascendia a novos cumes e mais se apurava no lirismo a tomar dimensões macrocósmicas na panorâmica de um universo onde o único e possível epicentro é o "infinito maior do próprio homem", conforme vaticinou no seu poema "Antroponáutica", Bandeira Tribuzi intuiu uma outra realidade a ser vetoriada na síntese do seu ser numa dupla abrangência prospectiva: a da ruptura poética no meio ao qual voltou depois de sua vivência coimbrã e a de reconstrutivamente, apesar e contra mesmo o ephos de sua lírica ancestralidade portuguesa, captar a realidade verdadeira da terra de onde criança partira e cuja crueldade visual era outra daquela de onde retornara, exceto na miséria dos sistemas arbitrários semelhantes e tangenciados por uma lira cujos sons eram os escutados pelos ouvidos abertos às rachaduras do chão baldio da fome coletivizada.*

*Lançado aqui, logo ao chegar, em 1947, seu livro de estréia Alguma existência, com poemas muitas vezes sem vírgulas, pontos ou outros quaisquer sinais lingüísticos utilizados para o discernimento linear da frase vocabularmente castiça e pura e no classicismo avesso a qualquer experimentalismo (e que aqui era como uma muralha intransponível contruída sobre os muros de uma Atenas que se orgulhava de possuir o último sabiá ou curió de nossas matas pretensamente gregas), Tribuzi, a princípio, deve ter encontrado somente mofa ou escárnio por parte dos que cultivavam civilmente o solene soneto parnasiano, a lubricidade caduca a inferir-se e entranhar-se em modelos de estatuárias mitológicas ou a ode heróica a entronizar, nos desfiles militarescos, as rimas bombasticamente patrióticas. Isso*

quando não se atinham, nossos bardos e aedos, aos acrósticos esmiuçadores das virtudes ou belezas femininas servidas no bolo de aniversário onde se banquetevam nossos pretensos helenos, defensores servis de um passado servido na afrodisíaca carne exposta à carícia mais frustrante ou subconscientemente à mais solerte e bestial das intenções.

E o mais importante: Tribuzi para aqui voltou como um homem animal político, na definição milenar de Aristóteles. Como um técnico capaz de agenciar novas mudanças sociais. Como um árbitro de tendências estéticas que, timidamente embora, já se aventuravam a vir de novos nomes, cá e de fora, sobretudo os de fora, na divulgação do que além das nossas fronteiras se expandia nos experimentalismos do século XX, com nomes que se chamavam Fernando Pessoa, Antônio Boto, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Eluard, Aragon, Breton e muitos outros.

A fase cronológica de sua temporada coimbrã, ele a quis cunhada à semelhança, embora por motivos diversos, de quem entoou uma das mais sentidas canções de exílio jamais escritas em língua humana, nos poemas que pela primeira vez reunidos nessas Poesias Completas, nos fazem apreender a psicologia de quem se sabia “no” exílio e não fruto “do” exílio (Canções no Exílio, Portugal, 45/46), cantando desterrado no ego a viver mais consigo que com os outros e a quem não interessava a paisagem empírica para sentir-se viver na “fotografia física” que a todos enganava, pois o que dele, Tribuzi, ele via

“não era mais que a cisterna  
onde a minha face interna  
se escondia.  
E essa face ninguém via”.

*E essa face que ninguém via*

“fugindo de mim com medo  
de desvendar o segredo  
por que anseio  
e que receio.  
Fugindo aos outros, temendo  
serem afinal o espelho  
dos que me afasta de mim”.

*ele, o desterrado, a trazia irrevogavelmente presa a si, espelho físico do seu público, embora a todos enganasse (como a todos enganava). E à dessemelhança, assim, do Poeta Maior que tornara pública e universal sua saudade, pedindo a Deus que não morresse sem que antes ainda visse as palmeiras onde canta o sabiá, Tribuzi, lírico e exilado também, já se introjetava, por influências de idéias pairantes no ar, de demandas psicológicas múltiplas e às vezes contraditórias, como no poema 14:*

*”nunca ninguém me disse o que eu (se o fora) me dissera”  
“nunca nada me foi aquilo que o penso”,*

*já prevalecendo aí, contudo, ou aí se fazendo pressentir, seu comprometimento futuro com uma poética que o fizesse igual a todos:*

*“nunca eu seja um animal  
excepcional”.*

*Essa é, pois, a igualdade que Tribuzi revela logo no primeiro poema do seu livro Alguma existência, publicado em São Luís, após o retorno de Coimbra:*

*“entrego minha alma ao céu de abril e à rebeldia”.*

*A um céu de abril correspondente a manhãs claras de uma “Maria claríssima de carne completa”, e à rebeldia que seria doravante o eixo sobre o qual girariam as molas e engrenagens frementes de uma ideologia a ganhar a estrada do amanhã, antevista por um homem corporal como os demais, sabendo embora que*

*“nos rins se processa um mistério tão sério  
que é injusto esquecê-lo”,*

*e que essa duplicidade*

*“deixa um gosto de soda-cáustica que fere até a alma  
se exista”. “O caminho é poder ir sendo”.*

*Mas ir sendo com o Poema (título mesmo de muitos trabalhos enfeixados nesse livro, tais os antológicos das páginas 14, 19,*

20 e 26) até que da maternidade, na lembrança de sermos e estarmos, um homem se erga de/e para uma nova vida, um novo nascimento, pelos poetas cantado desde os albores do mundo, pois que a própria morte, fruto também da vida, vai "tranqüila em muitos rostos" e o "morto vai tranqüilo e entre rosas" ("Soneto" e "O morto e a rosa").

Arlete Nogueira da Cruz, em sua monografia *A atual poesia do Maranhão*, diz com acerto que para Tribuzi "a morte não representa indagação, medo, absurdo. Significa paz, vizinha à liberdade na ressurreição, e em *Pele e Osso*, está sempre associada à idéia de porto".

Desse livro capital, na sua trajetória estético-criadora, Tribuzi parte, não somente por necessidade ética mas por um incoercível impulso congeminal geneticamente lírico, para fazer da sua poesia uma síntese dialética marxista vivida, sofrida e escrita por um homem que, antes de comprometer-se politicamente, era um grande poeta na totalidade étnica e ôntica do seu ser. Pois, "on ne nait pas communiste". "On le devient, après mûre réflexion" (P. Valéry). Paul Eluard era um grande poeta antes de aderir ao Partido Comunista, e Orozco, um grande muralista, e Joliot-Curie, um grande sábio: e todos o foram antes de comunitariamente se comprometerem politicamente. Eles escolheram ser comunistas depois de terem sido escolhidos, por algum desígnio superior, para a tarefa maior da poesia, da pintura ou da ciência. Sobre esse aspecto torna-se esclarecedor o pensamento de Alfredo Bosi, no seu livro *História concisa da literatura brasileira*: "o problema do juízo fica mal formulado quando se concentra no critério, aliás vago, da 'utilidade necessária' ou do 'necessário desinteresse' da arte. O poema é obra humana: enquanto 'humano', está sempre em função dialógica, vem de um ser em situação que fala a outros seres em situação, isto é, comunica-se 'com' e empenha-se 'em', é objeto, produto de uma invenção, arranjo de signos internacionais que se constelam em uma estrutura; não atingido esse limiar de organização, ainda não existe como poema e pode ser julgado, no plano estético, uma obra frustrada, malgrado as intenções do emissor". E o emissor, em Tribuzi, atingiu sublime e sibilinamente o social enquanto arte, nos poemas que formam *Alguns* existência, este início orientado para o futuro, na idéia de progresso, "a escatologia no sentido espiral dialética de Kant

e Hegel”, conforme diz Emil Staiger sobre o poeta alemão Spitteler no seu livro *Conceitos fundamentais de poética*.

Livro que traz o bojo cheio, como mulher grávida, do que o pensamento arranca à terra de concreto e duro, e não de evasivas sentimentais, Rosa da esperança sutilmente alia — na sua textura temática — o artesanal técnico-pictórico que o construtivismo de Picasso apreendeu da geometria cubista (da qual o futurismo pode ser considerado a representação na poesia) à retaliação de tudo que constitui materialmente este nosso mundo contemporâneo: mesas, cadeiras, gavetas, alimentos hortigranjeiros, “colunas dos teus seios”, “remos na inconsútil baía de teus beijos”, “flor da água como nuvens”, o retrato do pintor Cadmo Silva, companheiro de geração, “situado entre o vago, o verde e a vida”, “ouvidos de orquestra” e circundantes que “em torno de Beethoven se contorcem”, e tudo do itinerário do corpo, herdeiro da esperança dessa rosa mas também da “boca já cansada de alimentos, beijos, de palavras, de protesto”.

É nessa Rosa da esperança, mesmo a brotar da flor de pedra “entre o muro, a impotência e a madrugada”, que o poeta ainda tresandando à bata franciscana com que lhe quiseram forjar uma vocação anacrônica pela humildade mesma com que, sem batina ou terço, veio a conduzir-se ecumenicamente pelo tempo afora, cria no poema “Parábola” a Cinderela de um conto de fadas mais consentâneo com o fabulário do século XX, onde a realidade transfiguradora do pesadelo não dá trégua à utopia de quem, por ser princesa, rica por nascença e herança, “no seu jardim limitado”, que “já nenhum prazer lhes dava”, pois

“em seu palácio a prendiam,  
de esplendor a sitiavam,  
de vestidos a cingiam,  
sua beleza esmagavam”,

sai de sua casa-palácio, “absurdamente descalça”, fugindo dessa casa-palácio (a segurança burguesa da propriedade privada que para Phroudon é um roubo e crime), “absolutamente descalça”.

Se a usura é o câncer do azul, como disse o fascista ou profascista Ezra Pound em um de seus mais belos cantares, o dinheiro sincronizado historicamente na estória dessa “Parábola”, é para Bandeira Tribuzi a cédula comprada

“pelo rude esforço  
de membros e idéias”,

e que

“breve se recolhe  
no túmulo frio  
do pesado cofre”.

*E conclui Tribuzi, na sua anatematização da cédula-câncer-usura do azul:*

“a pequena cédula,  
cotação de vida,  
quem terá o gesto  
para destruir  
seu destino torpe  
e, em definitivo,  
convertê-la em lixo?”

*Já aparece nesse livro também a primazia formal do soneto que Tribuzi tornaria no desideratum orgiasticamente mais perfeito e superior (excluindo-se talvez os poemas em “terza rima”) da sua orquestração sinfônica em tonalidades rítmicas que, quando rimadas, lhe dariam a condição de mestre dessa forma antiga por ele tornada viva e moderna.*

*Como o futurista Maiakovski, para quem só é comunista quem destrói a retaguarda, impedindo assim qualquer possibilidade de fuga, Tribuzi, usando de objetos vocabulares comuns, como pé, amor, chuva, — e à quase semelhança de Drummond, que não rimará a palavra sono com a inconseqüente palavra outono, chama um tratorista (Marinetti talvez devesse preferir o condutor do veloz expresso ou o piloto da esplendorosa máquina voadora, já que para ele qualquer engrenagem movida a óleo ou gasolina possuía mais beleza que a Vênus de Milo), para em Safra, seu novo livro, em sua “ordem do dia”,*

“remover a neve desta folha de papel”.

*E a neve que aí, na sua metonímia, significa a frieza da desumanização do humano e da desemoção da técnica redutiva e redutora do poeta contemporâneo, especialista de uma meta-*

*linguagem alheia à comunicação vocabular direta com o homem comum, se torna, como no futurista russo, em que “a natureza ficou louca”, por ser ele “todo coração”, por um processo de osmose mimética, na sístole e diástole de sentimentos que enobrecem Tribuzi pelo seu desejado condicionamento de “coisa terrena”. E nessa condição terrena pretende e consegue cantar, como o Neruda das Odes elementares, o ar, as nuvens, os galos, a lua, o vegetal, os animais, enfim, o numinoso mundo*

*“da própria terra  
em seu húmus”.*

*E cria, ou melhor: recria no Livro de sonetos, a forma da qual, como dissemos, é realmente um mágico a recompor do medievo aquilo que Franklin de Oliveira (Viola d'amore) chamou de “conceito medieval (no seu estudo sobre a poética de Manuel Bandeira) da importância do corpo feminino, ao lado do lastro romântico da saudade, sentimento que nasceu da conjugação do paganismo como o cristianismo, cujo encontro se deu na Idade Média”.*

*Do soneto dedicado à Mãe ao décimo-oitavo e último deles, cuja temática é a do seu próprio fim, na hora derradeira de*

*“quando pó forem meus nervos  
e minha carne o adubo de uma rosa  
e uma ave voar no meu silêncio  
e tudo quanto fui seja memória”.*

*se respira ritmicamente a sabedoria artesanal dos séculos num gesto de escrita praxisticamente forjadora de móveis mais justos e humanos na permanência gelstática de um imorredouro e eletivo acordo do Homem afiançado com o Todo do qual é parte irreduzível, embora seja apenas*

*“a música incontida  
da palavra comigo sepultada”.*

*Já em Pele e osso, no seu proustiano “Em busca do tempo perdido”, poema com que inicia essa sua nova safra de sábia e dolorosa convivência, Bandeira Tribuzi rejeita de imediato a cortiça com que o criador de Albertine se servia para alhear-se*

do humano mundo das vozes que se atritam no ar com a ener-  
vância de lixa ou vidro em outro vidro friccionado, e onde agora  
“há uma bala voando”: o feito por Tribuzi, nesse livro, é refei-  
to dentro do real, na ovulação hidrogênica do terror cósmico  
a espreitar-nos, e entranhando no carisma concreto e total que  
somente o corpo humano, esse composto de “pele e osso”, po-  
de oferecer a quem se deixou regressar, pedindo apenas

“que me apresse  
a ser meu, antes de tudo  
me vista de esquecimento  
e a vida me diga NÃO!”

*Mas ser só dele, dele só, Bandeira Tribuzi, ser individual, individualizado e indivisível, ser que só teve a dor que lhe cabia, como pode ele consegui-lo, se a própria dor é carbono de uma outra dor, se o homem é o papel duplo intransitivamente reflexivo do que no espelho vizinho se move idêntico a ele, bicho humano de “pele e osso”, predestinado a um mesmo chão, embora seja possuidor dos meios capazes de no interregno estendido entre início e fim, construir um mundo mais belo e justo? Ele, Tribuzi, precisa se repartir ecumenicamente no/e com o verbo que lhe coube e que o faria mais feliz fosse ele insensível, na sua pele e nos seus ossos, ao que se passa nessa Sião cuja paráfrase camoniana é como que um ciclo retrospectivo da “tradição renovada” de que nos fala T.S. Eliot, mas sem o fragmentarismo que caracteriza o criador de The Waste Land, pregador da ortodoxia mais extremada do individualisticamente alienado em si, como no repasse psicanalítico residual fascista de Carl Jung a dizer (sobre o homem coletivo) que um milhão de zeros reunidos não fazem nada, infelizmente, somados a um.*

*Inegavelmente é esse o maior e mais perfeito livro de Tribuzi, pela maestria com que se utiliza de todo o seu conhecimento artesanal em variados metros e múltiplas medidas: nas terças rimas desenoveladas em achados onde o seu cerebralismo se dissolve em construções paroxisticamente imbricadas na idéia ajustada ao ouvido do que, colado ao chão, escuta — como sói acontecer nos seres virginais primitivos — o aproximar-se dos sons em que se agrupam e dispersam as nuvens cantadoras das distâncias pressentidas; o rimário originalíssimo de*

*palavras e termos partidos com que se únem, de um a outro terceto, a ritmia aglutinadora de vogais que se encontram ou dispersam no laço eufônico da "cantata" social que ele intenta e consegue; a paráfrase camoniana do seu "Sobre os rios" e a feitura algo condoreira, à semelhança do poeta dos escravos, nessa atualizada Vozes d'África do "Romance do Senhor de escravos"; os sonetos (mais uma vez) que vindo do Gênesis, são o construir-se de quem*

*"assim me fui fazendo até o quanto  
agora sou (metade do que eu fosse?)",*

*e tudo isso escorado pelo metaforismo a circunavegar, após havê-lo feito na altiplanosa antroponautização de quem, apesar de ir sempre*

*"além da estratosfera  
povoando o silêncio indefinido  
com a esteira de luz dessa quimera",*

*e após devassar o oculto*

*"como um deus humano iluminado",*

*vem a saber, descendo à Terra, que*

**O INFINITO MAIOR É O PRÓPRIO HOMEM,**

*o "homem em pele e osso", na definição, sem ambigüidade nenhuma, do que é a pele e do que é o osso, o direito e o avesso, fazendo um só corpo*

*"no aparente engano  
pois sendo diversos  
(direito e avesso)  
pintam o universo  
dos seres humanos".*

*E se já nesse Pele e osso, Tribuzi deixava antever por vezes a quebra de um sistema verbal dentro daquela ibérica certitu-*

de medular de formas fixas e metros tradicionais, cadências já ouvidas no desfilar de antigas e admiráveis estrofes do seu privilegiado estro, em *Tropicália* (consumo e dor), que cronologicamente vem após a feitura daquela pele e daquele osso (e não incluído nessas Poesias completas), fruto que nos associa instintivamente, ainda que pelo oposto, às tristuras dos incandescentes trópicos decantados por um Lèvy-Strauss, *Bandeira Tribuzi* dá continuidade a uma evolução essencial para a sua certeza de criar um benefício de uma civilização melhor.

Poder-se-ia, no entanto, à primeira vista, e numa superficial e inocente leitura, não abrangedora dos motivos mais fundos dessa *Tropicália* — tropos de equatoriais febres rítmico-amorosas e cantabilis-revolucionárias, notar ou fazer crescer uma palpável ruptura entre essas monumentais notas e os seus livros anteriores. Destarte, no caudal voluptuoso das enumerações verbais presas à arritmia de um gigantismo geográfico que se desdobra numa fauna e flora inexcedíveis, *Tribuzi* como que se extasia diante do panorama físico, humano e terreno, oferecido aos seus olhos de esteta e à sua inteligência de homem contemporâneo voltado para a angustiada busca da síntese dialética onde o sonhar possa ser de fato o irmão do fazer. A concreitude do topos imaginativo e o ideal de um imperioso desejo de amor comum, nele arraigados como a fonte umbilical estendida do uno para o coletivo, mar-forte-rumo onde todos possamos juntos beber do licor da esperança e seguir após para a alegria de um futuro mais justo e humano, eis o lastro verbal de quem, acima da “mais-valia”, condição própria a um computador qualquer, vê e vislumbra, moldando-o, o valor da única e veraz valia: o Homem, balança síntese do que os lábios pronunciam ao se abrirem para a vida numa permanência que, através da Palavra, se embrenha palpitante pelas entranhas do imperempto. O homem, somatório do eu e do tu, leito onde se juntam as partes que se anseiam no Todo, o homem de Cristo e de Marx, das epopéias silenciosas — doloroso epicentro paradoxal! — das catacumbas romanas e também das lutas promulgadas à luz dos decretos que se homologam pela força do povo cantando a aleluia da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Sendo o amor “o único despacho de todas as Igrejas sem igrejas”, neste verso sintetizando de maneira admirável os vá-

*rios modos da religiosidade do nosso povo, no sincretismo que lhe é peculiar, Tribuzi prega o verdadeiro ecumenismo na globalização dos que, embora diversos nos quadrantes das necessidades íntimas de cada um de nós, tem por base o Amor que move os céus e as estrelas, conforme os imortais versos do genial florentino.*

*Tropicália, manancial lírico de um homem que foi “gerado em prazer” e “parido com dor”, compondo numa “Pavana do fim do mundo” o lamento de vozes que também são as nossas, se compõe de 14 poemas de largas proporções e extensos veios, em quase todos eles fazendo-se ouvir o grito de quem não se anestesiou pela duração milenar de uma miséria dia-a-dia contemplada e mais vivida. Mas a “caritas” de Tribuzi, espírito marcado pela religiosidade dos claustros silenciosos, onde cedo cumpriu um noviciado logo desfeito pelas exigências de fazer parte da correnteza que engrossa as vozes testemunhadoras de um tempo no qual somos peças de uma engrenagem sem nome, e ante-hóspedes de um castelo onde nunca entraremos, réus processuais de enigmático e insondável Juiz, na concepção kafkiana, este “tempo de partido”, “Tempo de homens partidos”, na circundante e universal voz do cantor itabirano nosso irmão, não é uma “caritas” de pieguice melíflua e pegajosa, mas uma “caritas” realista e forte de*

*“quando a caridade está  
em chamar-se a um burro - burro  
e em chamar-se porco a um porco”.*

*Por isso, pergunta ele:*

*“Homens há... Cadê os homens?  
Mas homens há certo poucos  
que ainda chamam as coisas  
com os nomes delas próprias”.*

*Pois ele, mais do que ninguém, faz parte desses poucos que sabem “só as palavras sinceras”, podendo, portanto, dizer*

*“que há prostitutas com filhos  
e há belas damas ó damas  
que se espremem, se escangalham,*

assassinam e esfarrapam  
para que os homens delas  
repousem em sua carne  
os olhos e depois o sexo”.

*E sabe, nesse poema inicial de uma Tropicália onde o verde não esconde de nossos olhos a gangrena de mentiras que se ousam disfarçar em verdades, das máscaras burguesas, dos vícios orgiásticos e dos roubos perpetrados, em nome de poucos, contra a massa espoliada em seus mínimos direitos e chorando por seus fundos olhos de fera acuada, para morrer, no submundo palafitado de uma pólis em decomposição. É o que ocorre com o José da Silva do poema “Várias hipóteses de José da Silva”, no ABC do teorema traçado por um geômetra inexorável, fiel unicamente às leis amorais da matemática pura, flor além do bem e do mal e mãe das economias sadicamente planejadas, esse José que, após conseguir trabalho em profissão salário-família,*

“não chegou ao fim do mês  
pra colher a melhoria,  
pois foi, compulsoriamente,  
aposentado da vida”.

*Contudo, porque é simples, diz Tribuzi no poema “Palavras do fim do mundo”, ele no-los cantará, pacientemente, a todos esses crimes e todos esses subornos e chantagens, irrompendo numa catapulta de metáforas escritas e ferro e fogo, como o próprio anjo do apocalipse despejando, graças ao átomo fissurado pela inteligência demoníaca do homem hodierno, um rosário de dor, lama e ódio sobre os nossos lares outrora limpos e habitáveis.*

*E, da maneira como os fenomenólogos sabem ter a alma uma vivência idêntica e paralela ao fluir do hálito e do sopro, no respirar-se a intimidade anímica das paredes imanentes ao Todo entranhado no seu ser-em-si, como naquela correspondência de sons, perfumes e cores, revelada no célebre soneto baudelairiano, Tribuzi respira, nesse ar de miasmas e podridão, também as “árvores sonhando o horizonte parado” e também as rosas, e o vento, e o pensamento, e o peito, nudez, saúde e lágrimas, porque*

“de mim sei que não me calo  
enquanto houver poesia  
e me a garganta der voz”.

*Voz que é única e verdadeira, voz que se debruça sobre este “Tempo dos conglomerados”, onde “quem não é deus chegou ao seu final”, pois “está na hora de cantar adeus”, hora em que “A meditação da ponte”, ponto crucial no espaço construído pelo homem, leva o sonho a povoar-se de imagens cheias de uma lubricidade viril e sã, arquitetura do mais alto desejo inflando nas mãos forjadoras das carícias que, como o rio abaixo, são águas fecundas, subindo e descendo, descendo e subindo para cobrir e banhar “o tabernáculo do prazer com sua gruta recôndita e úmida”. Voz medida pelos acentos mais graves de um alto e duro humanismo e testada nos combates de uma poesia fiadora do bem comum:*

“por isso canto: por mim,  
pelo que me faz cantar,  
— o amor que do sem-fim  
me veio para te amar —  
e por nós e porque vim  
para este canto nos dar”.

*E chega finalmente àquilo que alguns poetas-chansonniers como Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda e Chico Maranhão e alguns outros conseguiram na parafernália da hora propícia a todos os timbres experimentais: a música como meio e veículo mais amplo de comunicar a poesia. Ei-lo no início de “Samba-coral”:*

“Ponham a mão  
no coração  
porque meu samba  
é de batida  
coração.

*Como refrão?*

— Eu digo não.  
— Eu digo não.  
— Eu digo não.”

*É o não escutado também no poema "América-América", onde há o mesmo sopro*

"dos rios como oceanos de seiva circulando  
o corpo ainda intacto da mãe inumerável".

*Um não contra aqueles*

"que possam negociar os ritmos eternos  
ou negociar a alma nascida em liberdade",

*pois o nome da América ainda é puro*

"nas horas dos humildes, no coração dos homens  
que não vendem a vida nos balcões mercenários".

*Ombreando-se, em várias passagens desse canto, ao Carl Sandburg de "The People, yes" e ao García Lorca de "Um poeta en Nueva-York", Tribuzi escuta, imensa,*

"uma voz que pedia teu corpo verdadeiro,  
pão de comunidade exigida  
por milhões, e essa voz dizia só: AMÉRICA!  
Como se essa palavra já congregasse em si  
as pétalas benditas da rosa desejada  
e essa palavra era um prodigioso canto  
que os ouvidos da noite colhiam com espanto".

*É o mesmo Tribuzi a perguntar em "A promessa recusada":*

"se não existes por que não insiste  
a envenenar-me a persistente imagem?",

*concluindo no lirismo farto do soneto 4:*

"engana-se o destino que me engana  
e todo se engalfinha e enfim se dana  
pois não pode matar quem não inventa.  
Faço das noites minha madrugada  
e dela surges — doce recusada,  
em que a razão da vida se alimenta".

*É o Tribuzi de sempre, perdido na correnteza da vida e clamando pela melhoria de vida. É o mesmo ser estendendo a sua Bandeira, símbolo dos que deixam países buscando a Pátria, terra onde possamos comungar com todos a liberdade de usufruir dos frutos ideais do nosso ser e dos frutos materiais do universo. Terra onde cada dia seja Natal, um Natal sobre a terra, já sonhado por Rimbaud, e não um Natal apodrecendo nas palafitas,*

*“onde floresce a vida breve  
das coisas não acontecidas”,*

*pois contra isso, contra o mercenarismo de estéreis corações e crapulizadoras mentiras é que ele, Bandeira Tribuzi, poeta fincado à terra com pés e alma de esperança, levanta sua voz cantando o “milagre da multiplicação/de pães de peixes/para todas as fomes”, para finalizar sua Tropicália, junto de nós e por nós, numa certeza plena e confiante:*

*“Assim seja!”*

*Esse “assim seja” que poderia ser o lema do infante D. Henrique ou o dos “cantares d’amico” com que El-Rei D. Dinis morria de saudades (palavra única na sua intransponibilidade vocabular a qualquer outro idioma) e também dessa Vida de amor, opus posterior à musicalidade fraternalmente exposta de Pele e osso e à co-participação unanimista do seu Consumo e dor, na amanhecência do*

*“Único trago em mim claro cantar  
que a doce amiga envia ao seu amigo”.*

*Desata, essa Viola de amor, além da marítima aventura portuguesa para quem viajar é preciso mas viver não, na praia corpórea do carnal sentido mais maduro. Viola ou guitarra, a melodia que dela sai é sempre a de uma cantiga ou canção, este pressago fado da saudade lusitana.*

*Assim também a série dos Sonetos, onde Tribuzi pede que*

“quanto em mim seja amor quero que aumente  
como o vento do mar em maré cheia”;

ou

“um dia hei-de levar à tua praia  
esta viva maré de que estou cheio”;

*e de onde, no domínio pleno dessa forma fixa, cultivada pelos seus companheiros da chamada Geração de 45, sobretudo Ledo Ivo, Konder Reis, Mauro Mota, Geir Campos, Darcy Damasceno, Paulo Mendes Campos e alguns outros poetas menores, ele parte para uma dispersiva e proposital dissecação estrutural dos quatorze versos pelo modus com que a eles imprime uma ruptura na sua conceituação semiológica. Se Tribuzi não chega, nesses Sonetos, à quebra total dos parâmetros formais a que estão eles tradicionalmente inseridos e agrilhoados, como o fez Murilo Mendes com os seus Sonetos brancos, cujo barroco lhes infunde uma perversidade metafísica ou uma quase heresia paratática “quevediana”, é notório, neles, o metafisicismo das vinhetas com que são retalhados, em entretons vocabularmente crepusculinos, os motivos cruéis e suprarreais do humano viver, aos quais, persignado, Tribuzi se confessa:*

“humildemente curvo-me à memória  
de Galileu, prisioneiro da verdade:  
fiel a si, à ciência, à realidade,  
— Infiel para os que pensam que a História  
se escreve em letras de sua vontade,  
seu apetite ou de sua irrisória  
limitação”.

*Pois sabe ele, ainda, que*

“Inquietações sempre houve contra quem  
tem a coragem de dizer que a Terra  
se move e nunca foi centro do mundo”.

*Como centro do mundo, do seu mundo interior/externo,  
lugar de ferro e fogo, força e poesia, fuzil e sangue, o Roman-  
ceiro de São Luís, sem nenhum arrebatamento épico ou arrou-  
bos verbais, apesar de nele cantar a História aqui feita com a*

*rebeldia pioneira de um Bequimão e o verbo orgiástico de um Vieira, é segmento importante na obra de Bandeira Tribuzi, que soube, com pudor e dignidade, reconstituir episódios e lugares de nossa cidade através de uma linguagem conotativa, ou seja, “auras de associações semânticas, geralmente banhadas de afetividade” (J. Guilherme Merquior — Formalismo e tradição moderna), conseguindo transmitir assim “toute la richesse situationnelle concrète d’un moment mécu” (Mourin).*

*De um momento vivido ou dos seus 18 mil dias e noites cantados no longo e final poema Breve memorial do longo tempo, com que ele, na premonição poética da morte iminente, por achar-se no meio da estrada da vida (qual Virgílio o fizera com o genial florentino) mas, já agora, sem o guia inicial que lhe fora o poeta lusitano emigrado do astral apesar de sua “mensagem sebastianesca”, caminha sozinho, absolutamente só, cantando:*

“mãe, olha o limão nos meus olhos  
que eu quero ver”.

*E ele, que tanto já vira e por tantas Siões andara, vendo misérias e injustiças sociais, e*

“antes que a morte me proíba  
de renascer as manhãs”,

*faz a rememoração dos seus cinquenta anos de co-participação humana, achando que*

“viajei tão longe, corri tais caminhos  
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,  
chego ao fim de mim sem achar começo  
que já me procuro pelo meu avesso  
e mais avesso fico de quanto me cerca  
e só sou achado quanto mais me perca”.

*E perdido, destarte, seu “eu” individual, individuado e indivisível, ele, Tribuzi, só se acha e encontra verdadeiramente livre, e total, rezando:*

“o poema não morre,  
o amor não morre”,

*antevendo-se e sabendo-se, se MORTO EM CARNE, entidade VI-  
VA EM OBRA, a refletir, eternizando-o, o tempo que cumpriu  
na cidade em que sonhou e fez erguer uma pátria poética que  
perdurará enquanto houver voz e vísceras, ou seja, homens ca-  
pazes de habitá-la na divisão equânime de um tempo*

“para boiar nas ondas da verdade”.

# ALGUMA EXISTÊNCIA

São Luís, ed. do autor, 1948

**A meus amigos**

*Lucy Teixeira*  
*Erasmio Dias*  
*Floriano*  
*Figueiredo*  
*Cadmo e*  
*Cláudio*

## POEMA

Entrego minha alma ao céu de Abril e à rebeldia.  
Descanso meus passos na sombra perdida no vão da memória.  
Meus braços repousam em teu corpo claro e azuis pensamentos  
florescem dos olhos afeitos enfim à feição do milagre.  
O silêncio surge: — farrapo de nuvem cor-de-rosa e débil  
e o ouvido apreende a canção sem rumor que em teu rosto  
[perpassa.  
Maria claríssima de carne completa Meu corpo duplo  
se perde em teus olhos teus seios teus lábios se encontra  
[em teu sexo

## POEMA

De um canto de mim alguém murmura  
a melodia que inverte os gestos ásperos  
Nos rins se processa um mistério tão sério  
que é injúria esquecê-lo.  
Minha perna se vestiu de coluna grega  
e diz que tem harmonia  
Porém do pensamento um líquido verde  
vem de mistura com restos e coisas de caixote de lixo  
Esta duplicidade ingênua e revertida  
deixa um gosto de soda cáustica que fere  
até a alma se exista  
Porém nisto somes verdade  
e o caminho é poder ir sendo.

## CANÇÃO

A cumplicidade  
de tudo me prende  
Fujo da verdade  
como quem se rende  
Não tenho inimigos  
fora desta vida  
Só digo a palavra  
não compreendida  
Vejo no espelho  
minha face exausta  
Amo o chão Receio o medo  
E basta

## POEMA

Não sei que poema escreva nesta manhã sem lágrimas  
se prenda as lágrimas e esqueça a poesia  
Mas como esquecê-la se ela só é materna  
e tem afagos concretos em suas mãos sutis?  
Quando desprendo quando me perco nas distâncias vazias  
Quando anulo o nome das ruas e vagueio e divago  
e existo em melodias e encosto a cabeça cansada  
na *Quinta Sinfonia* em Tchaikovsky em Mignoni  
e bailo sem pernas nem gestos a *Valsa do Adeus*  
Quando recordo Atenas e a Rua do Sol se arruína  
em Pompéia e sustento nos braços a criança que escapou do  
[Vesúvio  
Quando estrangulo a comoção pensando em Buchenwald  
Só ELA vem  
Só ELA persiste e insiste contra a raiva que asfixia  
só ELA me embala com sua canção de silêncio tremendo  
ELA a Poesia —: a mãe a carícia a paz única e certa

## POEMA

Como duvido às vezes de estar em teu amor?  
Toda tu vens tão fértil  
prendes-me os braços e os pensamentos  
e consigo inventar o mundo em teus lábios  
Um mundo simples —: pé de criança  
a árvore a sombra nós dois porém múltiplos  
como *décor* tão simplesmente a paisagem  
Um galo varreu do horizonte as nuvens escuras  
e ficou só a cor duma perna ingênua perdida no céu.  
Teu coração persegue mariposas no campo verde do eu  
[desejar-te.

Uma formiga sobe por teu braço  
e eu desço para ti no colo duma lágrima  
E tu dizes: Eu te amo Eu te amo cresce  
inunda os olhos as palavras a presença  
Canta na voz que rompe o dia  
e se amacia e perpetua  
Mundo: com vales montes e planície  
e a surpresa  
Na tua boca a vida se inicia Eu te amo  
Como duvidas às vezes?

## POEMA

Um cão ladrou  
na noite obscura  
tremores frios  
de inanição  
A mulher magra  
esperou cansada  
que a carne exausta  
fosse chamariz  
Poucos sexos jovens  
se investigaram  
muitos não conseguiram  
fugir à frustração  
Alguns descansaram  
outros se diluíram  
O caixote de lixo  
esperou esperou  
Depois rompeu  
a madrugada.

## POEMA

A alegria  
do teu olhar  
esquece tudo  
quanto fere

A cor morena  
da tua face  
esquece a con-  
creta amargura

O lírio tímido  
que tens na mão  
castiga a vida  
estúpida

Teus seios ásperos  
fendem o ar  
de uma carícia  
incrédula

As pernas ágeis  
bailam Depois  
gostam da terra  
e descem.

O vento estagna  
O tempo pára  
para te olhar  
ó virgem fértil

## HOJE E DEPOIS I

Ruidosa e pérfida  
a proclamação  
se afixa irreverente  
e suja a parede  
Insiste no ódio  
vestido de força  
e afasta com raiva  
se rosas da manhã  
O ódio que paira  
na proclamação  
irrompe com fúria  
e suja o olhar

Insiste no olhar  
a fúria violenta  
que afasta o amor  
o afago a carícia  
Os olhos irados  
e sujos proclamam  
na noite fechada  
a cólera acesa  
Os passos se apressam  
o medo caminha  
a morte se espraia  
na rubra manhã  
e as mãos desbaratam  
as rosas erguidas  
que os pés em tumulto  
esmagam no chão

## HOJE E DEPOIS 2

A vida perdeu  
a consideração  
que não tinha mas  
fingia ter  
Veio talqual:  
ela sem enfeites  
E uns homens disseram:  
— que brutalidade  
Só porque a verdade  
se tornara simples  
e as palavras tinham  
seu sentido exato  
Só porque o amor  
rompia com força  
do chão fecundado  
de sangue e de lágrimas  
Só porque as estrelas  
mais claras no céu  
se tornaram simples  
amigos distantes  
Porém vozes que  
surgem do martírio  
da terra esquecida  
da força esmagada  
ecoam tão fundo  
tão forte que dóem  
e a dor se transforma  
em clara carícia  
E a clara carícia  
que o chão reverdece  
amanhece mansa  
nos olhos doridos

## ESTRADA DO TABACO

Cigarro harmonizador  
Amo-te em planta em solidez de cinza  
e sobretudo imponderável  
Como um amigo te debruças sobre as dúvidas  
a timidez o medo a solidão  
Enfeitas de irreal as páginas dos livros

# **ROSA DA ESPERANÇA**

Rio de Janeiro, Orfeu, 1950

# CANCIONEIRO

## FLOR DE PEDRA

O mundo é flor de pedra! (O tempo escorre sobre nós lentamente um rio grosso de pesadelo, doenças, pensamentos desencontrados, destinos invertidos.

Canta sonoro o timbre das moedas, tentação da cidade e sua lepra, porém os pequeninos homens teimam em existir e a vida se conserva.

Pobre pequena vida permitida: sono, alimento, trabalho, sexo, sono, fome, abandono, desespero, raiva.)

Ventos que nascem na raiz da vida, tangendo a fria flor de encantamento, tecem poderes de desencantá-la.

## ARTE POÉTICA

Do pensamento e dos sentidos  
flui o rio dos poemas.  
O punhal da inteligência  
vibra tenso no alvo.  
O fio de sangue que brota  
é emoção colorida e pura,  
rubra chama em que se queima  
o coração apunhalado.  
Fria  
lâmina de punhal cravado,  
a razão ordena  
o que a emoção incendeia.  
No papel impresso, o poema  
pensa emoções e sente idéias.

## EXERCÍCIO MARÍTIMO

*A Fernando Ferreira de Loanda*

### I

A palavra mar,  
em lenta pronúncia,  
úmida, fria, amarga.  
Depois pensar no corpo  
de marinheiros, em histórias  
de infância, cartões  
ilustrados, recordação de praias,  
vistas e pensadas.  
Gosto de sal nos lábios:  
eis construída  
a paisagem. Coloquemos  
nela um barco. O vento  
(este vento real  
que agita os cabelos)  
continuará o exercício  
impelindo o sonho  
e a viagem.

### II

Distante do mar,  
sem cais nem velas,  
o bar tem âncoras  
e, leve, ondeia.  
Está no porto  
que pensamos  
flutuando em  
o centro da noite.  
Sobe a canção,  
melodia úmida,  
música de peixes  
deslizando entre  
algas. Estranho  
rumor de vagas  
nos adormece.

Só uma ponta  
de consciência  
nos diz que somos  
num bar, distante  
de cais e velas.

Dois marinheiros  
que não conversam,  
fumam e bebem  
naquela mesa.  
Deles construímos  
toda a paisagem,  
o porto, o barco  
e nele estarmos.

## O SONO

O pensamento frio  
se recorre do sono  
e as mãos se equilibram  
ao longo do corpo.  
As pernas esquecem  
fatais movimentos.  
A boca se fecha:  
túmulo de palavras.  
Os olhos repousam  
em dimensões outras  
e os ouvidos vibram  
de internos vocábulos.  
Na cabeça leve  
contra o travesseiro  
músicas de idéias  
se acendem e apagam.  
Dos rins às artérias  
se processa a química  
constância de vida.

## HISTÓRIA

A moça limita-se ao ofício.  
O moço sequer sabe da moça.  
Porém a vida acredita  
em ambos.

De comum, aparentemente  
existe apenas a cidade.  
(A cidade não vem ao caso:  
pequena? grande? aqui? na China?).

E como a vida tem raízes  
e particular interesse,  
vai suceder alguma coisa  
na história dos mencionados.

Alguma coisa, talvez mínima:  
queda de embrulho, aperto de transporte.  
Depois os fatos inevitáveis  
à consumação requerida.

A moça já ilimitada.  
O moço sabendo agora da moça.  
(No meio a vida com suas tramas.)  
Amanhã casam.

## SEGUNDA CANÇÃO DA PRAIA

Na praia passeiam  
corpos multiformes,  
claros, sem estigma,  
onde o sol demora.  
A nudez intriga  
areia e água.  
Talvez um pássaro,  
inútil e sonoro,  
flutua no ar já  
marítimo e  
os sexos levemente  
cobertos desafiam.

Mãos úmidas cruzam-se  
no intervalo fluido  
onde corpos conversam  
livres e completos.  
Beijos submarinos  
deslizam no sal  
para outras bocas.  
Uma secreta  
força de vida,  
festejada de  
cores ruidosas,  
ondula fértil  
enquanto a bola  
salta e disfarça.

### SONETO CORPORAL

Nesta manhã, que o sol torna madura,  
o vento forte passa contra a vida.  
Leve, o rumor das águas tudo banha  
e a música das cores vem subindo.

De pé no campo, como se crescera  
dele também, um corpo de homem está  
com sua carne morena e a cabeça  
coroadada de cabelo e pensamentos.

Junto de si a companheira guarda  
a cadeia da vida. Suas curvas  
são convite à carícia e profecia.

E o sol, que amadurece esta paisagem,  
vai desatando a vida que o aguarda  
ao mesmo tempo que desata o dia.

### SONETO LÍRICO

Da vida desconheço o quanto basta.  
De ti não sei se existes, muito embora,  
os sentidos proclamem o contato  
de um ser sem barba, árvore de delírios.

Com certa ingenuidade reconstruo  
a vida que se excede de malícia.  
Depois, apaixonado, deposito  
o fruto de pensar em tuas mãos.

Ó mãos felizes que transportam, mínima,  
tanta soma de vida! Ó vida tanta  
em tão pequenas mãos bem protegida!

Ó fruto de pensar em que balança a  
seiva de ingenuidade e de malícia,  
com tudo o que lhe empresto de paixão.

## FIM DE CONCERTO

Cessa o canto na boca, que ainda guarda  
leves sombras de som nas comissuras.  
O piano se despiu de mãos sapientes  
e fecha-se em mudez de branco e preto.

A estátua do maestro fica presa  
no último compasso ainda presente,  
e os ouvidos da orquestra e circunstâncias  
em torno de Beethoven se contorcem.

Suspensos no intervalo que ao aplauso  
conduz a comoção do que escutamos:  
semideuses baixando a criaturas,

no salão que reside em sonho ou quase,  
escoltados de ritmo e de espanto,  
flutuamos entre o trânsito e a música.

## A MESA

A mesa tem somente o que precisa  
para estar, circundada de cadeiras,  
fazendo parte da vida familiar  
entre alimentos, flores e conversa.

Escura mesa gravemente muda  
que, parecendo alheia a quanto a cerca,  
encerra no silêncio toda a ciência  
da idade desdobrando gerações.

Olho de cerne, comovido e frio!  
Indiferente coração parado  
entre o grito infantil e o olhar cansado.

Mistério de madeira rodeado  
por cadeiras, lembranças, utensílios,  
e um leve odor de tempo alimentício.

### SONETO ABSTRATO

Se o concreto alicerce da ternura,  
plantado na coluna de teus seios,  
fosse líquido entre teus braços, remos  
na inconsútil baía de teus beijos.

Se o rubor se infiltrasse de sorriso  
e o brando Não abrisse a porta ao Templo,  
franjada enfim a vida de outro tempo  
e a saudade de tua virgindade

feita alga ao tanger da novidade,  
ricos até daquilo que não temos,  
veríamos tombar, d'Aquela altura

até ao fundo frio, a fria túnica  
da falsa impuberdade:  
brancos à flor da água como nuvens!

### A PORTA ESTREITA

Entre estar vivo e a morte  
um interstício apenas, porém se  
do próprio sono limitado ao permanente  
é tão profundo o limiar de incógnita!

Como saber no emaranhado  
de voz, silêncio, gesto e rigidez,  
o tempo inicial da irreversível  
ausência e o derradeiro arfar do peito?

Como saber onde começa o adeus,  
onde parou o olhar, onde os ouvidos  
desceram véus imateriais ou quando

os sentidos, ornados de indiferença,  
caminham já na outra margem frios  
a este rumor de vida que não cessa?

### NOVO SONETO LÍRICO

Tua presença junto a mim é, como  
a passagem do vento pelas árvores,  
a pacífica paz do rio lento  
e a alegria de pássaros cantando.

Tua presença em mim é o tempo justo.  
O tempo das palavras encontradas,  
de gestos novamente descobertos,  
da recuperação de macho e fêmea.

Tua presença em mim promove salmos.  
Enche de azul a paz da noite próxima.  
Desata a obscura ciência do corpo.

Quando porém te afundas na distância  
sinto que, naufrago, fendo as frias águas  
e úmida cai a música dos sinos.

### RETRATO DO PINTOR CADMO

Situado entre o vago, o verde e a vida,  
nenhuma luz fictícia o estonteia.  
O seu país ergue-se sem fronteiras  
onde a raiz de ser tão só domina.

Quase-Quixote, sem alarde, rima  
o ofício, a isenção e o devaneio.  
Grande toureador das rudes tintas  
a quem o touro se entregou de joelhos.

Onde estiver está silêncio e força,  
cor, geometria, ritmo, desenho,  
e olhar de míope sobre o que aparece.

No campo do inconcreto corre a corça e  
semeia no caminho o que reveste:  
sexo, nervos e ruminar de engenho.

## BALADA DO MARINHEIRO

*A Gasparino Damata*

Marinheiro sendo apenas navego.  
Recolho paisagens e semeio filhos.  
Sou para o mar o que é a margem  
para o rio.

Não mancham lágrimas a face salgada  
mas de gosto, cor, som marítimos.  
Sonhos de meus olhos só navio e águas.  
Meus filhos sem pai serão bem meus filhos.

Marinheiro sendo apenas navego e  
descubro sereias, não imaginárias  
mas corpos de ter bem junto do sexo,  
brancas sim mas de carne melhor que sonhada.

Em Deus creio — se creio — porém de um modo  
diverso de como o costumam pensar:  
alguma coisa de forte e concreto,  
distante e certo, feito de noite e mar.

O medo me ignora. Navego, navego.  
Mesmo posto em terra permaneço úmido.  
Com álcool, mulheres e navalhadas  
em nevoeiro me situo e flutuo.

Descobri paragens talvez por descuido,  
talvez por instinto ou conhecimento,  
e ainda hoje em cada ilha descubro  
estas saudades liquefeitas que apascento.

Marinheiro sendo navego até quando  
meu sólido corpo descansar gelado  
e então delizarei imponderável, químico, transposto  
em alga verde e para sempre salgado.

Flutuarei ainda, sombra de corpo úmido,  
nas mãos de estranha e inconcreta vida,  
passeando entre peixes, naus, virgens, companheiros,  
no médio espaço de areia branca e nuvem refletida.

## CONSIDERAÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Não eu, porém olhando-me a mim próprio  
na clara contraface do espelho,  
hoje que o calendário me situa  
entre os 22 anos contra mim  
e meus 22 anos contra o mundo.  
Não eu, dizia, olho meus próprios olhos  
com a ciência do que neles sei.  
Vejo meu próprio corpo a mim externo,  
belo corpo de usar-se, edifício  
de recém-concluída consistência.  
Estudo a rebeldia dos cabelos  
e a carnação azul da barba séria:  
aviso de falida juventude.  
Um sentimento de ode e elegia,  
uma doce saudade, pura lágrima  
pequena comoção, triste sorriso  
para os dias passados, não perdidos —  
— duramente jamais recuperáveis.  
Um sentimento de ode e elegia  
pela presença de meu corpo vivo,  
não grego, todavia concluído  
com fundas marcas de 22 anos.  
Vontade de cantar sem continência  
desentranhando toda esta alegria  
que agita o corpo como agudos sinos  
e pássaros rasgando o mar da tarde.  
Quente desejo da mulher amada  
nascendo da raiz do homem pronto,  
sabedoria da carne, melodia  
dos desatados rios corporais.  
E a grande comoção multiplicada  
de ser, entre inumeráveis companheiros,  
um homem pequenino, desdenhável,  
resto de divisão e não obstante  
útil pedra na catedral dos homens.

Me sinto subitamente povoado  
por longos sentimentos de raízes,  
soma de proporções, familiares,  
distância incalculável da matriz.  
Me sinto vegetal e sinto a terra  
a consubstanciar-se com meus ossos.  
Claras águas me banham todo o corpo  
alegre como campo em julho e agosto.  
E nem eu sei que enigmas se concentram  
junto da face que o espelho fixa,  
nem os olhos decifram o futuro  
porque as linhas da mão aqui se truncam.  
Apenas, como túneis, são obscuro  
caminho no fundo do qual as velas  
pandas do pensamento a vida rompem.  
Um sentimento de ode e elegia  
cobre os 22 anos que completo:  
rude sabor de vinho e de coragem,  
oceano de rosas e papoulas.

### CANTO NUPCIAL

Mais algum tempo será necessário  
antes que eu obtenha a solidez de pedra,  
de fruto caído da árvore — coração concluído.  
Mais algum tempo, um pouco mais de experiência  
antes que o peito seja rocha forte  
e o corpo adquira solidez de floresta.  
Ainda não me conheço o homem completo.  
Dias me roçarão com sua carga  
de amarga sabedoria e de silêncio,  
o vinho das noites fortificará minha carne,  
meu braço se solidificará, minha boca terá mais ternura.  
Amigos chegarão com sua sombra magnífica,  
amigos dirão adeus até breve ou jamais.  
Terei de ver ainda outras paisagens,  
pousar meus olhos em cores, na fria rigidez mineral,  
olhar os animais parindo, as plantas rasgando o campo.  
Preciso de  
deambular  
por cais e ruas.  
Conhecer cidades.

Ver os navios  
se afastando  
e uma saudade  
que não é de amigos  
nem de parentes  
subindo aos olhos.  
Sentir a injustiça  
e o anel da miséria  
se fechando em torno  
de crianças rotas.  
Ainda me faltam  
viagens marítimas  
e contato de água.  
Corpo flutuando  
vizinho de peixes.  
Um gosto de sal  
e úmida alegria.  
Deverei ainda  
dormir à sombra  
de grandes árvores  
em noites de espanto,  
próximas do medo,  
do frio silêncio,  
da paz intangível  
e despertar com  
o mundo vegetal  
e as aves roçando  
meus ombros materiais,  
sentindo-me pedra,  
ondular de trigo,  
carne de madeira.  
Precisarei de  
ouvir gritos longínquos  
na planície inumerável.  
Gritos de desespero,  
de alegria, de pasmo,  
de agonia, de parto,  
de gozo sexual.  
Escutarei palavras  
de ódio e esperança,  
de adeus e sapiência,  
de consolo, de amor.

Mais algum tempo será necessário.

Somente quando  
me sentir maduro:  
um gosto de mundo  
no olhar e palavra,  
um gosto de terra,  
de sal, de madeira,  
de homem concluído,  
de vegetal e pássaro,  
de força marítima  
no tato, no olhar,  
na carne, nos lábios, —  
eu te entregarei  
não apenas este  
canto nupcial  
mas o corpo de homem  
bom para teu corpo  
de mulher. Só quando  
a boca destilar um  
mel de sentimentos  
definitivos  
te possuirei  
como grande vento  
contorcendo árvores,  
despertando pássaros,  
movendo raízes.

# ITINERÁRIO DO CORPO

*A Afonso Félix de Sousa*

## I

O pequeno lugar, predestinado:  
cama — lençóis, colchão e travesseiro:  
Objetos banais pousados sobre  
a armação de madeira para dois.

Pequeno apartamento de cidade!  
Pequenos corpos e cansados despem-se,  
despem roupas, sapatos, conveniências  
à pequenina luz que afaga as coisas.

Estão nus, lado a lado, sobre o leito  
e se entrelaçam para desafogo  
de raivas, lutas, ilusões, sentidos.

Talvez não saibam por que assim se prendem,  
mas, no sagrado ventre maternal  
já cantam sinos pelo novo filho!

## II

Entre o campo de neve a vida fende-se  
barbaramente, para dar passagem  
à colheita que vem sem estações:  
bicho da terra que se chama homem.

Nove meses guardado e construído  
com silêncio, carne, sangue e esperança,  
ei-lo que rasga o ovo e se apresenta  
disforme, placentário, precioso.

Ela está como o campo após a ceifa.  
De seus peitos já mana o claro líquido  
onde a vida se coa como em filtro.

Olha o pequeno corpo que se deita  
a seu lado, entre o sonho e a realidade,  
e, brandamente, diz apenas: — Filho!

### III

Infância triste, tempo de castigos  
e doces ilusões mas sem brinquedo  
que teus olhos encontram nas vitrines  
e tua débil mão jamais alcança.

Porém o corpo vai rompendo elástico  
pesar do tempo amargo em que floriste.  
Teus olhos já se pousam sobre a vida  
embora ignorando-lhe a inocência.

Assim, surgindo vens dos alimentos,  
cuidados e remédios e o alicerce  
de sapiência que são letra e número.

Assim te formas resumido corpo  
que será de homem e continuará  
brincando em nova trágica maneira.

### IV

Resides entre o sonho e coisas ásperas,  
a confusão do tráfico e a rosa,  
a escola, o emprego, o livro clandestino,  
a refeição modesta, o sono limitado.

Teu corpo é apenas máquina de sexo  
e coração: toda a razão de ser  
está na amada, amada inconsistente:  
olhos, cabelos, seios, agressivos

somente, mas tu a colocas lá  
bem no centro do mundo e lhe declamas  
baladas, vossos corpos se aproximam.

Entre comícios, agressões, revoltas,  
pressa, atenção, estudo, devaneio,  
estás defronte ao mundo e interrogas.

## V

A resposta és tu mesmo: corpo de homem,  
o sentimento e pensamento de homem,  
passo seguro de homem, ombros de homem,  
boca, face, palavra e gestos de homem.

O que sabes do mundo! Gestos mágicos  
te multiplicam ao calor dos corpos.  
Uma coragem funda, o olhar sábio,  
avanças com o tempo e o constróis.

A noite existe — não a de carícias,  
de sono leve, corpos repousando —  
noite pesando sobre cada coisa.

Avanças bloqueado pela Noite  
(há muitos, muitos corpos avançando)  
e teus passos vão dar na madrugada.

## VI

És fogo que se apaga lentamente.  
Folhas que vão tombando despem a árvore.  
Árvore a quem a seiva foi faltando,  
tua missão se acaba e envelheces.

Teus olhos já cansados de aprender  
formas, gestos e a grande cor do mundo.  
Tua boca já cansada de alimentos,  
de beijos, de palavras, de protesto.

Outros vêm substituir tua coragem  
com novos braços para a mesma luta,  
e passos fortes para o mesmo fim.

Tua hora vem chegando necessária.  
O corpo se dissipa. Tua passagem  
não terá vermes para devorá-la.

## CONCLUSÃO PARA CONSOLO

Bicho da terra estás apenas morto.  
Já a terra de que és bicho te recobre  
e uma pequena flor acena, leve,  
um pequenino adeus sobre teu túmulo.

Tua mulher jamais esquecerá  
tua sólida figura. Nem teus filhos  
que em si a reproduzem e prosseguem  
tua presença em gestos e palavras.

O tempo que rompeu teu rude corpo  
como inverno passando sobre o campo,  
não cortou a semente indispensável.

Ele mesmo será propício à nova  
árvore forte que sustém o mundo  
e reverdece o chão da vida mágica.

## FLOR DE PEDRA

## MCMXLVIII

O tempo das meninas bonitinhas  
se aproveita de tranças e gardêneas  
e o automóvel resolve, involuntário,  
problemas que vão dar ao suicídio.

Os filhos de família vão gastando,  
com furor, este, quase exausto, tempo  
de lucro, caridade, cerimônia e  
pão concentrado para certas bocas.

Vai-se acabando o tempo da homenagem  
e o turvo rio sujo do negócio  
desliza menos fértil e já com  
presença de mau hálito e detritos.

A família resiste entre doenças,  
a indigestão e o estômago vazio  
e o povo vai guardando o grito forte,  
comprimido entre o medo e a esperança.

Ninguém pensa em viver. Dificuldades  
engolem o país do sonho e a rosa.  
Limitados de urgência e circunstância,  
viajamos entre o ofício e a distração.

Pequenos problemas se complicam.  
Dores comuns se fecham em cadeia  
e paira sobre as casas, sobre as ruas,  
um múltiplo rumor unificado.

O aperto de mão ganha importância.  
Ninguém pensa em viver — pensa em ficar.  
Em continuar estando, embora sendo  
entre o muro, a impotência e a madrugada.

## PARÁBOLA

A princesa sai de casa  
absurdamente descalça.  
O seu jardim limitado  
já nenhum prazer lhe dava.  
Em seu palácio a prendiam,  
de esplendor a sitiavam;  
de vestidos a cingiam,  
sua beleza esmagavam;  
seus pormenores continham,  
seus olhos policiavam;  
suas palavras mediam,  
seu sorriso estimulavam;  
seu corpo todo possuíam,  
e o sexo predestinavam,  
mas a princesa vadia  
não quis ficar onde estava:  
seus altos, floridos muros,  
brandamente asfixiavam,  
por isso foge de casa  
absurdamente descalça.

## DESASTRE

Sumo de vida,  
mancha a rua  
o sangue desprendido — talvez inútil.  
(Depois do ofício, da carteira,  
do pequeno amor, da conformação da conversa,  
do café cotidiano, do cigarro oportuno;  
precisamente na hora de voltar para casa,  
doce carícia de alimentos, futuro sangue de idéias;  
na hora de dizer adeus com a mínima saudade;  
da leve comoção, pequenino crepúsculo,  
um erro vulgar provocado por que insônias?,  
a tentativa de escapar — inútil,  
e a morte brutal entre o aço e o asfalto).  
Notícia de jornal, um bolo frio  
se espreme sob as patas da mecânica.  
— Pós-homem adeus,  
jamais sentirás a ternura do bolo alimentar.

## O INTERVALO

A festa jaz cercada de fantasmas.  
O sorriso, a curvatura, a gentileza,  
o monóculo, a bengala, o pince-nez  
adormeceram entre naftalina.

O vento varre outonos de bom-tom  
e apaga o último charuto fino.  
O amor tornou-se curto e não desliza  
entre jardins, perfumes, galanteios.

Corrido o pano sobre o fim da peça,  
o público dispersa dividido  
em opiniões de tragédia e de comédia.

O intervalo se agita de murmúrios.  
E alguns sentem gerar-se a madrugada  
nas esquinas da noite e do silêncio.

## AGORA

Entre a hora da morte e estarmos sendo  
isto que somos (apenas homens ou  
um pouco menos, um pouco mais conforme  
assim nos determinam razões fundas)

vamos vivendo à sombra pressentida  
do tempo ainda futuro e já presente  
cujo ignoramos forma, cor e gênero,  
se consistente ou efêmero, sabemos que

se formará de um grito rude e obscuro  
que aguarda tão-somente aquela hora  
para ser rio turvo de placenta

e matriz. Essa esperança nos vai dando  
raiz para estar sendo, mastigando  
o rude pão para a mais rude fome.

## A BOCA

Boca idêntica de carne, com raízes  
comuns de humanidade e utilíssima  
para o beijo, a palavra, a compressão  
de cólera, de insulto e violência.

Penitência de idéias incompletas  
ou rio sobre o campo do perfeito  
pensamento fluindo transparente  
entre objetos: língua, lábios, dentes.

Boca perfeita mas atrofiada  
pelo não-uso e o hábito de fome  
e a falta de razões para cantar.

Sem gosto, sem trejeito, sem sorriso.  
Simples necessidade de feição  
em corpo frio e cérebro parado.

## LAMENTAÇÃO DO QUASE EX-PRÍNCIPE

Menino sou do tempo que se acaba  
e, conseqüentemente, sou aquele  
para quem tudo que de novo venha  
recorda o anterior que mais amava.

Sou filho do ruído das palavras  
de que abusava para, sem sentido,  
me ver de cores vivas revestido.  
Não ter lugar real facilitava

o meu estar entre diversas forças,  
neutro. Menos a idéia que o proveito  
exerci. Filho do tempo e inculpável,

sempre exaltei gratuitas circunstâncias.  
Não sei se me defendo, se me odeio,  
se iludo o meu saber-me e odiar-me.

## RETRATO DE SANCHO PANÇA

Demasiado físico, não temo  
razões de morte para breve. Físico  
em demasia, desconheço quanto  
transcenda esta raiz de contingente.

Adoro Deus se a fome não me aflige  
e minha pátria se resume em ventre.  
Amo esta vida exterior e apenas  
odeio a flor fanada inteligência.

De ontem conservo o horror ao que é incômodo  
e o sadismo de tudo que é sensível.  
De hoje aproveito um pássaro na mão.

E àqueles que ainda teimam em não ser  
apenas isto que sou dou-lhes desprezo.  
Sou apenas volume, gosto e peso.

## BALADA DO COBRADOR DE BONDE

Cobrador de bonde sou.  
Não sei que oculto destino  
a isto ser me chamou.  
Sei que meu pai não queria,  
meu pobre pai sonhador.  
Deus, se havia não ouvia  
o bicho que arquitetou,  
e a vida me compelia  
a Luciano cobrador.  
Não sou infeliz: viajo  
como ninguém viajou.  
Objeto de cobrança,  
sem nome, pendente vou  
em meu equilíbrio instável  
a que o corpo se habituou.  
Atentamente circulo  
onde o engenheiro traçou  
a estrada de paralelas.  
Viajo como pastor  
do rebanho de apressados.

Minha farda, já sem cor,  
me nomeia comandante  
do navio em terra posto.  
Fome demais não suporto,  
muitos a sofrem pior.  
Mulher tenho para o sexo  
e um tanto ou quanto de amor.  
E embora a vida me seja  
o que acima se contou,  
sei que melhor vida existe  
e quero vida melhor!

Cobrador de bonde sou.

### BALADA DO VAGABUNDO

Eu, que sou homem à toa  
no fim do mundo que somos,  
sinto também na garganta  
um grito que é de nós todos,  
e aguarda rosa da esperança  
que florirá de algum modo.  
Quando vou correndo ruas  
entre as espadas da fome  
(meu corpo contrariado  
doendo em todos os olhos),  
triste caminho sem rumo,  
quarto fechado das horas,  
despetalada manhã,  
truncado destino roto,  
com a amargura nos lábios  
e o sal de lágrimas frias  
mãos apertadas nos bolsos  
presas de raiva contida;  
fios de sangue no olhar  
cor do ódio sem medida:  
não recebo uma palavra  
que tenha gosto de vida.  
Pedras me jogam as bocas  
contra esta carne ferida;  
desprezo me dão em salvas  
de ironia guarnecidas  
e me jogam seu orgulho,  
fatal veneno de víboras.

Porém a noite fechada  
desce em mim como um soluço,  
minhas tristezas acendem  
no céu estrelas sem número  
e uma profunda inocência  
inventada em mim outros dias  
com rebanhos de alegria  
pastando uma sinfonia.

## FAREWELL DA PROSTITUTA

Teu belo corpo acabou-se  
entre rugas e desprezo.  
A dor te apunhala o sangue  
e o copo jaz em teus dedos.  
Onde a mão que se roçasse  
de leve por teus cabelos?  
Nenhuma esperança cresce  
no despovoado peito.  
Teus amantes erguem taças  
sobre teu corpo desfeito.

Vejo teus olhos acesos  
sem nenhuma chama impura.  
Por filhos que não tiveste  
sangram lágrimas noturnas  
e um grande coro de lástima  
rodeia tua figura.

Te vejo posta na salva  
de bela mesa, entre rosas,  
como um escarro de nojo  
contra a beleza composta.  
Te vejo, fruto estragado,  
como flor fanada e rota.  
Longa elegia da tarde  
escurecendo teus olhos.

Conseqüência de nós todos,  
áspera face de pranto,  
recebe claras palavras  
e a pureza deste canto

que te dou como se dera  
um filho para teus braços  
e, neve de estrela fria  
sobre a noite em que viajas,  
a doce e branca alegria  
da palavra madrugada.

## CANÇÃO

Lento,  
o vento  
ondeia a seara  
sem  
saber  
o que embalando embalara.  
Lento  
verga  
a espiga madura.  
Negro,  
o destino  
da espiga ondula.  
Negro  
ondula  
na espiga loira.  
E uma canção  
sobe feliz  
sem relação  
com a história.  
O que  
a canção diz  
a seara nega  
no ondular  
da loira espiga  
negra  
como  
a sorte  
de quem semeia.  
Cuja  
mão rude  
será ausente  
à colheita.  
Terra comum,  
força comum,  
trabalho

comum  
apenas a um destinado.  
Necessidade  
comum, a todos  
permitida —  
— fecundidade  
por um apenas  
dividida.  
Eis por que lento  
o vento ondeia a seara,  
desconhecendo  
o que embalando  
embalara;  
e o negro ondular  
da loira espiga  
nega  
a canção feliz  
que alguma voz  
ao vento entrega.

### A CÉDULA

A pequena cédula  
que nos condiciona  
custou tantas horas  
de suor humano.  
Vai de mão em mão  
quase já informe:  
excessivo uso  
de necessidade.  
Apertada entre  
a palma e os dedos,  
pequena bandeira  
de pouca esperança,  
foi trocada por  
certos alimentos  
ou urgentes drogas.  
Momentaneamente  
o calor humano  
da morte adiada,  
do vazio estômago

um tanto saciado,  
da ilusão frágil  
de quem a possui,  
da lembrança doce  
ao coração da amada  
nela se concentra.  
Cédula comprada  
pelo rude esforço  
de membros e idéia,  
quanto tempo dura  
sua humana vida?  
Breve se recolhe  
ao túmulo frio  
do pesado cofre:  
viagem suspensa  
entre invioláveis  
rígidos segredos,  
donde sai já suja  
de sombrias tramas,  
A pequena cédula,  
cotação de vida,  
quem terá o gesto  
para destruir  
seu destino torpe  
e, em definitivo,  
convertê-la em lixo?

## EVOCÇÃO DA PALAVRA CAMPO

Penso em  
campo e em  
menimo  
parado  
com olhos  
enormes,  
abertos  
guardando  
a distância;  
em ervas  
rompendo  
a crosta

da terra  
com fúria,  
teimosas,  
fecundas  
e verdes;  
em homens  
curvados,  
suados,  
potentes,  
violando  
o chão  
poderoso;  
no ventre  
da terra  
molhado  
de seiva;  
na luta  
em silêncio  
do pão  
se construindo;  
na fértil  
colheita  
que o vento  
possui  
e embala;  
no grande  
vazio  
do tempo  
parado,  
de terra  
despida,  
rudeza  
de fome  
rasgando  
os estômagos  
e entrando  
nos olhos  
enormes,  
abertos,  
guardando  
a distância;  
nos olhos —  
— que vermes

procuram,  
formigas  
devoram —  
— do morto menino.

### CABALÍSTICA

Desce a descida das águas  
no leito lento do mundo.  
O marulho da viagem  
invade o céu taciturno.  
O lodo tece mortalhas  
no sermos o rio sujo  
e a peste secreta tange  
rebanhos da morte inúmeros.

Eis porém a encruzilhada  
onde o sangue desprendido  
soletra a palavra mágica  
cujo profundo sentido  
filha o cavalo das águas,  
que súbito, espavorido,  
fincando as patas nervosas  
na lástima que tem sido,  
salta as barreiras lodosas  
rinchando aos céus contundidos  
e em verdes pastos compensa  
o horror dos dias perdidos.

### ODE AO TEMPO

Rudes mãos já somente gestos de hábito.  
Tardos pés de cansaço sem melhora.  
Ventres tímidos e frios sem placenta,  
bocas sem pão, ouvidos sem consolo.

Rudeza de palavras proferidas,  
desprezo de olhos salgados pela raiva.  
A mudez resumindo dura cólera  
e o cântico ululante do silêncio!

Do silêncio gerado pelo medo,  
pela força galgando incontrolada,  
pisando as rosas do protesto tímido  
e o sangue misterioso das feridas.

Que tempos de viver-se! Quando a fome  
é crime, crime o canto e a liberdade,  
falso lema de gritos e histerismos,  
vai perdendo a beleza que criara  
entre as patas e o cântico das balas  
assassinas de peitos sem defesa,  
como lírios entregues ao delírio  
das razões sem razões da força estúpida.

Que tempos de viver-se! Aos sonhadores  
despetalaram campos de promessa,  
talararam os seus trigos ondulantes,  
futuro pão de bocas libertadas.

Que se fará do canto dos poetas  
se a poeira da estrada os enrouquece  
e já sequer tolera vozes roucas  
quem desmente a poeira das estradas?

Que se fará dos campos e dos homens  
se já sequer se pode proclamar  
que os campos construídos para os homens  
e pelos homens são seus e para todos?

Que se fará dos ventres silenciados?  
Que se fará deste teu povo, América,  
desde remotos tempos imolado  
a promessas de paz entre espingardas?

Sem pão, sem voz, como mulher traída,  
explorada, espancada e desprezada,  
que se beija enquanto reproduz  
e depois serve apenas para insultos.

Que tempos de viver-se! Apenas fica,  
sempre ficou, a débil esperança:  
forte olhar de mineiros soterrados,  
ternura de mulheres e de vida.

E agora já vai sendo, não apenas  
incógnita esperança, mas certeza.  
Um rumor vai crescendo dentre o povo  
cujos serão enfim a terra e o tempo.

Que tempos de viver-se!, exclamaremos  
e o pão já não será simples promessa  
quando a manhã romper ruborizada  
sobre as torres dos campos de petróleo.

## O NAVIO

Circula no bojo do tempo, incógnito e manso.  
Seu deslizar nas águas provoca a espuma da noite.  
Descerra, súbito, as comportas da surpresa.  
Um dia atingirá simultaneamente todos os portos,  
parindo nossas bem geradas esperanças  
no tempo que ninguém sabe.  
Agora somente há notícias de estar em viagem.  
Seu nome em sussurro é como carícia molhada de estrelas.  
Os campos esperam, os teares aguardam, os homens  
[espreitam a sua chegada.  
No tempo de excessos, por entre o silêncio, floriu uma rosa.  
A rosa preserva a esperança e se chama navio.  
navio que, entre céu úmido e mar constelado,  
circula no bojo do tempo incógnito e manso.

# **SAFRA**

São Luís, ed. do Autor, 1961

Tomemos algumas  
palavras  
(quaisquer que sirvam servem:  
pé, amor, chuva).  
Aparelhemos  
as semeadoras do coração.  
Chamemos o tratorista  
com sua inteligência mecânica de rimas e ritmos.

#### ORDEM DO DIA:

Há que remover a neve desta folha de papel!

Breve escutaremos o motor dos sentimentos  
enchendo a manhã com sua algazarra. Eis a máquina se  
movimentando! Da esquerda para a direita vão surgindo  
os sulcos onde caem as sementes

da Emoção.

Na vasta  
planície  
desvirgada  
germina já o pólen da lírica.

Um vento de humana condição  
(Oh arte, coisa social!) faz voar até tuas mãos  
esta lavoura mental.  
Como bom descendente de um povo de camponeses  
medes o rigor da sementeira,  
sonhas as chuvas na raiz, o futuro pão...  
Pão sonoro!

De repente,  
as aves da poesia, que se alimentavam no campo semeado,  
rompem vôo para o céu de tua inteligência  
e desfecham seu canto maravilhoso  
contra tua surpresa.

Teu coração é a corda ferida do violino!

Eis a geração do poema:  
sua mecânica, seu plantio,  
sua colheita.  
Estás diante de uma safra eterna!

# NOTURNA ALEGRIA

Por todos os caminhos do mundo a erva cresce  
daninha,  
entre as ruínas do homem destroçado.  
Assim a rica e velha casa em ruínas  
é hoje feita de paredes  
carcomidas  
onde bichos espreitam;  
assim o corpo de formosa mulher —  
— fonte de paixões, causa de suspiros;  
assim uma árvore primeiro sem frutos,  
depois sem flores  
e ainda sem folhas,  
sem ramos  
é a mulher fatal em destroços:  
pelos caminhos do mundo a erva cresce!

Olhai os olhos. Já não são olhos — são  
sentinelas de medo, duro medo.  
Olhai os olhos, onde a assombração  
fez um ninho de espinhos e rochedos!  
Olhai os olhos como são vazios  
e frios e sem dor, desamparada  
região onde a vida tece em fios  
longos e longos túnicas de nada.  
Olhai os olhos, sim, olhai-os bem:  
há coisas tão sutis que não se vêem  
e crescem como cresce quem espera:  
parecem mortos mas lá fundo a vida  
teima em viver — que a árvore perdida  
guarda a esperança de nova primavera!

Olhai as bocas — há sinais de beijos  
mas tão antigos que mal aparecem.  
Olhai os lábios como eu olho e vejo-os  
sem palavras de amor que já dissessem.  
Olhai as bocas — há sinais de fome,  
sinais de amor amargurado e mais  
sinais de uma palavra que jamais  
ouvireis, que a alegria não tem nome.  
Mas vede bem isso que olhais olhai!  
Vede esses lábios a pedir: amai-

-nos! Amai-nos que morremos sem amor!  
As palavras amargas tudo matam,  
mas de teus lábios ramos, folhas saltam  
na palavra Esperança, a viva flor.

Teu ouvido esqueceu a melodia  
que brandamente em suaves ventos ia  
e os encantos de amores recolhia  
que em teu ouvido doce mel o dia  
inteiro seriam. Que ninguém mais canta.  
Essa canção perdida jaz e espanta  
o silêncio gelado na garganta.  
Ninguém colhe a balada que o encanta.  
Mas a balada existe: doces termos  
tão suavemente ditos e tão ternos  
que, embora não se escute, a gente sente  
bailar em torno do silêncio amargo  
num ritmo doce, manso, quente e largo  
só escutado em sonho que não mente.

Onde o cheiro da terra amanhecida  
e o cheiro dos cabelos da amada?  
o que era bom morreu, é a hora danada:  
só a morte recende apodrecida.  
Onde aquela suave madrugada  
cujo perfume, tão irmão da vida  
era melodiosa flor colhida  
nos jardins onde a vida fosse fada?  
É a hora do nada. Só a morte  
recende apodrecida, porque a sorte  
este mundo nos deu que é fim-de-um-mundo.  
Na praia do cansaço, neste feio  
pântano florirá a rosa do anseio  
e o amor renascerá vivo e fecundo.

Agora não há gestos ou os gestos  
que se vêem são torpes e funestos:  
esgar de engano ou duvidoso jeito  
de flor fanada no jardim desfeito.  
Agora tua mão aperta a mão  
calosa e rude ao inimigo irmão.  
Agora tua mão empunha a faca  
em que do irmão o sangue se desata.

Agora tua mão é para o furto,  
para a colheita do suor alheio —  
— teu gesto é um punhado de receio:  
gesto do coração medroso e curto.  
Mas o dia virá em que ele seja  
a rosa sem espinhos que se beija!

A erva cresce  
entre as ruínas do homem destruído:  
mulher outrora bela,  
árvore furtada em seus ramos, folhas, flores, frutos.  
Pelos caminhos do mundo a erva cresce  
porque é tempo de crescer  
daninha  
nas ruínas  
de um mundo.

Porém entre a erva, a árvore da Esperança  
menina se apresenta!  
Nós a vemos, ela cresce sobre as ervas,  
sobre as ruínas — isso nos sustenta!  
O caule sustenta a flor,  
o fino fio sustenta a aranha,  
o ar macio sustenta o pulmão:  
a árvore sustenta a Esperança.

Deixai-me cantar essa  
Flor  
que vive em nós e sobretudo  
na cabeça envolta em pensamentos copiosos como cabelos  
e no coração onde palpita com o sangue vermelho de que se faz.

A vida é moeda  
com suas duas faces:  
nesta, o tempo presente se me afigura a cruz:  
Aqui jazemos!

Porém na outra face, ainda mal cunhada,  
o vulto da manhã desponta,  
suavemente cresce, com pés de lã caminha  
e nós o conhecemos!

Porque

No coração que desamado vive  
a vida amada sua hora espreita  
na esperança do amor com que se livre  
desta acanhada vida a que é sujeita.  
Na esperança sentida ela renasce  
do crime de viver a vida estreita.  
E o coração, de já, todo se enfeita  
com rosas da roseira que ele faz-se.  
O coração é o sino que dobrando  
pela morte do velho mundo estava  
mas súbito desperta: com sonoro  
pulsar domina a negra voz de choro  
e, triste da tristeza que cantava,  
já novas alegrias vai cantando.

E a razão como o pomo está madura  
de tanto madurarem seus desejos  
porque a pensada sua vida pura  
passa fora de todos os ensejos.  
Não tão longe porém e a tal altura  
que o maduro desejo a não alcance:  
a razão é uma hera e o último lance  
em que se prende é já vida futura.  
A razão se contém mas não desarma:  
se da presente vida faz seu luto  
faz do sonho e desejo sua arma.  
O pão é pouco mas em cada grão  
de trigo dorme o cântico que escuto  
de alegria e fartura que virão!

Assim tisna o mineiro a dura face  
na poeira assassina do carvão,  
vendendo a vida pelo pobre pão,  
mas cava o negro pão que a vida pasce.  
Tal como vai, por sob a obscura terra  
lavrando seus canteiros denegridos  
e apenas vê, na escuridão que o encerra,  
os prodigiosos veios prometidos,  
assim, cavando negra desventura,  
plantando o triste trigo da amargura  
esquece o que semeia e, alegre, canta,

assim o homem, mineiro da desgraça,  
cantando esquece a má hora que passa  
pela maior certeza que o encanta.

Pois da obscura, dura, cruel vida  
já a rosa do futuro é bem nascida!

# CONDIÇÃO TERRENA

## INVOCAÇÃO DA LUA

Sob a lua  
a terra do homem.  
Sob a lua  
amor do homem.  
Sob a lua  
a vida oculta:  
    brotam ervas  
    e germinam  
    campos ventres.  
Sob a lua!

Alta imagem  
do amor tido,  
sobe a lua  
em céus noturnos.  
Só a lua  
pura imagem  
de sóis mortos.  
Só — a névoa —  
sombra pálida  
de estrela.

Lua antiga,  
irmã, carícia  
dos amantes  
e poetas.

Sob a lua  
a melodia  
do coração  
humano.  
Sob a lua  
a vida,  
grave  
como  
o Amor,  
a Angústia,  
a Morte  
e seu silêncio!

## CANTO DOS GALOS

Sob a lua  
o sono  
véspera da morte.

Só a tensa  
garganta  
dos galos  
tem a aguda  
ciência  
das horas.  
Seu canto anuncia:  
primeiro  
— a média noite  
quando cessa  
a maré  
do amor corporal —

depois  
— a hora morta  
em que a noite  
se apossa  
do mundo! —

e ainda  
— (quando a primeira luz  
é um luar matutino)  
com os esporões do canto  
os galos  
tangem os sinos da Aurora.

Canto dos galos  
som mineral e vertebrado  
da Terra!  
és tu quem saúda  
o denso meio-dia  
em que homens e animais pastam  
todo o sangue das coisas.

Oh canto  
que anuncias ainda  
ao melancólico crepúsculo  
a vizinhança da noite,

serás a trombeta  
do juízo final  
quando as fontes da terra secarem  
e o mundo se fizer um deserto  
de calcinadas coisas  
e de morte!

## O AR

Ó quase líquida prata  
sem substância,  
reino  
de imponderáveis metais,  
país pulmonar,  
seiva  
brotada  
de orvalhadas manhãs:  
espargida  
em ponderável ser sem corpo.

Ar

— invisível presença  
ausente,  
dimensão da vida terrena,  
espalhada  
das montanhas altíssimas  
à fria flor dos vales e dos rios.

Ar

— mar de nossas humanas  
guelras,  
doce mistura de odor químico das coisas  
coroa da terra,  
condição da vida terrena.

## § OS MINERAIS

A condição dos minerais  
é a brilhante morte,  
o puro sono  
dos abismos.

Sementes da matéria  
a que faltou a seiva,  
guardam na carne rígida  
a flora apeteçada,  
a mornidão do sangue  
e o signo das asas.

Ó pedras, diamantes,  
brilhantes, ametistas,  
ouro, prata, bronze:  
cores, timbres,  
símbolos  
da velhice do mundo  
como de sua infância.

Ó metais — luas pétreas  
sem veias ou corolas,  
ossos  
da carne térrea —

vida opaca,  
ser-coisa,  
riquíssimo  
do mundo!  
Reino mineral:  
vastidão numerosa  
da terra,  
com sanguíneos laivos de argila,

com esvaídos timbres de cal,  
areia, micas, rochas:  
harmoniosa composição  
da singular arquitetura  
do planeta!

## § OS VEGETAIS

Do vegetal,  
porque é imóvel,  
os braços são raízes.  
Do vegetal  
porque o sangue  
das seivas o circula,  
erguem-se caules.

Do vegetal  
porque tem vida  
asas chamam-se folhas.

Eu te saúdo mão semeadora  
ou puro vento  
ou bico de ave audaz.

Eu te saúdo terra  
ventre fértil,  
entranha de húmus,  
plasma adusto,  
placenta prodigiosa.

Águas, estrumes  
eu vos saúdo.

Eu te saúdo  
raio de sol  
pois dás verde  
ao vegetal.

Alimentas a ânsia de vastidão dos campos  
para a doce entrega das espigas ao vento,  
organizas o sonho das pedras  
para que sejam musgo  
e ao chamado das nuvens  
respondes com as copas  
altíssimas, serenas.

Vegetal — meio dia entre a noite  
dos minerais  
e o dia dos homens —  
país — onde o pensar são cores  
e as palavras são rosas,  
margaridas,  
tulipas.

Vegetal,  
em tuas veias,  
verde o sangue das selvas  
pulsa

e da tensa  
carne aquosa  
de tuas substâncias  
o homem nutre sua fome  
de duração e vitória  
sobre o tempo!

Vegetal dos outonos:  
véspera do húmus,  
símbolo da imortal vida  
renascendo  
das folhas fenecidas  
sobre os túmulos.

### § OS ANIMAIS

Brotando das idades sem memória  
ou da fábula,  
eis que surgem,  
quentes de sangue e cio,  
os reis da terra.

Contemplemos  
a majestosa simplicidade de seus gestos:  
eis que ao vegetal ganharam patas as raízes,  
os minerais da cal são ossos  
e a verde seiva  
é aqui rubra e morna  
ao sabor  
do coração mágico!

### § CONSIDERAÇÃO DO TEMPO

Os olhos machucados  
mas lúcidos e atentos,  
os ouvidos sem rima,  
o corpo de maduros trinta anos  
e ainda a cruz  
(asa do caminho do poeta)  
— vermelho o coração sangrento  
de dores

e sofridas alegrias,  
debruçados  
sobre a gaia janela do domingo.

Ó domingo, domingo,  
dia do ser humano  
redescoberto,  
devolvido!

Ó janela,  
alta e propícia,  
sobranceira  
como um promontório  
sobre a pisada condição das ruas  
e do tempo  
como eu testemunha  
do grávido acontecimento;  
fermento da realidade,  
composição da história.

Poder ficar a vida inteira  
a contemplar-te: VIDA,  
quando a aurora entreabre  
seus olhos  
e uma difusa luz,  
rósea e serena,  
se expande pelo mundo,  
e o último retardatário  
do embriagado sábado  
com a mais temporã devoção  
se cruzam sobre a neutra calçada,  
como a própria condição  
dividida  
do Mundo.

(A necessária dose  
de pecado e virtude,  
imprescindíveis,  
imortais)

Imortal como um poema  
a música da manhã cresce  
na cor das rosas  
e em seu visível perfume:  
vem do subúrbio,

doira a cidade  
e toca meus olhos  
com dedos macios como água,  
até que uma suave mornidão  
banhe todo meu corpo.

Ó vermelhos telhados,  
viva faina de andorinhas,  
céu azul, nuvens claras,  
pernas róseas, mãos róseas,  
olhos azuis, verdes, negros, castanhos,  
desenhadas formas corporais  
mal disfarçadas  
sob o feminino enredo  
dos vestidos.

O frango,  
rodeado de azeitonas,  
tem um perfume silvestre.  
O alvo arroz  
e a pimenta indigesta  
mas pura como a África,  
desafiam o paladar  
e as frutas tropicais,  
em sua bandeja,  
são um regresso ao paraíso.

Levanta-se na tarde poderosa  
uma voz feminina,  
suavemente sensual,  
quente, acre densa  
como a vida.

Na voz,  
na canção  
uma história de amor,  
como se a garganta  
fora um espelho exato  
a refletir  
a imagem do tempo  
quando na hora post-meridiana  
os corpos lassos  
se devotam ao amor carnal incendiado  
pela visão praiana  
da desvendada beleza física.

A esta hora também  
o lúdico apetite se incendeia  
e, rumo dos estádios,  
a gaia mocidade  
parte  
em busca da emoção  
violenta.  
E ainda  
na cúmplice escuridão  
dos propícios cinemas  
a vida repete a arte  
e enquanto na tela  
um seio francês se oferece  
aos olhos lúcidos,  
na platéia  
a mão maliciosa  
colhe em sua morna palma  
a latejante forma  
de um seio adolescente.

Ó janela, janela  
tão alta e tão humana,  
aberta sobre a tarde  
e o domingo,  
aberta sobre o mundo!  
À medida que o tempo,  
grave como um navio,  
marcha para seu porto,  
a luz se faz mais vaga,  
a vida mais serena,  
a paz mais preciosa.

Sob o sol, a cidade  
luminosa e tranqüila.  
Na baía,  
o rumor de águas densas  
e no céu, muito nítido,  
aves, azul e nuvens.

No calendário,  
as pétalas do eterno  
malmequer da semana  
uma a uma tombaram:  
lenta a segunda-feira

nos deixou ancorados  
entre o ócio e o ofício;  
mas logo despenhamos  
nos dias decisivos:  
a amarga terça-feira  
da decisão; a plena  
quarta-feira;  
quinta-feira vivida;  
a sexta-feira agônica  
na memória do cristo  
e o sábado humano  
da pureza e do vício;  
para chegar até  
ao maduro domingo  
de amor e de paisagem.

Assim também das horas  
o calendário antigo  
marchou desde a manhã  
lavada e colorida  
até ao denso e alto  
e grave meio-dia  
e ainda, como um barco  
que pelas águas singra,  
assim foi pela larga  
tarde o tempo-navio  
até chegar a esta  
hora lenta e tranqüila,  
suave, ó tão suave  
como a paz que ilumina  
e a luz de que se nimba.

Ó crepúsculo, lento e antigo deus de fábula  
com o manto sonhado e o cetro de cinza.

É então que o doce rebanho das tristezas  
pasce as horas  
e no coração o acre vinho da saudade  
derrama sua amarga pureza.  
Raras aves no esparso céu deslizam  
como se imóveis fossem  
e a véspera da noite  
se plasma de luz tênue  
e de silêncio.

É o crepúsculo, suave melodia  
temporal. Difusa melancolia  
das coisas. Rio lento e próximo  
da anunciada noite;  
quando a perdida paz reveste as cores  
e tudo adquire uma bovina lentidão,  
tudo ressuma a tranqüilas margens  
de um imóvel lago, onde garças,  
garças de saudade,  
garças de abandono  
nos sonham, nos afagam, nos devolvem  
à pureza da infância  
embora os sinos líricos dissolvam  
no ar feito de cinza,  
a piedosa amargura  
do perdido amor,  
da vida irrecuperável e preciosa,  
quando no ombro da amada  
os olhos se cerram  
para contemplar  
tua interna imagem  
como tua harmonia,  
crepúsculo, crepúsculo!

Ó como a noite é próxima  
para encher-se de luzes,  
para encher nossas almas,  
povoar nosso mundo  
de silêncio, de sonho,  
de amor, de coisas graves  
como os corpos unidos,  
de coisas puras como  
o beijo e o suspiro.

Sei que o amor tem várias formas,  
algumas delas sendo ódio.  
Sob esta paz  
que a lua alimenta  
— porque é enfim a noite —  
há corpos repetindo  
o movimento forte  
das ondas sobre a praia,  
há bocas machucadas  
sob pesados beijos,

há mãos vibrando as cordas  
dos violões da carne  
e lágrimas,  
lamentos,  
tragédias,  
solidão!

Tudo porém compõe  
a música de ser:  
tudo informa  
a vária melodia  
da VIDA  
e basta  
(se mais não houvesse)  
a redimir o mundo,  
o imaterial sorriso  
que a esta hora ilumina  
o rosto da infância  
adormecida.

§§

O que permanece  
é este sempiterno musgo dos beirais.  
O que morre  
é o sorriso, a beleza do olhar,  
a rosa  
e tudo não morre  
se, à janela de um domingo  
de maio, o colhemos  
como colhe a semente  
a propícia terra  
em seu húmus.

Assim seja!

**LIVRO DE SONETOS**

Antes teu doce leite não me dera  
a graça de viver que é minha pena:  
fosse em teu coração tão-só quimera  
não sofreria a dor que me condena.

Antes não fosses tu aquela que era  
consoladora que as mágoas serena  
e teu carinho de mim não fizera  
aquele que de sonho se envenena.

Antes o teu amor não fosse tudo  
que tive e tenha na memória, em mudo  
fascínio que me salva na desdita.

Mãe, só tua mão serena hoje me afaga  
vencendo a morte e cura minha chaga  
de onde sangra uma lágrima infinita.

Este doce infortúnio aonde aporta  
meu coração, a música sem festa,  
é o gume finíssimo que cresta  
a fonte da ferida em que a alma é morta.

É uma triste lua sem romance,  
cheia de lobos a rondar a sorte.  
E o mar de outono, cada vez mais forte,  
não há maré vazante que o amanse.

É o tempo e suas grutas de amargura,  
mar de desolação e desventura  
sem rocha que resista à sua raiva.

E, neste promontório da tristeza,  
se desfolha dos dias a beleza  
sem que torne a ser meu o que eu amava.

Ó lívida e noturna ansiedade  
que faz meu coração desprotegido  
pulsar por tudo quanto foi perdido  
antes mesmo de ser minha verdade!

Sob o perfil armado da cidade,  
a chuva deixa seu luar de olvido:  
e o veneno da angústia que me invade  
faz do meu ser crepúsculo transido.

E eu vou, a amarga taça nos meus dedos,  
a envenenar-me a alma de segredos,  
com a grave amargura do que é forte

para quebrar a taça em sua palma  
e assim poder beber veneno de alma  
morrendo de viver a própria morte.

Ó lua do passado, recomeça  
a tua ladainha de lembranças  
e suba, dessas ondas, a cabeça  
boiando presa à âncora das tranças.

E os olhos, do passado tragam essa  
doçura que só resta nas crianças  
e à doce boca afluam coisas mansas  
de que um suave coração se aqueça.

Assim a vi, assim o seu retrato  
flutua nos meus olhos, longo rio  
de branda saudade. Assim regressa

aquela por que ainda me arrebatou.  
E peço à noite, à solidão, ao frio:  
— Ó lua do passado, recomeça!

Na repentina luz da madrugada  
que de teus olhos raia na pupila,  
a maré do desejo só aniquila  
em praias de sossego derramada.

A chama, que se erguia como espada  
e que teus lábios densos consumia,  
agora é imponderável cinza fria  
nos ventos matutinos dispersada.

Entre a noite de amor e o abandono  
que faz de ti como um jardim de outono,  
raia a manhã nos montes de teu sono.

Eu sou em ti um pássaro partido  
cuja voz, como um búzio, em teu ouvido  
amanhece o encanto já perdido.

Amor não prendas mais um só momento  
os teus olhos nos meus, que a vida é breve  
e a rosa se desfolha à flor do vento  
e à flor do vento a pétala vai, leve,

despedaçar-se em pedras de tormento.  
Não deixes que esta chama em mim se eleve  
que já o coração tanto se atreve  
e nada pode mais meu pensamento.

Sei que peço me negues a mais doce  
das doces horas desta breve vida  
que tudo consumiu e apenas trouxe

memória de não ser, sonho enganoso.  
Porque não quero ler a prometida  
impossível verdade que não ousou.

Quando te conheci não conhecia  
já a pura alegria sem a mágoa  
nem a festa de ser me pertencia:  
tudo era úmido e vão, tudo era vago a

doirar-me a noite que se fez meu dia.  
Tudo era um dia longo, denso, amargo a  
cristalizar minha melancolia:  
eu era o rio a que fanaram águas.

De repente eis que tive acontecida  
ante meus olhos desacostumados  
a seiva de teu ser e tua vida.

Para dobrar cuidados com cuidados  
mas devolver-me a alma do ser, perdida  
pelos caminhos desaconselhados.

Era como se fosse mas não sendo.  
Um súbito desvão de ser fizera  
uma subida que fosse ir descendo:  
outono travestido em primavera.

Amor ou desamor? Se alguém soubera...  
Mas quem acreditasse ia descrendo  
e do próprio descreer o era não era  
entrefechava os olhos de estar vendo.

Se a palavra foi dita, o vento ergueu-a  
nos seus caminhos tão precipitado  
que foi como se fosse adivinhada.

E eu amo esta incerteza que ela deu a  
meu coração maduro deserdado:  
que amor sempre será coisa sonhada.

Este soneto é um réquiem para aquela  
que é sepultada em mim tão sem remédio  
como estou sepultado no meu tédio  
e nesta dor de ser que me enregela.

Este soneto é um réquiem para a estrela  
que me chamou ao infinito assédio  
e, após plantar em mim uma alta sede, o  
pavimento onde a vida fora bela,

se recusou a quanto oferecia  
e se fechou em conchas de distância  
e fez da ausência a única verdade.

Que a minha noite então lhe seja dia  
e quanto seja em mim punhal alcance-a  
e lhe faça doer esta saudade.

Sei que por mais que tentes e me digas  
sempre serás a ausente de meus dias:  
eco apenas serão as melodias  
que há em poder chamar-te minha amiga.

Já não me iludo mais, que uma fadiga  
enorme é em mim memória de alegrias  
e aqui o homem estou, de mãos vazias,  
em busca de mim próprio — coisa antiga.

Mas deixa que te quedes um momento  
presente, como és, nítida e serena,  
posta no espelho do meu pensamento.

E seja sempre minha esta ilusória  
riqueza da silenciosa pena:  
tua imagem gravada na memória.

Há uma palavra feita de macias  
pétalas roçadas de amanhecer,  
há uma palavra por desabrochar  
armazenando seivas de silêncio.

Há uma palavra no seu corpo virgem,  
ainda isenta de ácidos contactos:  
suas raízes chamam-se perfume  
e a cor de que se veste é uma água intacta.

Pudesse em meus ouvidos ressoar  
seu ser de som que tenho adivinhado  
— jejuaria infindas madrugadas.

Cem anos procurei as suas sílabas  
e, um dia, este meu corpo calcinado  
morrerá de chorar sua saudade.

Sei que dias virão como vieram  
cansar de irremediável minhas horas.  
Sei que serei o que me as horas deram  
tão longe do caminho onde me foras

razão das amarguras que me esperam  
e amarguras não foram se tu foras:  
sei que nem saberei por onde choras  
teu riso de cristais que se fenderam.

Se coragem houver para que pense,  
pensarei tua imagem, por vingança,  
que é só o que me resta por perder.

E assim serás a angústia que me vence  
e presa quedarás na imagem mansa  
que adiará a morte de meu ser.

E ficarás em mim, murmúrio leve  
de confissão jamais pronunciada,  
manhã de ser uma outra vez adiada,  
primavera inconclusa de tão breve.

Memória da verdade inconfessada  
e do mais doce bem que se não teve,  
sabor de quem não sabe o quanto deve  
por ter sua verdade revelada.

Mas ficarás em mim pela ternura,  
o olhar, o gesto, a indefinida e pura  
doçura tua e minha grave dor.

Distância e tempo perdem quanto existe:  
triste é viver de amar um amor triste  
mas não vive, quem ama, sem amor.

Antes que chegue a noite que já toca  
com suas mãos minha presença triste,  
possa eu sentir guardada em tua boca  
a palavra que em meu silêncio existe.

Antes que a noite, com a lança em riste  
da amargura, sangue minha oca  
cisterna da ternura e a sombra louca  
da morte transitória aumente a triste

solidão de quem ama de memória,  
possa, ao menos, guardar no coração  
o sorriso entreaberto e a divisória

linha de indefinida imprecisão  
que me deixa sonhar realidade  
quanto me é morte por não ser verdade.

O crepúsculo desce, a onda amansa.  
Sinos do entardecer despertam aves  
para seu vôo em que, lúcida nave,  
a tarde para a noite lenta avança,

como suspensa nesse vôo suave.  
Cabelos brancos, lírios na lembrança,  
roxas rosas nas mãos, amor que sabe  
me levam a baías de bonança.

Finge o barqueiro que não tenha rota,  
prende seus sábios olhos na gaivota  
e aparelha a aventura, mas espera

para partir quando a tormenta é finda.  
Se tudo que morri é morto, ainda  
tenho olhos de olhar a primavera.

Tenho na minha boca alguns segredos.  
No coração a mágica verdade.  
Pétalas desfolhadas nos meus dedos:  
os meus sentidos são pura verdade.

Saudade do que nunca será meu  
como nunca serão os teus segredos.  
A vida que era minha me esqueceu  
e eu me perdi por alheios enredos.

Sou, como a ave sou que não é ave.  
Sou, como o dia sou que não é dia.  
Sou a precoce noite anoitecida.

E assim vou, triste, como quem é grave  
de adivinhar a dor que lhe cabia:  
longe de mim se perde a minha vida.

D. quixote de puro alheamento,  
arremeto castelo que inventei:  
semeador de sonhos colho vento,  
trigo que nutre aquilo que serei.

E o que serei será o que não fora  
se, ao menos, quem eu sou fosse presente  
mas de mim me perdi — sou meu ausente —  
dia de noite a noite, sem aurora.

Anoitecido vá então quem teve  
por seu caminho o só acontecer  
de ser aquele que lhe não convém.

Possa, ao menos, de amor, um sonho breve  
doirar quem sou de quem não chego a ser  
e o canto que me vive ainda: Amém.

Que um dia quando pó forem meus nervos  
e minha carne o adubo de uma rosa  
e uma ave voar no meu silêncio  
e tudo quanto fui seja memória,

quando água se façam meus pensamentos  
e os desejos em nuvens se transformem  
quando já nada reste de meus erros  
e meu ser seja orvalho numa rosa,

possa ao menos alguém lembrar ao ler  
o mais triste dos poemas, a sofrida  
saudades de um bem que foi por ter

e, lembrando, ouça a música inconstante  
da palavra comigo sepultada:  
doce, nítida, pura, azul e alada.

# A MÁQUINA DO MUNDO

*"Epur si muove"*

G. Galilei

Ao princípio eram grandes equilíbrios  
nas arcadas do espaço conjugados.

No seio inicial de forja rubra  
já as sirenes de fogo se enrouquecem  
e cessam os demônios desabridos  
e a paritura guerra da matéria!  
Já o luar se mira nos espelhos  
glaciais desolados e vazios  
e um deus estranho chupa nos seus beijos  
seios da terra mãe que são montanhas!  
Já desfalecem líquidas as fúrias  
em rios e oceanos refrescadas  
e o húmus brota densos arvoredos.  
Rasga o silêncio o grito inaugural.  
O touro chifra o desolado espaço.  
Agita as águas o primeiro peixe.

Junto das corredias fundas águas,  
serenas e sonoras, esquecido,  
Adão ou Júpiter faz de contemplá-las  
o novelo do sonho — um novo rio.  
Súbito, corta o frio vulto a imagem  
desconhecida. Olhando-a com espanto  
ele se julga retratado em vagas  
líquidas formas sem contorno exato.  
Mas o rumor das folhas anuncia  
que não era ele próprio quem se via  
olhando o seu olhar-se e assim tateia.  
Volta-se e avista a forma desejada  
de Eva ou Vênus e a preia quando na água  
as duas formas são uma terceira.

E, da sombra nas águas projetada,  
da entrega das árvores no vento,  
da cólera do touro, da inúmera  
povoação marítima se tecem  
túrgidos ventres de sementes vivas.  
Os meses decorrendo e a leiva surda  
germinando na ânsia de romper  
a cadeia, o silêncio, a expectativa.  
E, súbito, já cantam novos galos.  
Já novos touros chifram novos campos.  
Já pastam aves novos grãos de trigo.  
Já rejubilam águas com a vasta  
nova safra de peixes, já o homem  
contempla sua colheita — o amado filho!

Viaja a roda do tempo na cadeia  
ininterrupta, de milhões de dentes.  
Ondeia o verde trigo e o pão ondeia  
e ondeia o segredo das sementes.  
A pouco e pouco na ampulheta descem  
finos, inesgotáveis grãos de areia.  
Quando a mão colhe o trigo que semeia  
já um novo trigal novas mãos tecem.  
E a onda vem e volta e vai voltando,  
viva maré da vida flutuando —  
asa do pássaro entre a morte e o ovo.  
Ter sido já vai sendo o que será.  
A cada morte um ventre se inchará  
e o sangue que morreu nasce de novo.

Aqui são bosques e montanhas breves  
e outras maiores cúpulas de neve.  
Ali o rio deslizando em som  
e movimento de águas petecíveis.  
Além o oceano, mar autêntico  
onde os rios de sangue mineral  
se fundem em azul, iodo e sal.  
Margens morenas de macia areia  
e a debruçada sombra projetada  
dos ramos que o rumor do vento ondeia.  
Esta cor da manhã reconquistada  
aos túmulos da noite derrotada  
e, na dada maçã, uma inscrição:  
colhe e divide com o teu irmão.

Abel lavrava a terra e semeava.  
Caim seguia iguais mansos caminhos.  
O mesmo ventre os guardara silencioso.  
Em sua boca era igual o pão e o vinho.  
A madre, que lhes dera o mesmo leite,  
os embalara com igual carinho.  
No mesmo comum campo seus trabalhos  
pastoreavam rebanhos repartidos.  
Mas um dia Caim olhando a terra  
viu chão mais fértil, de melhor colheita  
naquele que sua casa rodeava.  
Disse ao irmão: dividam-se estas jeiras.  
E o dividido campo se fez guerra  
quando um irmão no outro cavalgava.

Eis o noturno vulto da viúva  
e o choro irreprimível dos meninos.  
Eis o talado campo — eis o talado  
coração da anterior comunidade.  
Que podem tenras mãos, maternas lágrimas  
contra imundos poderes usurpados,  
senão curvar-se à canga do poder  
irrefreado dos usurpadores?  
Eis o irmão corruto, avaro e torvo,  
ruflando suas negras asas — corvo  
de nunca mais amor nem alegria.  
No campo profanado a noite enorme  
e a fauce do homem devorando o homem:  
lobo mordendo lágrimas e vidas!

E nunca mais agosto foi agosto  
e a tarde desceu pura como um rio  
desde que foi no médio campo posto  
o marco que alma e terra dividiu.  
Lutava Abel nas terras ressequidas  
pelo trigo da vida rude e avaro.  
Caim sorria ao ver suas espigas  
que o chão mais fértil levantou mais alto.  
Um dia, certa ovelha desgarrada  
dos rebanhos de Abel, pisou os campos  
de Caim e roeu poucas espigas:  
eis que o irmão, jamais apaziguado,  
rompe de Abel os mais sagrados campos  
e lhe furta o maior trigo da vida.

Oh mundo imundo! Oh joio desta vida  
comprada, vil, vendida, subtraída!  
Vem do profundo esse rufar noturno  
e do som do tambor saltam escuros  
tumultos de diabos e de larvas  
roendo tudo, devorando tudo.  
Na chama do confuso som as lágrimas  
escorrem frias das fontes do mundo.  
A mãe devora o filho, o pai devora  
a mãe, o irmão devora o sangue  
de suas próprias veias escorrido:  
a sombra de Caim turva se expande  
nas landes de terror que desmoronam.  
E a sombra ri seu riso corrompido.

Já a desatada cólera viceja  
onde coubera à vida vicejar.  
Já o suor de muitos alicerça  
o edifício do trigo para o dar  
aos domadores de quimera e riso,  
de jogo e valsa e som e galanteio  
comprado a troco de suor alheio,  
chicote e choro sem jardim e compara  
o ondular de seara com seara,  
o mel do sonho com o sal da luta.  
Pára e compara e considera a oculta  
sabedoria de um deus imaginado  
mal dividindo o mundo a todos dado.

Eis o renhido embate das entranhas  
para consumação do novo ser.  
O ruminar do tempo de desdobra  
na ânsia da semente corporal.  
Abaulado, o ventre é como um templo  
de silêncio e obscura imolação:  
o cordeiro da vida sonha mudo  
entre as paredes da iniciação.  
Aqui, mar e montanha, sangue e gesto  
se fundem e fundidos amanhecem  
sob a crosta da terra onde germina  
o pequenino bicho sem medida:  
ave sem penas, deuses que falecem,  
homem, anho sem páscoa, mas com vida!

É a hora do grito e do alarme,  
da higiene e face desmaiada.  
Eis que, parido, surge o filho vivo  
— tocai, sinos da alma, sem repouso!  
Companheiros, irmãos, aqui o temos  
este sinal, este rumor de sangue,  
este pássaro tonto na manhã  
chegado das entranhas sempiternas!  
Um verdadeiro deus imaculado  
com gestos que remontam às raízes  
e sem o desespero das palavras.  
Olhai a boca humana, já mordendo  
a fonte onde o carinho da matéria  
se verte em húmus do materno leite!

És e não és. Sendo e não sendo surges  
para ser ou não ser o que serás.  
Nesta hora teus olhos ficam sujos  
de beleza e de horror e de paisagem.  
Bicho da conta que saiu da conta  
trocando a noite onde o silêncio jaz  
pela rua de pedras que desponta  
neste país de recusada paz.  
Mas se vieste vence o que tu viste,  
ó indomável touro! Em tuas veias  
o mar ruge na praia sem areias  
mas com rochedos onde se desfaz  
a proa do receio. Aqui resiste  
a aranha que a si própria tece a teia!

Ateia o fogo e sopra a brasa viva,  
levanta o coração e solta a amarra!  
O cântico do sol no horizonte  
é um galo vermelho e gutural.  
Cessou a noite, teu sono, tua espera:  
já a roda do tempo badalando  
anuncia a brunida primavera  
nos campos de teu corpo despertando.  
Ei-la, pantera de rugidos duros  
— fêmea de cabeleira desatada  
e despida mas pura e preservada.  
O pranto das sereias foi enxuto.  
Os mortos já não pedem novo luto.  
A trombeta da vida quebra os muros.

Ser seja estar no meio dos iguais  
lutando a mesma luta que lhes cabe:  
esta ânsia, este pão, estes fatais  
caminhos entre lama, fruto e ave.  
Sem asas e sem patas, animal  
ruminando sentidos pensamentos  
enleado na trama universal  
onde a comunidade tange os ventos  
do futuro pisado em trilhas duras  
do presente: delírio dominado  
e fenecidas flores do passado.  
Ante o rumor inúmero dos passos  
o reino das sonhadas criaturas  
rompe o horizonte duvidoso e baço!

E o realejo rói nossa lembrança  
onde a recordação nada num rio.  
No rio voga a sombra que se lança  
das árvores da margem adormecidas.  
Entre a sombra e o rio, ao sopro brando  
do realejo retornando e terno  
o navio que somos vai a nado  
esquecido da vida em que navega.  
Mas de repente o rio avolumou-se,  
o domador das ondas se distrai  
e a distância da margem nos assusta.  
E quando do realejo o som se esvai,  
acordamos nadando neste grosso  
mar de distantes margens, e ocultas.

Por ela quebro a rota do silêncio  
e canto este meu canto duro e amargo:  
rapsódio rude de sombrio tempo,  
sonora lástima do corpo sob o látego.  
Pela manhã que vem nas águas puras  
do rio cujas lágrimas são ondas  
e por ti, natureza, pelo som das  
sinfonias da semente em fúria.  
Contempla, companheiro, esta macia  
e viva cor da vida nestes dias  
quando se rompe o ventre dos trabalhos  
na maré viva de pomo, vinho e pão  
e o vento, pelas árvores, violão  
longo e lento, se perde em seus atalhos.

Os dias acontecem sobre a carne  
do tempo objetivo e singular.  
Ao poeta, além da vida que lhe cabe,  
cabe também o ofício de cantar.  
E é tão maduro o tempo e incisivas  
são de tal modo as circunstâncias de  
que se vê rodeado o poeta que  
cantando, canta apenas coisas vivas.  
Para que sonha se o luar adulto  
já é um sonho positivo e claro:  
objeto sem forma, apenas vulto  
macio e real. Que sonho raro  
será mais puro e belo e mais profundo  
do que esta viva máquina do mundo?

Vê a maçã do tempo, ácida:  
prazer de contemplar para quem olhe.  
Sabe que não será plácida  
a mão que humanamente frutos colhe  
e a boca a que morder esse veneno  
harmonioso, repartido em dias.  
Jamais conseguirás voltar sereno  
ó lutador que o mundo desafia!  
Ao mais isento, apenas o direito  
cabe de se julgar isento, posto  
que uma trama comum o tenha preso.  
É condição do homem ser sujeito  
ao mesmo poderoso sol de agosto  
que faz madura esta maçã do tempo.

Verde raiz que em troncos se derrama  
e aos ventos se balança e folhas tece  
e, em poderosos frutos, chama  
a boca a que, madura, se oferece.  
Verde raiz, vida obscura,  
silenciosa, surda e mágica  
que vai infiltrando sua forma pura  
e em rio de alegria se desata.  
Árvore que se afunda e se levanta  
em si e de si mesma se alimenta.  
Verde raiz que em frutos se balança:  
inesgotável força de placenta  
que existe em tudo e fértil se derrama  
na própria consistência do poema!

Alegria de clara primavera —  
melodioso ritmo de outono:  
sono da força que se retempera  
para, mais pura, desmentir o sono.  
Silêncio poderoso que arquiteta,  
no ilusório e fértil fingimento,  
toda a sabedoria de completa  
máquina mastigando seus intentos.  
E, súbito, o poder adormecido  
(rapaz em cujo claro corpo canta  
a seiva que deseja dividir-se  
e no corpo da amada se derrama)  
sobre si próprio se alça e vai fundir-se  
com o sexo do mundo possuído.

Mulher que tem cabelos na floresta,  
braços e pernas no tronco e na raiz,  
o ventre fecundado em força e festa  
e é toda um claríssimo país  
onde se amam, sem dúvida e sem medo,  
a adolescente vida e o chão da terra,  
no calendário cósmico dos meses  
— fontes de que se faz a primavera:  
oceano de trigo, pão e vinho!  
Frutos que a máquina do mundo trama  
e constrói para ter oferecidos  
à fome de seus filhos que apascenta:  
Mãe que todos os filhos alimenta —  
filhos contra si próprios divididos!

Porém será manhã quando o noturno  
e feio vento mau ferir tão forte  
a face deste povo taciturno  
feito para matar a própria morte  
que, súbito desperto e não conforme  
e tomando nos braços o destino  
anterior o calque aos pés e dome:  
por suas mãos transforme o rude signo  
de desesperação e vida obscura;  
igualmente reparta a comum vida  
que o pão comum há de tornar mais pura.  
E, então, a terra, mãe oferecida  
a seus filhos, árvore de alegria,  
se cobrirá de frutos e ternura.

Todos mastigarão aquele pão  
que todos semearem e colherem  
e será doce essa palavra irmão  
que os tempos anteriores não souberam!  
Pelos campos do mundo, o coração,  
menino a quem de novo concederam  
a alegria de sua condição,  
irá cantando o canto que esqueceram  
aqueles que sozinhos caminhavam  
e, perdidos no mundo, estiolavam  
a alegria — futura rosa rubra:  
do silêncio de outono enfim desperta,  
a congregada força humana obscura  
vai tecer a futura primavera!

# BALADA DA PRAIA DOS LENÇÓIS

Alva praia dos lençóis,  
silêncio da madrugada,  
espuma de mar e lenda  
e atitude inesperada,  
corpo de mulher despida:  
despida de desejada!

Em clara manhã te vejo  
de súbito embandeirada  
de sol e de velas brancas  
e sinfonia das águas,  
roçada por asas tontas  
de gaivotas desvairadas.

Praia de súbito medo,  
misteriosa e sagrada!  
Face de cigana antiga,  
palma da mão desvendada,  
som de ventos incontidos  
rugindo à noite assustada!

Alva praia longa e densa  
ferida de agoiro e medo,  
lençol onde a noiva espera  
o noivado do segredo,  
em noites densas e longas  
feitas de sal e mistério.

Em ti os rostos se fecham  
e os olhos, pássaros tontos,  
fogem das ondas noturnas  
onde o segredo jaz torvo:  
sinal das ondas raivando,  
troar soturno de touro!

Ai do olhar incontido  
que se demora surpreso  
na estrela que entre pontas  
guarda poderes de inferno  
e cintila sobre as ondas  
seu duro poder supremo!

Ó touro Sebastião  
Refugiado no mar,  
mágico da morte isento  
dono da praia exemplar,  
amargo senhor imerso  
na forma a desencantar.

Touro sagrado na testa  
por alva estrela sagrada?  
Que madrugada suprema  
te tocará a intocada  
carne ferida sem toque  
de morte de fria espada?

Ó rei desaparecido  
na derrota imerecida,  
claro senhor protegido  
das frias fadas da vida,  
que morte, sem ter morrido,  
vos matou naquele dia?

Sei que, sendo ainda rei,  
o és de reino diverso,  
tão amplo como teu sonho  
que não chegou a ser reino ,  
touro do mar sem limite  
no encantamento sem termo!

Sem termo até quando claro  
poder de carne sagrada  
de virgem, pelo destino  
a desencantar fadada,  
beijar a estrela, entre cornos,  
de encantamento marcada.

Mas, onde tal virgindade  
em carne de virgem alva  
que o destino acumulasse  
de tais poderes na alma  
que, beijando-o, despertasse  
o príncipe rei da praia?

Pois se pretensa donzela  
sem a pureza bastante

tentar romper o mistério  
do touro senhor infante  
será convertida em pedra  
de contorno degradante.

Que olhar, ainda o de velho  
marinheiro às águas feito  
e dado, como se fora  
delas o filho perfeito,  
ousou demorar na estrela  
seu duro olhar verdadeiro?

Qual, que não fosse ferido  
por invisível espada  
e, pelo gesto incontido,  
tão rudemente pagara  
que à beira do mar perdido  
se achara e ninguém o achara.

Seu corpo que mal olhara  
jamais olhado seria.  
Incógnito se afundara  
na obscura maresia  
e para sempre se fora  
com a maré que partia.

Ninguém sabe qual a hora  
do touro desencantar.  
Apenas se ouve que chora  
nos vastos campos do mar  
e chama a virgem senhora  
que será para o amar.

Talvez nem Ela conheça  
o mistério a que se prende:  
mas por ser tão preciosa  
bem o destino a defende  
até quando escute o choro  
que por Ela o touro geme.

Tempo será quando um dia  
flutuando sobre as águas  
sua carne nua e fria  
de menina bem fadada

irá ser oferecida  
com os poderes que guarda.

Tocada a carne do touro  
no prodígio de seus dedos  
tombarão, ao ser beijados,  
os poderosos segredos  
com sonoro som amargo  
de vento, mar e mistério:

e o touro virá das águas  
claro príncipe supremo!

# SONETOS

## I

Há uma voz que me chama. E nessa chama  
tudo que em mim é noite se ilumina:  
e a névoa do chamado é a de quem ama  
mesmo se o desamor é sua sina.

Ó chama, voz que tua chama inflama  
tudo o que em mim é cinza e da ruína  
dos sonhos a bela esperada clama  
contra o impossível que seu ser domina.

Talvez a voz nem seja mais que a espuma  
dos desencantos — búzio a ressoar  
a saudade do mar sem mar possível.

Há uma voz que me chama: voz nenhuma?  
chama de quem se extingue sem amar;  
cinza de amor que fora inesquecível.

## II

E pois amor além do sonho é raro  
e sempre desigual voz sem resposta,  
gesto sem outro gesto, decomposta  
ambição generosa em mundo avaro.

E pois não há chegada a esse claro  
território onde aquela fosse posta  
num altar de ternura, e toda a encosta  
nos leva a esse calvário só e amaro;

viva eu de cantar a pura imagem  
que me é farol no mar desencontrado  
e o desejo de vê-la a nau sustente

além do estrago rude da viagem:  
menos naufrago é quem o amor invente  
mesmo se morre de não ser amado.

### III\*

Vejo teu vulto matutino e triste  
olhando com angústia o horizonte  
desta praia onde amor é quanto existe.  
Vejo teu vulto e o apelo a que desponte

da bruma uma presença que pediste  
com o ouvido na concha, por que conte  
o segredo que no silêncio insiste.  
Não feches teu sorriso ao horizonte:

enche de verde olhar teu ser, teu mar  
bebe o azul sem fim do infante dia.

As gaivotas da vida estão chegando:  
a terra de teus sonhos despontando,  
e, alta, a maré do amor já se anuncia.

### IV

Imaginada minha vida antiga,  
antiga vida minha imaginada:  
chegaste quando eras desesperada  
esperança a que o coração se abriga.

Porto final dessa nação amiga  
onde a nau quanto mais desarvorada  
mais sede tem de estar pacificada.  
Suave pão de minha doce espiga.

Verão de meus outonos de amargura.  
Macia madrugada de meus dias.  
Rosa de ser no ser de rosa pura.

Sonho que é flor e flor desabrochada.  
Melodioso som de melodias.  
Seiva que faz a hora iluminada.

\* Por lapso de revisão na 1ª edição, na qual nos baseamos, falta um verso a este soneto, que não foi possível recuperar, o que não aconteceu com os de números XVIII e XIX.

## V

Teus olhos, transparente melodia,  
são como os rios de uma vã paisagem  
que subisse do chão acre e selvagem  
para a terra das nuvens, alta e fria.

Teus olhos, permanência fugidia,  
imagem da imaginada imagem  
de teu mais puro ser, são a viagem  
mais preciosa (e inatingida). Dia

de luminosa auréola solar  
recém-nascida na manhã molhada  
orvalho e seiva, pétala de estrela.

Teus olhos rimam com amor e mar  
e a saudade da pátria desejada.  
De teus olhos se faz a vida bela...

## VI

Quanto em mim seja amor quero que aumente  
como o vento do mar em maré cheia:  
que, a cada dia, um novo amor invente  
sempre acrescido de paixão a idéia.

Quanto em mim seja lírico acrescente  
a pulsação do amor em cada veia  
para que teus desejos apascente  
e sintas que te dou, desde que amei a

tua antiga verdade revelada,  
não apenas a boca para o beijo,  
a mão para o afago e o corpo em chama

mas quanto possa ter pacificada  
tua ternura e vença teu desejo:  
e te faça feliz como quem ama.

## VII

Se és toda de poesia, a poesia  
devia em mim brotar agora como  
a fonte pelo inverno e o doce pomo  
quando é verão e o mar em maresia;

pois se de adivinhar-te eu já fazia  
a lírica verdade num assomo  
que lírica canção não cantaria  
hoje que o sonho a teu amor eu domo!

se és toda poesia e assim te vejo:  
e os lábios rimam sobre cada beijo  
e o romance de ter-te tudo vence e o

teu orvalho me banha de encanto  
escuta como canto se não canto:  
planta de amor mais cresce no silêncio.

## VIII

Tudo é igual a tudo e desigual.  
Se o impele o vento voga o barco e não  
voga se, por seu bem ou por seu mal,  
lhe o vento falta. Ventos mudarão

que não o barco sempre a si igual.  
E todo esforço é vão e não é vão.  
Pelos frutos que der: bom ou fatal;  
mas sempre o esforço havido é salvação

se a mão cultiva a muda em terra e estrume  
haverá a geada em que se cresta  
ou a pura primavera e a rosa ideal:

tudo é igual a tudo e desigual.  
E nisto vida e morte se resume:  
o gesto de intentar é quanto resta.

## IX

No barco do silêncio a vida desce  
até junto à maré longa do tempo.  
Canta um galo vadio e amanhece  
a infância que inventei do que não lembro.

E surge o que não foi (ou foi?) e cresce  
onde murchou a flor em rude inverno:  
e um menino me brinca e informe a desse  
outro menino — que fui eu? — no espelho.

No espelho das águas. Águas mansas  
como o pensado sonho das crianças  
no brinquedo chamado nunca-mais...

Barco ou navio ou nau ao desatino  
à flor do mar eu vou e o meu destino  
era o cais que inventei — perdido cais.

## X

Um dia hei-de levar à tua praia  
esta viva maré de que estou cheio  
e então verás com quanto amor, amei o  
teu amor, coisa pura, de onde raia,

sobre a melancolia que era a vida,  
o ardente sol que é paz da inútil guerra;  
um dia há-de teu corpo ser a terra  
onde a água do meu ser cai comovida.

Teus olhos fecharás à luz dos meus,  
tua boca há-de selar-se no meu beijo,  
teu corpo terá paz de quanto é flor.

Um dia saberás como são teus  
meu sonho, minha vida, meu desejo.  
Que até, ao fim de mim, sou teu, amor!

## XI

Em que búzios ressoa a praia extinta?  
de que maré antiga é este choro?  
em que país de vento e amargas ilhas  
aporta a desventura que é sem porto?

Na gávea sem altura o olhar mendiga  
a terra que não chega, que demora  
quase mais longe que a vontade onde se abriga  
e todo vão esforço se desfolha!

Oh roteiro enganoso onde nos levas  
entre contínuas tempestades loucas,  
e fugas e relâmpagos e trevas?

ou que nautas sem têmpera vivemos  
para não divisar este tesouro  
que está no porto em que nós sabemos?

## XII

Eis que, soneto, eu te inventei e tenho  
para sempre seguro nesta algema:  
eis que, de mim, o pássaro sem penas  
voou, soltando as vozes que desenho

sobre este pólo de papel nevado  
(a gaiola sem pássaro e com canto!)  
igual a um campo fértil e lavrado  
que pasce das sementes o rebanho.

No breve espaço da invenção à forma,  
tu, que de mim nasceste, te fizeste  
alheio a mim como a rosa caída.

Em ti pulsa, porém, a seiva agreste  
que será sempre minha e ainda é morna  
do coração pulsando amor à vida!

### XIII

Com o perfume marinho  
que evolas de teus cabelos  
e embriaga meus sentidos;  
contacto de teus segredos

desata minha ternura  
e escuta sinos internos  
tangendo cristais de pura  
alegria se te beijo;

pela tua tessitura  
se tece em mim o desejo.  
Repouso sobre teu corpo

reentregue à inocência;  
tua carícia é meu porto:  
teu hausto minha existência!

### XIV

Se noite enfim não vejo — e já não vejo  
senão as madrugadas do amor,  
há uma rosa nascendo do desejo  
e pétala no teu sorriso em flor.

Se noite enfim não vejo e apenas vejo  
teu ser estremecer de doce ardor,  
renova-se meu ser de teu calor  
que — doce — me transmite cada beijo.

Noite não vejo mais, mas teu olhar  
e nele refletindo o meu olhar,  
gêmeos assim de lírica ternura.

E nem de tempo sei. De mim me esqueço  
quando, junto de ti, o mundo meço  
por tua dimensão de rosa pura!

## XV

Humildemente curvo-me à memória  
de Galileu, prisioneiro da verdade:  
fiel a si, à ciência, à realidade  
— infiel para os que pensam que a História

se escreve em letras de sua vontade,  
seu apetite ou de sua irrisória  
limitação. E louvo essa memória  
que nos ensina a alta serenidade.

Inquisições sempre houve contra quem  
tem a coragem de dizer que a terra  
se move e nunca foi centro do mundo:

Que sempre a noite ao dia fez a guerra.  
Mas sempre após a noite o dia vem.  
Move-se a terra: será outro o mundo!

## XVI

E se de teu olhar me perco, tão  
longe como hoje sou, logo anoiteço.  
Conservo apenas doce o coração  
à margem da rotina que aconteço.

Nada ousar, que ousar tivera vão  
destino e o ousar não apeteço:  
nada não-ousar (outros o farão).  
Balanço-me na teia que não teço.

Pois se de teu olhar me perco: e perco,  
que sim ou não poderá dar alento  
ao tédio e solidão de que me cerco?

Em tédio e solidão teus olhos vejo  
navegar tão além do meu desejo!  
Saudade é tudo de que me alimento.

## XVII

Amo o tempo. Amo a terra. Meu  
coração está maduro de vida!  
Amo os brancos rebanhos, o céu  
amo a nuvem no rio refletida.

Amo o campo e o trigo que cresceu  
para ser pão na mesa oferecida.  
Amo a silvestre fruta recolhida  
pela mão animal que a recolheu.

Amo ser Deus do paraíso puro  
onde em nítido mar, o peixe leve  
desliza como em nós passam os dias

e mais amo sonhar campos sem muro  
e longa se fazer a vida breve  
crescida das humanas alegrias.

## XVIII

Porque quem tudo tem, tudo lhe é nada,  
para quem nada tem, um nada é tudo.  
Já só tenho de meu tua lembrada  
presença que me foge neste absurdo

acontecer da vida desvairada.  
Vai, ave, em tua rota que são milhas,  
e rosas, algas, sonhos, maravilhas  
para a distância e a vida que te é dada.

Vai para o nunca mais daquela hora,  
vai por tua alegria merecida  
minha saudade — imerecida embora.

E se um dia outra vez poisarem teus  
olhos, caminhos de minha vida,  
verás que tudo em mim te diz: — Adeus!

## XIX

Já a noite raiou. Vagos silêncios  
que nuvens foram já. Melancolia  
do tempo que se foi, com a luz do dia  
no remanso das águas de setembro.

Acendem-se receios nas esquinas.  
Os sons da claridade estão suspensos  
na distância que foge. Do que lembro  
farei suaves coisas pequeninas.

Como um beijo ou um sonho ou um suspiro.  
No que não lembro serás o que sonho.  
E bóia em tudo a noite a que retiro

o poema da vida. E posto a bordo  
desta nau inventada ao mar me atiro  
e do sono da vida então acordo.

# PELE E OSSO

Rio de Janeiro, Orfeu, 1970.

## EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Pergunto. Se me pergunto  
que coisa responderei?  
Falarei disto e daquilo,  
de voz doce, amor tranqüilo,  
meigo olhar. De nada sei...

Fecho os olhos em silêncio.  
Deixo que tudo regresse,  
escorro as gotas do tempo,  
reinvento o que não fui,  
sofro os sonhos por haver:  
além, passado perdido,  
aqui, vida a se perder.

E, no silêncio, me flui  
a infância — meu ser ao longe —  
entre jardins em que escorre  
em lágrimas a alegria.

O perfil de mãos amargas  
toca rosas diluídas  
e umas pétalas salgadas  
de meus olhos desfolhadas  
queimam brancura de lírios.

Habito um outono enorme em  
estufa que a cor conserva  
a umas flores delicadas  
e onde quedo horas que dormem  
meu pequeno ser — ó erva  
humilde e desamparada.

E, de repente, a saudade  
deste sorriso, que estive  
sobre meu rosto, me invade:  
sorriso que foste breve,  
tão breve como sempre há-de  
ser minha amarga alegria.  
No espelho da memória  
esvai-se quem me sorria...

Os caminhos da distância  
e ausência, tão viajados:  
me perco pela paisagem  
por caminhos alongados,  
órfão de algumas ternuras,  
de cuidados em cuidados  
entre invernos de amarguras,  
primavera de pecados,  
verão de quimeras puras  
e outonos desmesurados.

Árvore do nunca-mais,  
meu ser cai em tuas folhas:  
primeiro amor, onde estás?  
doçura de algumas horas  
que tempo te dissolveu?  
Verdes anos de quem era,  
por que louco era-não-era  
quem eu era se perdeu?

Adeus, meu jovem amargo  
pastor de melancolias  
que riste de ti, se rias,  
eu te agradeço o cuidado  
de preservar o que havia  
em mim de mais alto e raro:  
a tristeza doce e antiga  
do coração solitário.

Deixei que tudo regresse,  
regressei. Se me pergunto  
agora, que o grave tempo  
pesa no meu coração,  
só me peço que me apresse  
a ser meu, antes que tudo  
me vista de esquecimento  
e a vida me diga NÃO!

Nada tive. Tudo quanto  
fui — de sonho — só é meu  
como a sombra, como a cinza,  
como a folha derrubada  
do vento que, em vão, a ergueu.

Nada tenho. Ave que havia  
em mim, as penas perdeu.  
O menino que sorria  
vai sorrir do que sofreu.  
Água que ninguém bebia,  
palavra que ninguém leu,  
não tive o amor que devia,  
tive a dor que me cabia:  
isto tenho, isto é só meu:

Agora que o tempo pesa  
grave, no meu coração,  
possa eu, do que me resta,  
fazer, com a dor que me cresta,  
ao menos esta Canção.

Saúde, irmãos!

## ASACRUZ

O tempo é um longo rio  
do qual me ponho à margem  
e grave, adulto, atento  
medito a própria viagem:

as intrigas da vida,  
as rochas da certeza,  
a neblina da angústia,  
tudo faz correnteza

e o próprio agudo risco  
que quem navega sofre  
está no rio-tempo  
correndo para a morte.

Se nas águas procuro  
medir-lhes a fundura,  
me vejo nesse abismo  
a imagem meio turva

de mistura com nuvens  
que, brancas e esparsas,  
me lembram a altura  
onde o sonho me esgarça.

De contemplar o rio  
me sinto trespassado  
pelas lanças do tempo  
em que vou navega[n]do!

Milagre é que, seguindo  
por onde a onde segue,  
eu consiga quedar-me  
como quem não navegue

e sentindo que vou  
onde me impele o rio  
possa pensar que paro  
e retorno onde o fio

puro rompeu a rocha  
e tombou sobre a serra  
para chegar a ser  
um rio que navega.

Assim, seguindo, fico  
e regresso (ou invento)  
um regresso de quem  
só existe por dentro

olhando cada pedra,  
cada ser, cada monte  
e onde a noite foi dia  
e onde a rocha foi fonte

como louco relógio  
que as horas devolvesse  
e fizesse da tarde  
um dia que amanhece.

Pude então ver que porto  
um companheiro amargo  
que comigo viaja  
e me é como um fardo

pesado, ó sim, pesado,  
incômodo e perverso  
que quanto faço entrava  
com a sombra de seu gesto

e através tardes, ilhas,  
fontes, noites, abismos  
é ele quem engendra  
todos meus paroxismos;

é ele quem distorce  
toda a pura alegria  
com seu doce veneno  
que até meu ser vicia,

é ele que anoitece  
tudo quanto amanheço,  
é ele quem renega  
aquilo que apeteço;

é ele que me faz  
esta inconveniência  
que não há quem receba  
e que ninguém aceita

porque me eleva um outro  
— não este ser diário —  
até o homem puro,  
o quase imaginário,

o que fere por ser  
aquilo que devia  
e que, sem esse fardo,  
nunca em mim se faria.

Ó viagem, viagem,  
onde irei se persigo  
esta rota que vai  
para o mar inimigo?

Ó rio que me levas  
até aquele porto  
cuja paz é aquela  
que tem o que está morto;

o que será de minha  
pobre viagem louca?  
Será que a correnteza  
que passa em minha boca

deixará um murmúrio  
apenas ou sequer  
onde fique cantando  
a angústia que me fere?

Será que dou sentido  
ao rio deste tempo?  
será que consenti  
o meu ser mais autêntico?

o que me passa longe  
além do ser que passo,  
o que me passa alto  
lá onde nem alcanço?

Se, de quanto receio,  
um pouco me conforta  
sei que é porque carrego  
este fardo, esta longa

espada trespassada  
onde sangro a alegria  
de minha vida amarga,  
ó asa da poesia.

## BICHOS

### I

Vai o camaleão pardo  
sobre a terra de sua cor.  
Meneia-se lento e tardo  
e o arco-íris é seu suor.

Nossos passos o atemorizam  
e ele foge por entre a mata:  
cambiantes cores se divisam  
sobre quanto pisa sua pata.

Esperto, já sobe no tronco  
com seu jeito hipócrita e bronco  
e a pele — vidro transparente —  
ganha o tom do que mais assente

ao seu fingimento de planta  
ou casca ou erva ou chão: seu ser  
(verde, castanho, cinza ou pedra)  
é um disfarce a acontecer.

## II

Deita-se aos pés do dono que ama  
com viva inteligência animal.  
O cheiro do senhor é sua cama  
e tem fome sentimental;

sabe fingir que dorme, alerta,  
porém, por todos os sentidos  
e sonha que sonha e desperta  
ao som dos sonhados latidos

para defender como lobo  
aquele que o lombo lhe afaga  
e a quem cheira as botas, ao sopro  
de agudas narinas exatas;

late à memória de inimigos,  
fiel às coisas e aos lugares  
e assim morde o osso dos dias  
e fareja sortes e azares;

ama perder-se pelo tempo  
à procura do largo espaço,  
aguçando o instinto nos cheiros  
da pedra de afiar do olfato;

é um cavalo resumido  
na elegância, e mais refinado,  
mais humilde, mais decidido:  
manso e lerdo rio dormido  
que se faz rápido relâmpago.

Na infinita escala animal  
é o selvagem familiar  
mais próximo do ser humano.

### III

Vai o boi nos campos  
tecendo os sapatos  
de nossos caminhos  
ricos ou baratos;

vai o boi no campo  
(que a paz lhe aproveite)  
ruminar seu verde  
nosso branco leite;

vai medindo o campo  
na bovina sorte  
construindo a carne  
para nossa fome;

pasta o campo, a erva  
a lagoa, o longe  
de nuvens no azul,  
o chão e o horizonte,

e rumina o tempo,  
o aboio e o capim,  
a corda e o cutelo  
que será seu fim.

### IV

O Vento ao galope  
modelou-lhe a forma,  
teceram-lhe os nervos,  
a brida e a espora,

as narinas largas  
farejam o espaço  
que vai devorando  
sob as patas do aço,

pasta pelos campos  
verde sangue grosso  
que se faz suor acre  
por prados e morros;

tanto marcha e bate  
seus ruidosos cascos,  
tanto corre e vence  
os horizontes largos

que lhe cai o corpo  
e o ser segue intacto,  
narinas arfando  
no galope abstrato.

V

Quanto há de beleza  
vegetal e graça  
pôs a natureza  
animal na garça:

caule que se move,  
lírica e assustada  
dir-se-ia que a seiva  
de seu sangue é água;

lírio semovente,  
frágil e nevada  
como planta ao vento  
se sustém a garça;

cheia de surpresa  
contempla-se na água  
com tanta quietude  
que se enche de palha!

LUTOLUTA

HÁ UMA BALA VOANDO  
no horizonte fechado,  
fulminante como um grito,  
cheia de metal exato,  
amarga com seus intentos,  
ferina por seu mandato,  
apodrecida no pântano  
do Vietnã napalizado;

traz mil venenos sombrios  
no seu caminho insensato,  
é como um vento de crimes  
propício para seu ato,  
é como punhal voando  
para cravar-se no alvo  
e porta um milhão de lobos  
com seus dentes afiados.

**HÁ UMA BALA VOANDO**  
por toda a rosa-dos-ventos,  
cheia de gula sangrenta  
e insaciáveis intentos,  
densa de apetites surdos  
cumpre seus caminhos tensos,  
cobra alada e venenosa,  
semeando seus venenos  
desata o horror que a povoa,  
filha da noite e do inferno.

**HÁ UMA BALA VOANDO**  
em tudo quanto é sombrio:  
no propósito que mente,  
no silêncio mais vazio,  
no desamor cultivado,  
no ódio grosso como um rio  
de lama, no atro território  
que é da morte o desfastio.

**HÁ UMA BALA VOANDO**  
e de seu terrível ventre  
vai parindo outros milhões  
de balas que planta entre  
quem seja seu campo fértil:  
coração que bata quente,  
mão que saiba ser irmã,  
palavra que amor defende,  
intenção sem ambição,  
cabeça acima do ventre,  
paixão do homem e do chão,  
promessa do ser que sente,  
quem entoa na canção  
mensagem que Homem entende.

HÁ UMA BALA VOANDO  
com suas filhas semeadas:  
são facas acontecidas  
como raízes na alma  
dos que desejam o tempo  
turva máquina parada,  
dos que confundem a cor  
da pele com a da alma,  
dos que confundem a terra  
com seus limites de raiva,  
dos que cultivam o lucro  
como sua rosa rara,  
dos que se revestem de ouro  
e os outros despem do que haja,  
dos que querem sua vida  
pelas mortes adubada.

HÁ UMA BALA VOANDO  
sobre a canção e a poesia,  
sobre a casa enluarada,  
a negra voz em profecia,  
sobre quem pensa promessas,  
quem delas faz alegria,  
sobre Lutero e Roberto,  
sobre João (e Maria,  
amanhã Manuel, Antônio,  
Ernesto ou João da Silva)  
sobre quem constrói o mundo  
manhã para o sol de um dia.

HÁ UMA BALA VOANDO  
com seu poderio absurdo,  
com suas asas de morte,  
sua trama no escuro,  
seu disfarce apunhalante,  
sua fome galopante,  
seu punhal acutilante  
para devorar o mundo!

HÁ UMA BALA VOANDO  
contra cada um de nós,  
nosso coração e voz,  
o amanhecer que há em nós,

o futuro que há em nós,  
o humano ser que há em nós;  
há uma bala voando  
que é preciso aprisionar,  
que é necessário conter,  
de aço em pedra converter  
e em areia desfazer  
para a poder afogar  
no mar de amar mar amar.

HÁ UMA BALA VOANDO  
até quando? Até quando? Até quando?

### SOBRE OS RIOS

Sobre estes rios que vão  
da Babilônia, me achei  
depois que tanto pisei  
a cor vermelha do chão,  
depois que, homem, acabei  
minha própria construção.

As memórias de Sião,  
• cidade com que sonhei  
na infância e que guardei  
tão-só na recordação,  
com a cítara em que dei  
som ao mudo coração,  
onde triste comparei  
o exílio e a promessa,  
nos salgueiros pendurei  
da minha imaginação e  
sobre estes rios que vão  
de Babilônia me achei.

Ah! Babilônia perdida  
entre o marulhar dos rios,  
cidade desprotegida,  
prostituta de mil vícios,  
ó clara amante ferida  
que desgraça te feriu?

Percorro teu descaminho —  
— preso que sou a teus laços —

e vou repisando o luto  
sob o luto de meus passos  
à procura do carinho  
que não existe em teus braços.

Vou batendo a cada porta  
e à porta também de cada  
mas não pode vir resposta  
de casa despovoada  
e uma voz de face morta  
vai me respondendo nada.

Aqui os músicos ferem  
suas músicas dolentes  
que inutilmente se perdem  
pois ninguém as ouve e sente  
e os próprios músicos querem  
outra ausência mais ausente.

Aqui há corpos cruzados,  
entrelaçados com raiva,  
inutilmente enlaçados  
na carne despovoada,  
animais desesperados  
numa solidão amarga!

Além os meninos cantam  
tristes canções tristemente;  
cantam pensando que espantam  
a tristeza que consentem  
e a triste tarde acalantam  
numa dor de não ser gente.

Depois uma igreja antiga  
jaz pura, vazia e muda  
sem qualquer fé que lhe sirva  
pelo ser demais impura.  
— Que deus tem resposta amiga  
a quem nada lhe pergunta?

Isto eu vi em a cidade  
Babilônia e ainda mais  
coisas de variedade  
mas porém todas brutais.

E havia tanta verdade  
que era verdade demais...

Vi o que somos no ermo  
sem fim da cidade amarga  
e disse: — Rei de que reino,  
em que idade deserddada  
és, triste senhor supremo  
de coroa contestada?

Lobo de si próprio ia  
o homem se devorando  
e uma parte se rendia  
ao destino miserando  
enquanto a outra subia  
traídos irmãos pisando.

Vi casas, tamanhas casas:  
longas fachadas, janelas  
ventiladas, deslumbradas  
e sem ninguém dentro delas,  
dir-se-iam casas talhadas  
para uma deusa donzela.

Vi casas... Casas? Abrigo  
de animais, pensei. Não era.  
Era gente o que ao abrigo  
daquilo se recolhera:  
eram velhos e meninos  
da grã-família miséria.

Vi ruas deslumbradoras  
e outras convulsionadas  
fedendo a morte e a dor, a  
longa vida deserddada.  
Vi avenidas sonoras,  
preciosas, conservadas.

Andei mais e em certo espelho  
me olhei: uns olhos que dormem  
pesadelo, bem mais velho  
ali me vi e enorme em  
mim o espanto: no espelho  
era eu: — Aquilo um Homem?

Mas se vira outros iguais  
atrelados e feridos,  
espancados, imortais  
mordendo pão construído  
com duros gestos brutais:  
animais desprotegidos!

Parei e considerei  
onde cheguei e chegamos:  
— Que destino, perguntei,  
que mau destino enviado  
nos foi de deus para dei-  
xar-nos assim castigados?

Foi quando diviso os rios  
entre os quais navega a minha  
Babilônia, fundos rios,  
rios que traçam a sina  
na mão da cidade — vi os  
sinais de morte e ruína!

Quantos incontáveis traços  
de desespero e amargura  
enrodilhando em seus braços,  
numa estranha tessitura,  
apenas viventes braços  
— lentos homens sem ventura.

E, ao fim de todos, apenas  
um rio a todos gerava.  
Secreto de forças plenas  
de obscura sombria raiva,  
cobra que tudo envenena  
e em vasta teia se espalha.

— Mau, péssimo rio horrendo,  
assassino sem entraves,  
lhe disse, de que estupendo  
poder de morte de fazes?  
Quando deixarás de ir sendo  
o túmulo que nos abres?

— Deixa que a cidade seja  
entregue à sua verdade,

que, afinal, o sol se veja  
amanhecendo nas faces  
e o homem cantando beije a  
vida recuperada.

E ele me disse: — “Sou,  
ferido de estranha sorte,  
quem os homens separou  
para melhor lhes dar morte;  
divido os homens e dou-  
lhes uma imerecida sorte.

“Sonoro som de metal,  
preço da vida traída,  
de mim se tece este mal  
que assim a traz contundida:  
som falso, frio punhal  
cortando a raiz da vida.”

— Babilônia que te vais  
sobre estes rios plangentes,  
quebra as cadeias fatais  
que, veneno de serpentes,  
fecham-te em águas letais  
e tua morte desmente!

Para que em tristes salgueiros  
da minha imaginação,  
não pendam mais, estrangeiros,  
longe de sua Sião,  
mudos, instrumentos feitos  
para a suprema canção.

Os tempos futuros sei  
que, obscuros, nascendo estão:  
Babilônia que verei  
mais bela do que Sião  
quando alegre cantarei  
sobre estes rios que vão...

## ROMANCE DO SENHOR DE ESCRAVOS

O SENHOR:

— Nasci dono de longas terras  
a que nem sei começo ou fim,  
são minhas porque minhas eram  
por eu nascer de quem nasci  
e assim é porque o quiseram  
os deuses que adorais aqui...

(Pobres deuses de que me ri.)

Sou o Senhor, vós os escravos.  
Se o sou é porque mereço:  
podeis vós ser até mais bravos,  
ter vossa alma maior preço,  
sempre vos caberão só os travos  
que ao vosso bom deus agradeço.

(Pobre deus de quem escarneço.)

Nasci dono de vossa vida  
para a dar, vender ou perder  
conforme minha vontade tida  
no momento do meu querer.  
O que vos dói é divertida  
minha maneira de entreter.

(Vossa ferida é meu prazer.)

Assim foi para meus avós  
e para meus netos o quero.  
Pode ser este um mundo atroz  
feito de pranto e desespero:  
se os desesperados sois vós  
tenho do mundo quanto quero.

(Que apenas bichos vos considero.)

Isto será enquanto deus queira  
e sempre assim sua vontade  
será a minha ou a maneira  
que convier à minha verdade

irei compor do Inferno à beira  
com a mais torpe falsidade.

(Que eu sou a minha divindade.)

Chorai vós a quem o destino  
trouxe de ventre amaldiçoado.  
Chorai o vosso negro signo  
que para sempre está plantado  
até o fim do mundo e no  
fim o céu vos será dado.

(Céu pra vosso engano inventado.)

Plantai a terra com a fome,  
regai-a com vosso suor  
e se ela for sáfara o sangue  
será um estrume melhor:  
o pão que minha boca come  
não pode perder o sabor!

(O preço que pagais seja qual for.)

O FEITOR:

— Senhor, me desculpai o enredo  
daquilo que vos vou contar,  
podeis pensar que seja o medo  
que me dá este tom de falar,  
mas a vida não é o brinquedo  
que vós insistis em jogar.

Senhor, me desculpai o aviso  
pelo que tenha de desgosto  
mais até o tempo em seu rosto  
tem um novo aceno impreciso  
e o caminho em que o mundo está posto  
não conduz a nenhum paraíso...

Senhor, me perdoai que vos conte:  
este sonho que tive mostrando  
o que nasce e o que além do horizonte  
é um largo trigal ondulando  
não me deixa fitar-vos a fronte  
sem sentir como é frágil o mando.

Recebei este aceno partido  
de uma oculta razão singular  
que me pede vos fale, sentindo  
como é vão tudo quanto falar,  
porque o tempo se move e o perdido  
nem os deuses o fazem tornar.

Semeai vosso ouro nos campos,  
semeai a loucura nos montes  
pois é hora do frio sem mantos  
e já secam os olhos das fontes  
e inimigos, Senhor, tereis tantos  
quantos de servos tendes hoje.

Vossa razão tão sem razão  
estava que cessa de estar.  
No mar da Justiça ondas são  
tão altas para vos afogar...  
Vai acabar-se o jogo vão  
que vós insistis em jogar!

O TEMPO:

— Eu que sou tempo sem idade  
e que sou feito do que fui  
e do que serei e onde flui  
o longo rio da verdade;  
eu sempre velho de mil anos  
e sempre menino que nasce,  
eu que sei destrinçar enganos  
e sempre descubro o disfarce,  
vos digo, senhores tiranos:  
Triste será vossa alegria  
e breve, que nunca a desgraça  
foi prêmio de boa valia.  
Esgotai vossa última taça  
com o vinho que vos aprazia  
antes que a noite se desfaça  
e o sonho gere um claro dia!

O ESCRAVO:

— Aí onde estão as sementes  
está a árvore futura:

por sob a terra, lentamente,  
a vida cresce amada e pura!  
Há quem durma porque não sente  
que a madrugada está madura...

Na terra do meu coração  
só cresce uma flor prometida  
e eu a guardo secreta onde não  
possa ser de ninguém pressentida  
e a protejo com rubra paixão  
e a defendo com a amada vida.

Ó Senhor, nunca mais minhas filhas  
serão pasto de tuas vontades!  
A surpresa virá com macias  
mãos seguras colher quem não sabe  
que já foram chegados os dias  
em que a terra do meu peito se abre.

Nunca mais, nunca mais venderás  
minha vida pelos teus mercados;  
nunca mais meu gemido ouvirás  
ante a ira de teus desagradados;  
nunca mais, nunca mais, nunca mais,  
ó tirano pastor de pecados!

Que já cessam a noite e a tristeza,  
que já cessam a morte e o agouro  
e terá outro pão minha mesa,  
pobre e livre e mais belo do que ouro  
pois com sua secreta beleza  
uma flor cresce em mim porque choro.

Por que choro? Porque foi nascida  
uma rosa de pura verdade  
nas entranhas mais caras da vida,  
revestida de tal claridade  
que se apaga esta noite perdida  
na manhã da comum liberdade!

O POETA:

Meu coração faz-se de povo  
e meu corpo se faz de terra

e meu pensamento é um pomo  
que a árvore do tempo alimenta.

Eu, que sofria no silêncio,  
agora canto a Esperança  
pois a clara alegria vence o  
tempo e a vida é uma criança.

#### A LIBERDADE:

Aqueles que estão onde esteja  
em mim estão e eu neles sou.  
Tudo o que está onde se veja  
além da noite, me chamou.  
Todo o que sonha e o que deseja  
e me deseja, me encontrou  
e a quem se dá pra que o proteja  
inteira e fecunda me dou.

Enquanto uma folha se erguer  
na terra crestada e perdida,  
enquanto uma planta crescer  
da carne do chão ressequida,  
enquanto uma gota quiser  
das pedras romper incontida:  
Eu doce pastora hei de ser  
guardando os rebanhos da vida.

#### ANTROPONÁUTICA

Agora que meu coração é grave  
e é grave minha vida e minha sorte  
e a água da memória em que me lave

me leva não à infância, sim à morte  
pois quanto fui não volta a quanto fui;  
agora que lancei a minha sorte

e os dias me não são coisa que flui  
mas renhido combate que aniquila  
e fortalece o quanto fica ou rui;

agora, quando a dor fica tranqüila,  
e o desespero já não desespera  
e a lágrima secreta já destila

meu ser alheio da anterior quimera;  
posso olhar, mais sereno e mais isento,  
o outono que há em cada primavera,

a primavera que há em cada intento,  
a força de intentar que o Homem eleva,  
a asa de ser que ao Homem é um vento

porque se atreve (e sempre mais se atreve);  
vento que ao ser mantém nutrida a chama,  
chama em que se desfaz a densa treva:

agora que meu coração conhece  
a teia que a si mesma a vida tece  
sinto que só é vida a de quem ama.

Há cavalos nos campos e cavalos  
HP, ambos pastam sua usina.  
Cavalos animais pastam no vale. Os

cavalos HP rodam a sina  
de turbinas e usinas assassinas.  
Ervas pastam nos campos os cavalos.

Os cavalos da usina pastam gente,  
suor de gente, miséria de gente  
nas usinas não há cavalo chucro.

Os cavalos do campo pastam erva  
e devolvem estrume na semente.  
O estrume do HP se chama lucro.

No cavalo do campo monta a sorte,  
a dor, o esforço, a própria vida humana.  
No cavalo da usina monta a morte.

Mas o futuro, que a ninguém engana,  
é de quem monta no cavalo chucro:  
na usina do tempo cessa o lucro...

Há cavalos nos campos e cavalos  
nos elegantes prados de corrida.  
Assim como é a vida desigual

os cavalos a têm dividida:  
cavalo chucro morde desespero  
no freio das esporas e da lida,

cavalo sangue-azul morde dinheiro  
de apostas, morde açúcar de mão fina.  
Cavalo chucro morre no atoleiro,

cavalo sangue-azul na baia limpa.  
O dono do cavalo chucro morre  
com seu cavalo e a mesma triste sina

mas o dono do outro até na morte  
morre como quem vive uma outra vida.  
Os filhos de quem tem cavalo chucro

invejam a ração do outro cavalo.  
Ó campinas e prados, coisa impura:  
a pata igual, igual a ferradura...

Porém nem tudo é morto enquanto ao cor-  
ação não falta a linfa da ternura,  
enquanto o tédio não se faça dor,

enquanto a própria dor se faça pura  
semente de riqueza interior;  
nem tudo é morte se o pulmão respira

a rosa da manhã, resina densa,  
sumo de vida, enquanto nosso olhar  
respire a seiva da beleza e a vença

na forma do soneto a inventar;  
enquanto a razão encha suas landes  
de coisas provisórias ou eternas,

enquanto o ser aspire coisas grandes  
e a música comece em tuas pernas  
e ondeie em tuas ancas quando andes

e desça de teus ombros pelos braços,  
pela margem dos seios e do ventre  
até onde os sentidos descompasso

pois é rosa do mundo oculta entre  
teu território lírico de flor:  
não há morte no corpo se há Amor.

Agora que meu coração é grave  
e é grave o mundo e é véspera do Homem  
e o Homem sobe ao cosmo como ave

liberta de seu peso, embora a fome em  
cada um dos pontos cardeais habite  
e homens-lobos ainda outros homens domem

no prazer do chicote, mau limite  
para a grandeza humana, e a mais-valia  
castre tuas asas de sublime e te

prenda ao vulgar, dor e melancolia;  
agora que tudo é ser ou não ser  
e de não ser o Homem se angustia:

já vejo noite para amanhecer,  
já vejo amanhecer que vai ser dia,  
já vejo dia para quanto é ser.

Se o homem voa\*além do seu limite  
e  $E = MC^2$  é a verdade,  
seja seu território o onde exercite

a audácia de romper a gravidade  
quando a 40 mil quilômetros por hora  
amplia o próprio ser da humanidade.

Se outro é hoje o sentido da distância  
e a cor do espaço e tempo se descora,  
mude o circunstancial e não a ânsia

essencial que é o ser do próprio ser.  
Cosmonauta de si, o homem se explora:  
essa a maior distância por vencer.

Vai, ave humana, sobre-humana asa  
tocar estrelas em tuas mãos sem fim;  
vai colher rosas do novo jardim,

vai no corcel da alucinante casa  
ver as novas verdades virginais  
de martes e netunos espaciais;

vai sempre mais além da estratosfera  
povoando o silêncio indefinido  
com a esteira de luz dessa quimera;

vai onde nenhum ser já tenha ido,  
bebe o escuro do espaço indevassado  
e o sol do sol mais próximo colhido;

vai como um deus humano iluminado  
colher mistérios, devassar o oculto  
mas para regressar com o intocado,

antigo, eterno e grave humano vulto.  
Que tuas asas todo o espaço domem:  
O INFINITO MAIOR É O PRÓPRIO HOMEM

### CANÇÃO QUARENTÃ

E, de repente, o tempo fugitiva  
sombra se fez como água entre meus dedos.  
Impossível detê-la: pura e esquiva

ela se faz passada e vãos enredos  
será tentar colhê-la porque foge,  
inconsútil e breve, em seus segredos.

E, de repente, me eis chegado ao hoje  
com este acre sabor do que é perdido  
e a sensação de quem já se despoje

de tanto melhor sonho inobtido,  
de tão alta esperança de outra história  
para contar, tão cedo despedido

da vida merecida e ilusória.  
Sem nenhuma riqueza acumulada  
quer fosse permanente ou provisória

e o que falta trilhar na dura estrada  
apenas debilmente desenhada  
linha crepuscular de antememória.

Vim por este caminho falso e ardente  
como um rio iniciado na alta fonte  
(e obscura) sem o leito complacente:

fio de água que nas pedras desponte  
para descer por ínvias avenidas  
líquidas, só murmúrio no horizonte;

os acidentes naturais, descidas  
imprevistas e súbitas veredas  
que trocaram-me a vida em tantas vidas,

tão alheias de mim, tão duras quedas,  
tão píncaros da imaginação:  
neves gelaram minhas labaredas,

secas árduas povoaram meu verão  
de ramos desnudados como putas  
quando fingem vender doce paixão;

uma crosta de angústias e de lutas  
me revestiu na dura proteção  
de atra amargura e lágrimas enxutas.

Comparo no espelho da lembrança  
minha paisagem de ontem e de agora:  
a promessa dos sonhos de criança

que a precoce velhice hoje descora,  
saudade do amanhã que me iludia,  
vespertina saudade que em mim mora;

e, se contemplo minha mão vazia  
de qualquer bem e o coração igual,  
mais a tarde anoitece e me anuncia

os abismos da noite, pantanal  
onde tudo se perde e a vida adia  
apenas (e entretece) seu final.

Mas, meditando cada ruga, cada  
melancolia do olhar sem chama,  
cada silêncio, cada impronunciada

voz, adivinho que entre a amarga trama  
do acontecido ou não acontecido  
nem tudo foi a dor que se reclama

nem tudo ganho (pelo inatingido)  
mas do que a vida fez amor e poema,  
quebrando à solidão a dura algema,

não me perdi: nem tudo foi perdido.  
Vi a lua espriar seu diadema  
sobre a praia do amor esquecido

e o Teu sorriso abrir-se como um luar  
quando meus olhos, procuravam porto  
na pacífica praia do teu mar

e as âncoras da carne o corpo, absorto,  
na baía de tua doação  
cravar — para tombar feliz e morto

até à páscoa da ressurreição  
quando todos os sinos saudaram  
Teu ventre no trabalho da criação.

Senti o amor, seu mel, fulgor e travo  
profundamente devorar meu ser.  
De mel, fulgor e travo fui escravo,

cantei a dor, chorei o azul prazer,  
provei-lhe a melodia ou rumor cavo  
e com os seus venenos me embriaguei.

Bebi-o avidamente, adusto vinho,  
dedilhei-lhe as mil cordas musicais  
e o escutei puro som de violino

ou rumor de tormentos infernais.  
E aprendi esta fome — o Amor, divino  
céu-inferno onde a Vida nasce e jaz.

Mas não foi só o Amor translucidado  
que funde os promontórios e baías  
da carne em paroxismo iluminado:

pude também, à flor de amargos dias,  
aprender um Amor mais numeroso  
em suas dilatadas harmonias:

um Amor vasto, denso, poderoso  
que derruba as mais ásperas fronteiras  
e ergue pontes de fraternal repouso,

lúcidos gestos, vozes verdadeiras,  
signos que abrem as mais fechadas portas  
e derrubam o não de mil barreiras;

pude aprender, por entre coisas mortas,  
uma réstia de vida verdadeira  
e lúcidas veredas entre as tortas

vias que truncam cada coração:  
aprendi a lutar pela bandeira  
do Amor que faz do humano ser o irmão.

Desamor aprendi ao sofrimento  
imerecido, ao ódio vão, ao triste  
desperdício de vida se alimento

é da dor, e à fome — lança em riste  
alçada como um fúnebre terror;  
e à injustiça sobre quanto existe

talando a sorte, desfolhando a flor  
que para a humana seiva fora erguida.  
E porque só há vida onde há Amor

já tudo desamei que nega a Vida.

E a tarde se me fez crepuscular  
de ver o quanto coração não pede:  
manhã não orvalhada, atro luar

de quanto a existência não concede  
ou eclipse de rosa recusada,  
sonhado ser que a realidade impede,

humana profecia inalcançada,  
minha e alheia negação do ser  
autêntico e fiel, história errada

do que nos deveria acontecer.

Contemplo-me na cruz dos três caminhos:  
aquele que eu seria o que devera  
no projeto maior do meu destino;

outro (não essa lúcida quimera)  
onde de mim fizera o que sonhei  
(igualmente truncada primavera)

e aquele onde os dois outros me neguei:  
duas mortes morri quem me eu quisera.  
Que pois morto não viva o que salvei!

Se pulsa o coração e a vida é,  
pesar de quanto a nega e quanto a mata  
(frágil embarcação na árdua maré

que a cólera dos deuses maus desata),  
fazer de quanto é frágil tensa fé,  
brandir este punhal como insensata

e luminosa arma invencível, seta  
da humana tensa corda disparada  
é que dá som ao canto do poeta

mesmo ao crepúsculo e ante a mais cerrada  
ameaça de noite desmedida,  
pois ainda que não se alcance a meta

não tentar é negar a madrugada  
cuja luz desejada é a própria Vida.

E, sem a doce Vida, tudo é nada!

## CONFISSÃO DE AMOR

### I

No teu corpo que é campo  
de suaves aconhegos,  
como florestas, mansos,  
arfam brandos relevos;

na água de teus olhos  
flutuam coisas límpidas  
e na rosa dos lábios  
o amor tem suas linfas;

tens um ser que, sonhado,  
faz sorrir de alegria  
e ao coração amargo  
devolve o amor da vida.

### II

Teu corpo que apetece  
como rosa entreaberta  
é a mais viva festa  
do ser que o mundo tece;

teu ser é que amanhece  
nossa noite funesta  
é em teu ser que se apresta  
o futuro que apetece.

Antiga como o amor,  
jovem como o desejo,  
és a amada exemplar:

sonho de vida em flor,  
flor de sonho e desejo,  
razão de ser e amar!

### III

Se até a paixão cansa  
não cansam benefícios  
de tuas rosas brandas  
e teus serenos lírios.

Porque tu és a eterna  
e renovada virgem  
cuja carne sonhada  
se faz doce vertigem!

Porque tu és a única  
que o tempo não derrota  
e, quanto mais antiga,  
mais és menina e moça!

#### IV

E eis que os donos da vida  
para quem uma rosa  
é perfume proibido  
e uma cor viciosa,

eis que os donos da vida  
para quem é o sonho  
uma flor proibida  
e um desperdício absurdo;

eis que os donos da vida,  
incapazes de amor,  
querem furtar-me aquela  
cujo ser é em flor.

#### V

Como se alguém  
querer ousara  
furtar a alma  
que a água tem.

Como se alguém  
possa deter  
o ser do ser  
que no vento vem.

Como se alguém  
possa tocar  
o oculto ar  
que o ar sustém.

## VI

Mais se proíbe o amor  
mais o amor é forte:

mais forte do que a dor,  
mais profundo que a morte.

Mais se proíbe a vida  
de que esse amor é chama,

mais alto a chama é erguida  
na noite de quem ama.

Mais se proíbe Aquela  
que é razão de viver

mais Ela, oculta e bela,  
nos faz amanhecer...

## VII

Pois o que é belo e puro,  
seja sonho ou mulher,  
está mais alto que o muro  
que se lhes possa erguer.

E quem as rosas mata  
faz seu trabalho em vão:  
secreta, a rosa rara  
cresce no coração.

## VIII

E quando se faz noite,  
a mais densa e fechada,  
seus olhos me desvendam  
a luz da madrugada...

Na mais noturna treva  
— a desumana e louca —  
Ela os sonhos me insufla  
com a rosa de sua boca.

E Seu corpo secreto,  
na noite tumular,  
pela nossa esperança  
se deixa fecundar.

IX

Pois Ela é sempre virgem  
e mãe cheia de graça

e nutre minha vida  
com seus seios e intacta,

*é mater amantissima*  
para nossos calvários,

árvore de delírios  
e flor de itinerários,

estrela matutina,  
futuro em nossa dor,

carne de nossa alma,  
rosa de nosso amor.

X

São inúteis o circo,  
os leões e o César:

olhando essa alva antífona  
mesmo a morte é um néctar.

É inútil a arena  
e a fúria dos Patrícios:

seu bálsamo serena  
os mais rudes sacrifícios.

E o sangue derramado  
é um punhal no tirano:

do grão assassinado  
nasce um futuro humano.

## XI

Que nunca de Teus olhos essa chama  
deixe de responder ao meu apelo,  
e a água de ternura que me inflama  
negue seiva à raiz de quanto é belo.

Que nunca de teus lábios a quem ama  
falte a resposta que desata o zelo  
de amar-te mais e o gesto que derrama  
teu ser seja a esperança a quem apelo.

E tudo o mais me falte se não faltas  
e nada mais me dêem se me és dada:  
contente me farei se és minha sorte.

Por ti é que ave sou de asas tão altas:  
e, se me dás o amor com que és amada,  
grande se faz a vida e leve a morte.

## XII

E jamais haverá quem corte o laço  
que a ti me prende, anel unindo o amante  
à sua amada, no fatal abraço  
em que se funde a vida coruscante.

Porque esta alta paixão vence o espaço  
e o tempo, vence a eternidade e o instante,  
te amo daquele amor que é sem cansaço  
e até após a morte é amplexo arfante.

Amor assim é o único penhor  
de que não é viver faina ilusória,  
tristeza inútil, danação inglória

pois, deslumbrado em tão profundo amor,  
darei que apetecível faz-se a dor  
e a morte frágil para tal memória.

## XIII

Porque és no árduo caminho  
um doce vinho;

e em teu sorriso apagas  
minhas lágrimas;

e entendes meus segredos  
de silêncio;

e acalentas de esperança  
a nova infância;

e cobres de doçura  
minha angústia;

e desvendas a cor  
do dia em flor:

é que à tristeza sobreponho  
o sonho

e canto por saber que não é vão  
Teu calor que me pulsa o coração.

#### XIV

Minha lúcida amada  
por quem o ser afino  
és a música alada  
de um sublime violino.

Corpo e alma inconsútil  
do mundo por haver,  
por ti não é inútil  
a tragédia de ser.

Em tuas mãos macias  
colhes carícias puras  
que, à noite destes dias,  
tecem manhãs futuras.

E se o punhal de agora  
sua lâmina me crava,  
Teu perfume de aurora  
de coragem me embriaga.

## XV

És meu anjo-da-guarda  
e alvo dos meus desejos;

meu êxtase e minha alma,  
flama dos meus lampejos;

és carne de minha alma  
e flor dos sortilégios,

calor que não se apaga,  
promessa aos desalentos,

resposta em que se acalma  
a angústia e seus tormentos.

## XVI

Virtude entre meus vícios,  
meu vício de virtude:  
que fora eu se não visse os  
teus olhos, plenitude?

Que fora eu sem teu ser?  
Só névoa indefinida.  
Mas já sonhar-te é ter  
razão para ter vida.

## XVII

Seu nome? perguntei à ave do céu  
como se chama sua vida alada  
e a ave, no azul, responderá com seu  
vôo azul, pelas nuvens afagada.

Seu nome? perguntei à orvalhada  
rosa que nos jardins amanheceu  
e a resposta será essa irisada  
lágrima da manhã que a flor colheu.

Seu nome é ave e nuvem, é jardim,  
é azul e manhã, lágrima e rosa,  
seu nome é som de pássaro e de flor

pois chama esse começo sem ter fim  
que faz fragilidade poderosa:  
chama secreta do maior amor.

Seu nome que resume poesia,  
graça e beleza — síntese do amor;  
seu nome — chama e luz, sinal e guia,

cor e perfume que resume a flor,  
não se diz Julieta nem Maria:  
é melodia de outra claridade,

ritmo e som que não cessa e que não cansa,  
capaz de alimentar a alma insubmissa  
e ao Homem devolver a humanidade:

para vencer a noite é Esperança;  
para ser livre chamo-lhe Justiça  
e, se quero ser justo, Liberdade!

## QUANDONDE?

### I

Depois que os pés nas pedras apunhalo  
e bebo água dos pântanos da vida  
e os joelhos nas urtigas rasgo e ralo  
e como a terra-mãe na fome ardida;

depois que ao frio vento me agasalho  
e rolo pela furna desabrida  
e me antemorro, eis que me toca o halo  
da imagem procurada e proibida.

E tudo amor esquece: dor, miséria,  
pranto, punhal do tédio, antecipada  
morte, fome, aves de angústia em bando,

se vou sorver-te, taça da quimera!  
Mas, de repente, já não és, Amada,  
e serás onde, quando, ondequando, ondequando?

## II

Em ondequando estás à minha espera  
com as fomes da leoa pelo cio,  
fértil como uma tensa primavera,

dadas maçãs dos peitos e o estio  
do eletrizado corpo palpitante  
à espera do ardente desafio,

pura e tensa, voraz e doce amante,  
com a boca de sedes consumida  
e a interna floresta coruscante.

Em busca de ondequando esvai-se a vida  
e cada vez mais longe vai ficando  
a ilha em que te escondes: ondequando?

## III

Há uma avenida  
sutil, luminosa,  
com folhas de brisa  
e perfume de rosa

tépida e esparzida,  
macia e sonora:  
caminho de ida  
sem nenhuma volta.

Caminha-se vida  
sob suas copas,  
respiram-se finas  
manhãs sob o sol das

árvores que filtram  
sombras luminosas:  
coisas infinitas  
se fazem tão próximas

como nas campinas  
o céu se horizontaliza  
e a tarde confina  
com a noite que acorda;

e tão definidas  
se fazem as coisas  
que o silêncio filtra  
as vozes silenciosas.

Plácida avenida  
das lúcidas formas  
e das razões nítidas  
que o ser desabrocham;

onde a mente filha  
caminhadas novas  
na alameda viva  
de cores e formas.

Poder tua trilha  
ir, sábio, pisando  
té minha outra sina:  
Dizei-me: ondequando?

Divisar a linha  
que o horizonte esconde  
daquela avenida:  
quandonde, quandonde?

#### IV

Além há um onde  
que a tudo responde:  
rio para a sede,  
maçã para a fome,  
e a espiga dos dias  
balanço da rede  
e o teu doce nome.

Lá vamos cantando.  
Chegaremos quando?

Ó seria quando  
acordar sonhando  
seria mais doce  
que sonhar sonhando:  
mulher desejada  
ao alcance da mão,

música na corda  
de cada violão,  
só mel, bem-me-quer  
em cada coração,  
em todas as bocas  
o suave pão,  
coro repetindo  
a palavra irmão,  
vida mansa e longa  
rosa sem senão!

Pergunto sonhando  
e ninguém responde:  
pra ir a esse quando  
caminho é por onde?

V

Job que me responde:

vai-se pelas mágoas  
quando em rio as lágrimas,  
vai-se pela dor  
quando a chaga é flor,  
vai-se pela terra  
quando reina a guerra,  
vai-se pela noite  
quando sob o açoite,  
vai-se pelo crime  
quando a lei oprime,  
vai-se rente ao chão  
quando o homem é o lobo  
do homem seu irmão;  
onde estamos todos  
com dentes de lobos,  
onde devoramos  
até o que amamos,  
onde é o caminho  
o estrume e o limo,  
onde mais se come  
nossa própria fome,  
onde a gana e a inveja  
se fazem de igreja,  
onde muita gente

tem deus por seu ventre,  
onde o natural  
à mão é o punhal:  
eis aí o quando  
mais irmão do onde  
nos vamos sepultando.

O sonhado ondequando  
secreto se esconde  
e, se gritamos: quando?  
uiva o eco: onde?

## VI

Mas há rumor nas pétalas das rosas,  
no azul do céu, no mais azul do mar,  
na forma de tuas ancas e nas coisas

que sussurram teus gestos, num olhar  
cheio de rios-nuvens, na palavra  
inconsútil, no verde vento, no ar

orvalhado ressoa este rumor que lavra  
o quando da promessa adivinhada  
lá onde o Homem colhe sua safra:

onde é hoje esta noite, este obscuro  
não-ser e quando tudo nega a sorte  
quandonde estufa o ventre do futuro:  
quando, onde a Vida vence a humana sorte!

## PROPOSTA

Dai-me uma pequena  
semente de sonho  
e vereis a Pátria  
que dele componho.

Lavrarei seus campos  
com suor de cantigas,  
regarei de lágrimas  
rosas e espigas:

brotarão pomares  
do amargo caminho  
e se farão rosas  
no anterior espinho;

barcos de quimeras  
no mar feito amigo  
colherão as safras  
do oceano antigo;

hão de florescer  
usinas de Amor  
nos olhos, nas mãos  
da ternura em flor;

uma infra-estrutura  
de humana verdade  
penderá seus frutos  
para a Liberdade,

recônditas minas  
de el-rei salomão  
hão de dar o aço  
da doce paixão,

solo e subsolo  
de um humano ser  
serão a antepátria  
por amanhecer.

Dai-me uma pequena  
semente a sonhar:  
crio-vos serena  
Nação exemplar

pois ao Homem basta  
um sol como história  
para que floresça  
seu pão de vitória!

## O HOMEM EM PELE E OSSO

A pele é superfície,  
os ossos são entranha.  
A pele é o que se vê,  
os ossos o que escapa.  
A pele é uma casca,  
os ossos uma safra.  
A pele é entrega,  
o osso é arma.  
A pele é palma,  
o osso é clava.  
A pele é a pintura,  
os ossos são a casa.  
A pele é o acidente,  
o osso o permanente.  
A pele são as nuvens,  
os ossos são a água.  
A pele são os musgos,  
os ossos são montanhas.  
A pele é o agora,  
os ossos são milênios.  
A pele é um orvalho,  
os ossos são invernos.  
A pele é viração,  
os ossos são os ventos.  
A pele são palavras,  
os ossos são segredos.  
A pele é o direito,  
os ossos são o avesso.  
A pele são cabelos,  
os ossos pensamento.

A pele é a pulseira,  
os ossos são o pulso.  
A pele são os gestos,  
os ossos são o músculo.

A pele são os seios,  
os ossos são o útero.  
A pele é uma algema,  
o osso a faz inútil.

A pele é só o som,  
os ossos são o sino.  
A pele são as vozes,  
os ossos o sentido.

A pele o que parece,  
os ossos o que é.  
A pele é prece,  
os ossos fé.

A pele o que se rasga,  
os ossos o que quebra.  
A pele é o que verga,  
o que comprime alarga,  
o que dilata e aperta,  
os ossos coisa certa  
de dimensão exata.

A pele o que se adapta  
e se faz fino ou denso,  
os ossos um ser tenso  
de feição sem mudança.

A pele é assim frágil  
coisa apenas de ver  
e os ossos o tutano  
de que se faz o ser.

A PELE E O OSSO  
FAZEM UM SÓ CORPO  
NO APARENTE ENGANO  
POIS SENDO DIVERSOS  
(DIREITO E AVESSE)  
PINTAM O UNIVERSO  
DOS SERES HUMANOS.

Se o homem é um ser/pele  
é extremamente difícil  
que consiga erguer seu caule  
contra o vento que o castigue,

mas quando seja um ser/osso  
é inevitável e fácil  
não só que seu caule cresça  
como desabroche em árvore.

Se tem o homem da pele  
a compleição toda plácida,  
sua raiz há de ser  
areia de água escavada

mas, quando propensa aos ossos  
se faz sua tecitura,  
há de ter a raiz ávida  
em que a planta ganha altura.

Se feito de só pele  
muda-se com o vento  
e se faz mais frágil  
no passar do tempo.

Já a carnadura óssea  
ventos desbarata  
e o tempo alimenta  
sua força eriçada.

Será o homem/pele  
oco igual à cana:  
se faça a atravessa  
fere o âmago de nada

mas se assemelha ao osso  
quando guarda no âmago  
humana seiva grossa  
de fértil tutano.

Se âmago é tutano  
nem a lâmina corta  
a carnadura óssea  
que lhe reveste a força

mas, se a pele dá tom  
ao tecido que a tece,  
só no gesto da lâmina  
seu osso se faz pele.

Quando o ser é osso  
até o por fora  
ganha a tensa pele  
que não desfolha

e se é assim por fora  
tanto mais por dentro:  
nem lhe desmoronam  
os pensamentos,

imaginações  
se fazem intentos  
e até seus sonhos  
acordam concretos.

Mas ao ser de pele  
até os ossos  
têm seu outono  
e caem folhas

que, a pouco e pouco,  
o osso e seu âmago  
vão desmanchando  
em nervo flácido

e assim por fora  
como por dentro  
é tudo pele  
direito a avesso;

do que imagina  
aos vãos pensamentos  
que até despertos  
são pesadelos.

Quando é de pele  
(como pulseira)  
só lhe apetecem  
coisas externas:

palavras vagas,  
ambíguos gestos,  
cores garridas,  
brilhos, enfeitos,

pompas e glórias,  
mantos, coroas,  
salamaleques,  
truques e loas,

adjetivos  
e honrarias,  
brasões, medalhas  
e fancarias.

Se porém de osso  
(o osso é pulso)  
todo ressuma  
ao que é profundo:

não vê o externo  
nem o avulso,  
conhece o tempo,  
não o minuto,

é substantivo,  
conciso e duro,  
planta verdades:  
colhe seus frutos;

conhece as plantas  
mais pelo sumo,  
pisa caminhos  
que tenham rumo!

.....

A PELE E O OSSO  
FAZEM UM SÓ CORPO  
NO APARENTE ENGANO  
POIS SENDO DIVERSOS  
(DIREITO E AVESSO)  
PINTAM O UNIVERSO  
DOS SERES HUMANOS.

.....

Comum apenas  
o chão da morte  
pra cuja força  
ninguém é forte:  
mar onde correm  
todas as águas  
mansas ou turvas,

doces, salgadas  
mas mesmo à luz  
desse relâmpago  
há o que morre  
e o que não se mata:

desfaz-se a pele  
para ser água  
que se dissolve  
nas deslebradas  
sombras perdidas  
do inumerável;

calcina o osso  
como diamante,  
pedra e cimento  
que não se apaga  
e para sempre  
sua força guarda  
no inesquecível  
da humana saga.

## GENESIS

### I

Raiz de um verão árido e sedento,  
me fiz ao mundo como planta agreste  
e me nutri do húmus avarento  
que é este amargo chão dos homens, este  
solo dos desirmãos crestado ao vento  
dos ódios viciados como a peste;  
tive de achar por minha dor o leste,  
o sul ou norte para meu intento.  
Plantado como Adão num paraíso  
de desencantos, só me não negaram,  
podre, a maçã da árvore proibida.  
Amanheci no Dia do Juízo.  
Sofri a cruz a que me condenaram.  
Mas te provei, ó denegada vida!

## II

Tua beleza renegada e doce  
fui aprendendo a degustar, profundo  
sabor, com o apetite de quem fosse  
tendo a coragem de inventar o mundo;  
tinhas um travo por que revelou-se  
o céu do inferno no esplendor imundo,  
tinhas o mel do sofrimento atroz se  
lhe não desse sentido o mais profundo  
aprendizado de viver que é pena  
de quem viver recebe como graça  
para subir do chão até à altura  
de si próprio, em que a dor já é pequena  
e tudo que é menor aos pés lhe passa  
e onde a seiva do sangue se faz pura.

## III

Palmilhei o caminho descaminho  
de que se tece a humana encruzilhada,  
comi o pão amargo e o doce vinho,  
o fel do tempo e o mel daquela hora;  
atravessei o grosso mar do nada  
e a montanha em que a neve faz seu ninho  
e se respiram pétalas da aurora;  
passei nos desvãos do descaminho  
e nas veredas da serenidade,  
mordi frutas silvestres, colhi rosas,  
rasguei os pés nas pedras afiadas;  
plantei meus latifúndios de ansiedade,  
e ao fim de tantas safras prodigiosas  
fui um servo de glebas inventadas.

## IV

Olhei o sol do amor ferir-me o olhar  
quando tive a coragem de fitá-lo  
e de repente o sol fazer-se luar  
sobre teu corpo nu e devassá-lo,  
revelar teus segredos que ainda calo  
por não saber palavras de os contar:

ó chão maduro para me plantar,  
terra, floresta, grutas, montes, vale, o  
país do meu ser, ó pátria amada  
onde da morte diária me levanto  
na primavera em carne de mulher.  
Ó paisagem do céu vista e tocada,  
violino de espasmos do meu canto,  
praia fértil da espuma do meu ser.

## V

E, por não só do pão viver o homem  
e nem só do vinagre da tristeza,  
colhendo fui também a árdua beleza  
de que se nutre a outra nossa fome, em  
espigas da razão, heras que sobem  
muito além dos sentidos, da vileza  
dos apetites materiais que comem  
a melhor intenção da natureza.  
Segui pelas veredas perigosas  
que as coisas nos revelam mais obscuras  
além das sombras vãs e mentirosas;  
me cravei da verdade, árduas e puras,  
essas sublimes setas venenosas  
que dão sentido às nossas vãs procuras.

## VI

E quanto mais de mim se aproximava  
aquele que de mim ia eu tecendo  
o novelo dos sonhos desfazendo  
(a que preço, meu deus, e me sangrava  
o humano ser) e quando mais a escrava  
corrente conseguia ir desprendendo  
e as montanhas terríveis escalava  
lá onde enfim meu ser iria sendo;  
quando mais me negando eu me afirmava  
e aprendia a fazer de espinhos rosas  
e apetecia só ser quem eu era  
mais quem eu era a vida me negava,  
e mais se me faziam enganosas  
esperanças de amiga primavera.

## VII

Assim me fui fazendo até o quanto  
agora sou (metade do que eu fosse?),  
face que já crestou o amargo pranto,  
meia-alegria que é tristeza doce,  
discreta melodia do alto canto,  
promessa que é só véspera da posse,  
impulso aquém do gesto que se esboce,  
deslumbramento que perdeu o encanto;  
mas, por trás do crepúsculo que existe,  
escondido naquele que se mente,  
preservado ao disfarce que me visto,  
pulsa quem me salvei desse contágio:  
bicho da terra que palpita e sente  
e é uma rocha de sonho sem naufrágio.

**BREVE MEMORIAL  
DO LONGO TEMPO**

Dezoito mil dias e noites não são tarefa suave para o menino que veio ao mundo nesta bela cidade de São Luís para tontear seus olhos de sol tropical e salgar seu tempero humano no mar que invade a Ilha. Por isso, quando os completos, pouco mais tenho para oferecer aos conivias desta humana aventura do que este "Breve memorial de um longo tempo", testemunho do homem lutando para ser fiel a si e a seus irmãos. O poema quero, pois, que seja uma taça imponderável de testemunho, solidariedade, e convite à meditação do compromisso que a todos nos justifique de estarmos vivos. E ainda, sob a angústia, o brotar de esperanças que a vida alimentam.

Do alto da ladeira do seu tempo vivido, o menino que resistiu a tudo vos assegura:

- Amanhecemos a existência!

Mãe, olha o limão nos meus olhos  
que eu quero ver.  
Não acarinhe meu choro  
desatado de recém-nascido:  
preciso me acostumar  
ao grande réquiem da vida.

Há cinqüenta anos estou  
nascendo e hoje  
antes que a morte me proíba  
de recenascer as manhãs,  
quero ver a chorar outra vez  
pela primeira vez e sentir o gosto  
da vida, pela outra primeira vez,  
como um doce leite materno  
e outra primeira vez  
escutar as palavras e aprendê-las,  
os gestos e copiá-los,  
ser coberto pelo manto da ternura  
e manipulado pelas mãos da ciência  
para que viva.  
E viva para que seja um Homem,  
e seja um Homem para que sofra e saiba,  
e sofra e saiba para que pense  
e pense para que multiplique  
em mim a vida humana.

Agora que já foi protegido  
o indefeso, que ninguém cuide  
excessivamente dele. Deixai que a vida  
se encarregue disso. Soltai-o que já anda  
e pois saberá (deverá) achar  
o(s) caminho(s) com e sem volta,  
as avenidas e os becos do ser,  
a vereda da noite que amanhece  
e o atalho da manhã que anoitece.

Deixai que aprenda o gesto irmão  
e o palavrão,  
o carinho  
e o grito,  
a dádiva  
e a recusa,

o uso da faca  
e o como se lhe escapa,  
a ótima intenção  
e a contrafação,  
a ternura da mão  
e a espessa paixão,  
o sim e o não.

Não, isso não é ontem nostálgico:  
é o ser revisitado  
em sua origem.  
É o ser remeditado  
à procura  
de si, também procura  
do mistério que o cerca.  
Reandar o caminho  
para medir na própria caminhada  
a viagem geral:  
não o mundo na dimensão pessoal  
— micromundo — mas minha dimensão  
no vastomundo.  
Fazer de mim apenas ponto  
de onde ver, viver, teimando  
em acertar as batidas  
do grande coração universal  
com meu atropelado coração  
de angústias próprias e alheias.

Renascer para medir.  
Medir-me no mundo,  
fazer-me dele  
para que seja meu  
e o meça e meça-me  
multiplicado.

.....

Reviver, resser:  
reandar, reaprender,  
reamar, redesamar,  
ressofrer, recantar,  
rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer,  
relembrar.

De passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
dar novamente a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos.  
Reinventar a vida.

O primeiro amor infinito  
no b...á...bá da carne alva  
da doce normalista  
que sentava no colo  
o menino que fui, no calor  
de cujos seios aprendi  
outro sentido à carne feminina.  
Ó aulas lentas passando tão rápido  
na sala do sobrado. Ó tardes  
benfazejas de inverno porque retínheis  
o inofensivo amante  
junto daquele corpo em que os verbos  
da carne estavam todos conjugados.  
Ó saudade de meu ser adjetivo  
junto da mestra substantiva  
que sabia tão bem colocar os pronomes  
como valer-se do meu corpo infantil  
para amornar os seus desejos.

Ó mestra iniciadora de minha filosofia,  
a somar o saber com o bem,  
ternura e gramática,  
a plantar na infância que hoje faz 50 anos  
estes vícios que sempre te homenageariam:  
ler e amar.

.....  
Vi-te, afinal, tanto tempo passado,  
outro dia na rua: cabelos  
brancos — vovó virgem —  
o mesmo porte de antigamente,  
as pernas ainda belas,  
os seios ainda levantados,  
serena, a pisar o chão de nossa multidão  
e dos teus isolamentos.

Por que não me colocas  
novamente em teu colo  
e ensinas teu consolo  
às minhas discordâncias  
como fazias quando  
eu errava orações?  
Por que, com teus perdões  
e teu sorriso brando  
não me ensinas respostas  
às interrogações?  
Não dás ponto final  
às minhas aflições?  
Por que não me sufocas  
o choro que não choro  
com a ternura que evocas  
colhendo-me em teu colo?

.....

Ó que saudade  
de palmeiras e pássaros  
da viagem no trem lento e difícil,  
do bonde a burro,  
da balsa sobre o rio  
e do leite mugido  
e da jibóia flutuando  
com o boi apresado,  
do roteiro, a cavalo, pra fazenda  
e da surpresa  
dos corpos femininos nus no rio  
(alguma coisa em mim vibrando sinos  
pela adivinhação de futuros delírios!)  
e a tepidez das águas sob a sombra  
de árvores generosas;  
e as tardes dos primos no balanço  
das rangentes redes.

Que saudade do tempo e mundo inocentes  
em constraste distante  
com a civilização das máquinas da morte;  
que liberdade junto à natureza  
enquanto a Liberdade  
dos códigos, dilacerada  
pelas bombas, explode

nas Espanhas de ontem  
e Vietnãs de agora.

Da janela alta do sobradinho  
da rua do Passeio  
onde todas as tardes via passar,  
menino, minha adolescente namorada  
em cujo sorriso vespertino  
construí os mais belos casos de amor,  
vi, também, certa madrugada,  
na hora do padeiro e do leiteiro,  
o apressado e tenso  
rumor de soldados em Revolução. Era 32.  
Mas não houve um tiro. A luta era longe.  
De tarde já a mesma paz:  
Batalhão Federal e Polícia Militar descobriram  
que lutavam do mesmo lado. Pouparam-se tiros  
e vidas. Guerra mesmo  
houve, nesse ano, de confetes e serpentinas  
e lança-perfumes que quase me afogam  
no deslumbrante corso.

Ó carnavais de então!  
quando Carolina  
você era o meu amor  
mas agora moreninha  
a taça é tua,  
e ricos brancos pobres negros  
se batucam libertos  
por três dias  
em suas fantasias  
nos blocos e nos clubes e nas ruas.

Adeus. Lá vou  
para o exílio português  
navegando pelo patriotismo de meu pai  
que desconfia das letras brasileiras  
e gostaria que todos os filhos  
nascidos no Brasil fossem bons portugueses  
até no sotaque com que ele resistia  
aos seus sessenta anos brasileiros.

Lá vou nesta Nau Catarineta inglesa,  
moderna e confortável, de potentes motores

mas que em mim não foge às velas  
com a cruz-de-cristo em sangue  
de minha navegação inventada:  
eu, pirata e descobridor.  
Lá vou, maternamente protegido,  
para as aulas rurais  
e o esguio e sábio mestre  
e as frutas nos quintais  
e o gato angorá nas tardes preguiçosas  
e macias de um tempo  
em que eu não entendia  
por que os meninos tão iguais na escola  
tinham fora da escola destinos tão diversos.

(Depois, tantos anos mais tarde,  
entendi. Sobretudo quando encontrei  
Antônia, que fora minha ama-menina,  
como puta em Coimbra...)

Onde estão? Onde estão os amigos  
plantados no caminho viajado?  
De uns sei, de outros jamais.  
Dos que sei: como nos disparatou a vida,  
a nós, tão iguais na aula e na bola.  
Alguns levou a morte, outros a sorte,  
e tantos do que eram se perderam...

Meu bom aprendizado lusitano  
além-exílio conventual:  
o longo e próximo convívio  
com as coisas naturais:  
campos, a faina dos plantios,  
o cantochão das mulheres na tarde

(“O meu coração  
é de pedra dura,  
é como a laranja  
quando está madura”)

os pés esmagando o vinho no lagar,  
a lagoa ajoelhada aos pés do povoado  
e a passagem da leitura ao sonho  
na solidão dos pinheirais  
com os quatro Fernando Pessoa  
por infinitos companheiros.

E os torresmos, o vinho, a trigamilha,  
o gesto de podar, de amanho os cultivos,  
de conversar com as macieiras  
e maldizer pragas da couve,  
e o grande tronco, os braços invencíveis  
do avô lavrador-lenhador,  
analfabeto e sábio,  
cheio de saber de vida  
junto ao qual como nunca mais  
conheci minhas raízes  
e o mistério dos laços  
da descendência. Que bom calor, avô,  
o da tua lareira em pedra e barro  
sujos de fumaça  
a crepitar de densa humanidade  
contra a neve no corpo e na alma;  
que máscula ternura  
em tuas poucas densas palavras  
que ecoam até hoje  
pelas furnas dos meus graves silêncios.

E fazia verão e havia frutos.  
(Os frutos ainda há. E o paladar?)  
E havia canções pelas colheitas  
e coração maduro pra cantar

e as ingênuas intrigas das aldeias  
tecidas com amor sob o luar  
e pão suficiente no celeiro  
e vinho nos tonéis a fermentar

calor humano e humanas energias  
para aquecer o áspero inverno.  
E nessa doce paz iam-se os dias  
fazendo anos e era um tempo eterno.  
(Minhas pequenas mãos sabedorias  
pequenas transcreviam no caderno.)

Ó meu deus que mundo difícil,  
que lição árdua para meus  
oito anos de então, cinquenta de hoje,  
aprendendo a ler o mundo  
em títulos de morte nos jornais,  
nas revistas onde floresce

em lugar do perfil da natureza  
a rosa das granadas.  
Como entender o cristo do catecismo  
e o enredo da solidariedade,  
lendo e vendo os homens  
revestidos de garras mortíferas  
se estraçalhando como feras?

E o terror daquela voz histérica  
a uivar deutschland  
no mesmo maravilhoso microfone blaupunkt  
em que ressoavam adormecedoras  
as mais ternas e suaves melodias?

Como aprender essa confusa  
lição de fantásticas descobertas  
para salvar a vida humana  
que nos campos da morte  
estava sendo, sabiamente,  
convertida em gordura  
para fins industriais?  
Como entender arranha-céus  
se aproximando às nuvens

e o coquetel de caviars  
e os rollroyce de ouro  
quando o bairro vizinho  
vegeta sobre a lama  
e como os excrementos  
de sua própria fome?

Que confusa lição para meus oito  
anos de então, cinquenta de hoje!

E as classes conscritas, os avós  
e seus netos nos mesmos uniformes,  
todos no mesmo passo das batalhas  
treinados para o mesmo morticínio  
e os gênios convocados  
para inventar mais morte,  
e a morte a galope no horizonte.

E a vida, o amor,  
a esperança?

E botas, bombas, massacres,  
racionamento, sangue nas manchetes,  
nações estraçalhadas e humilhadas,  
e o estupor da ameaça  
do terrível milênio,  
e os fuzilados e os maquis  
e as resistências.

E a Esperança!

Tio Carlitos me ensine o paladar  
do enfiador de sapatos  
— macarrão dos miseráveis —  
para que eu possa  
ser solidário com todas as fomes;  
me ensine a resistir  
ao uso generalizado dos homens  
como peças da grande engrenagem;  
me ensine com seu passo espalhado,  
sua bengala inagressiva,  
sua ridícula cartola  
a quente solidariedade  
aos miseráveis e sofridos.

— Urgente: enquanto é tempo  
me inclua na sua lista de Carlitos  
pois já rufam tambores, já estrugem  
os clarins do anti-homem,  
já legiões com águias suásticas  
levantam joelhos e reboam grossas  
botas esmagadoras  
sobre a indefesa Europa,  
as Áfricas e Ásias;  
já aves de rapina e de metal  
rosnam e grasnam em todos os céus  
ensurdecendo o azul  
com seu rumor de morte;  
já a Inquisição Nova sacrifica  
milhões na cruz da câmara de gás.

Que aprender? Nessa teia de aranha  
como saber se é noite ou dia,  
o direito e o avesso,  
a cara e a coroa?

Só retornando sempre  
à sábia inocência da infância  
para rever, reentender, redecidir,  
rejulgar  
já que não é possível  
reentrar  
no paraíso intra-uterino  
para viver sem sofrer (ser).

É preciso alimentar o coração  
a que só servem náusea  
de um sangue incorruptível  
e fundi-lo em diamante  
para que não se parta ou se dissolva  
entre ácidos de angústia  
e de revolta.

O órgão estava então gemendo  
as dores do mundo  
e o incenso  
enchia a nave da catedral  
do perfume asfixiante  
dos te-déuns e dies irae,  
o céu e o pecado vizinhos  
no aprendiz dos caminhos de deus;  
o exilado, triste nas imaginações  
e lembranças,  
a desaprender o deus do catecismo  
nas razões da filosofia;  
o exilado  
só em si, frio  
de invernos severos,  
a disfarçar seu desterro  
nas árduas conjugações  
e equações que sujam os cadernos  
entremeados de poesia.

Ó, eu chorando por mim na tarde úmida  
sob o véu comovido da chuva.

Minh'alma tinha palmeiras  
onde a ave do paraíso  
vinha cantar ladainhas  
para meu ser indeciso.

Minh'alma tinha palmeiras  
onde o demônio da vida  
também mandava seus pássaros  
cantar uma outra cantiga.  
Minh'alma tinha palmeiras  
e vozes de céu e terra,  
desafiantes melodias  
que punham meu ser em guerra.

O sabiá do meu corpo  
desafiava o de minh'alma:  
meu ouvido era de terra  
e só um canto escutava.  
Do Penedo da saudade  
lancei os olhos além.  
Sonho meu de eternidade  
com saudade rima bem.

Ó sombras das Torres de Anto  
dos choupais da beira-rio:  
que é dessas sombras que à tarde  
convosco se confundiam  
e ao ar as vozes erguiam  
e as mãos erguiam no ar?  
Sem saber por onde iam  
aonde iriam parar?

Ó capa preta, manto da noite  
enrolando-me os sonhos, ó pedras sábias  
que D. Dinis ergueu em templo  
à deusa ciência. Ó Coimbra,  
inteligência romântica de um País  
sentimental, fonte de santas heresias  
a pulsar para sempre  
nos corações que um dia  
na água de tua fonte os lábios jovens  
embriagaram.

Como entender o mundo? Mil verdades,  
sofismas, teorias salvadoras,  
braços erguidos, corações em chama,  
ululantes aplausos, punho erguido,  
bandeiras, brados. Árdua, a solidão  
de quem isento pára, isento pensa

e procura a verdade sem facções  
como o naufrago busca  
a praia, a vida.

Ontem e hoje assim. Nos verdes  
adolescentes anos ou cinquenta:  
como entender o mundo?

Ó vida, minha deusa,  
por que me abandonaste  
no tempo desumano?  
Quando meu vizinho  
se curte do ódio  
do que estou pensando;  
quando cada rua  
em vez de vizinhos  
mão e mão se dando  
facções inimigas  
na teia de intrigas  
vai multiplicando;  
e espiões, delatores  
inventam suspeitas  
te denunciando;  
cada coração  
partido em partidos:  
ninguém é irmão.

Dindinha, Santoca, Juquinha, Nhanhá,  
paladar brasileiro do amor familiar  
reencontrado. Avó, mãe, tias  
mas um caminho só, a mesma  
sabedoria do amor materno multiplicado  
em fala e gesto,  
em banho de cheiro e bolo de tapioca,  
em reza e promessa,  
em conselho e zelo,  
em aviso de perigo e vigília noturna,  
em verdade ensinada e mentira protetora.  
Os tios maduros de vida humanizada, os irmãos  
tão outros pelos efeitos do tempo.  
E o pai severo.  
A família reagrupada na metade do século  
e hoje tão dispersa sobretudo pela morte  
e os efeitos maléficos da ausência

das matrizes que lhe eram seiva e alento.  
Ó solidão sem retorno!

Meu mundo vivido lido, lido vivido,  
devoradamente consumido em milhentas  
páginas, meu segundo mundo  
que de tão nele inserido  
nem mais sabia (e sei?)  
qual o real ou irreal  
ou reais ambos,  
ambos irreais.

Ó páginas paisagens  
palpitando vidas  
a convidar-me que as vivesse!  
Em quantos me vivi  
a desviver a vida que eu vivia.  
Quanta vida aprendi vivendo a alheia  
vida inventada. Assim me envelheci  
tão precoce em meus dias:  
Sei de coisas e sei que nada sei.  
E do nada que sei me viverei!  
E o que sei? De quanto vi, ouvi,  
li, senti, vivi, imaginei?

Que a terra cumpre seu ofício  
e a lua o seu ofício  
e o sol o seu ofício  
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o chão  
ao germinar a planta  
e a ave quando voa e canta  
e o tempo de inverno e verão  
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o mar  
nutrindo nossa fome, e o vento  
que enfuna a vela ao navegante intento;  
noite e dia em seu rito pendular.  
E o Homem, não.

Que exerce seu ofício natural  
tudo que pulsa ou não,  
é necessário ou vão,  
sangue ou metal.  
E o Homem, não.

A pedra, o pão, sol e luar,  
a água, a terra, o fogo, o ar  
cumprem, sendo o que são, seu plano.  
E o Homem: desumano.

Décadas de 40 e 50. Tempo  
de colher os sonhos com a mão  
e sentir seu gosto. Tempo  
de aprender por completo  
a sintaxe do sexo. E de exercer  
o direito de inventar amanhã  
como se o futuro  
pudesse ser moldado em barro  
por uns poucos oleiros.

Tempo de plantar  
as grandes amizades. Tempo  
do amor profundo e denso  
como um naufrágio fértil.

E tempo de mergulhar  
minhas raízes mais profundamente  
nesta salsugem  
de insular marinheiro  
na gávea dos sobrados  
e de impregnar o corpo de minha alma  
das dores tropicais  
da gente que se nutre  
de sua própria fome.  
Tempo de encontro com a Poesia,  
única humana salvação.  
Tempo do primeiro livro alimentado  
na placenta de jovens angústias.  
E do primeiro filho em que me recém-nasci!  
Tempo de multiplicar-me: filhos,  
minhas manhãs,  
meus sinos, meus sábados de ressurreição,  
minhas aleluias, meus álibis e absolvições,  
excessivo pagamento da minha incompetência  
de operário da vida.

E também tempo  
de guerra fria, de Mundo  
partido em ódios, de terror atômico

— espada do juízo final,  
imensa ave de rapina  
sobrevoadando o Mundo.

(Apesar do calvário  
daquela cuja dor  
e despedida  
a todos nos crucificou  
para sempre. E por quem  
tanto de mim morri  
que para sempre  
em mim, dentro de mim,  
meus sinos dobram).

E outros sinos dobram  
sobre estas vidas podres  
que se espraíam  
neste colar de palafitas;  
a renda da miséria  
a enfeitar de protestos  
a próspera cidade  
dos que lucram e comem.

E meus olhos  
com a miopia das lágrimas  
desta amarga paisagem  
buscando divisar,  
para além da falência  
de verbosas falácias  
de entronados pavões,  
o tempo em que os humildes  
possam ser exaltados  
e os pobres não sejam  
só no reino dos céus  
os bem-aventurados.

Por que a morte pequenina,  
por que a sorte assim mofina,  
por que a palavra ferina?  
Por quê?

Por que o gesto que castiga  
e a solidão que fustiga,  
desamor que desabriga,  
por quê?

Por que a angústia de quem come  
só a solidão e fome  
e outras tragédias sem nome?  
Por quê?

Por que a laranja da vida  
pela mão geral colhida  
desigualmente partida?  
Por quê?

Ó quanto de mim morto  
nos vietnãs da Ásia  
e da minha alma  
e de minha cidade  
e minha pátria.  
Ó século sessentão e setentão,  
rio de tempo lamacento  
de angústias e de túmulos sem cruzes  
e de corpos boiando suas fomes  
e sonhos no sepulcro do silêncio,  
rio que me navega  
e que navego  
sem âncora nem porto.

Ó rio de estagnadas águas sujas  
onde florescem os piores ontens  
travando guerra com as águas limpas  
dos amanhãs brotando em fontes  
de lágrimas e dores  
tão puras como a melodia beatle  
e o canto dos sabiás sobre as palmeiras.

Viajei tão longe, corri tais caminhos  
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,

chego ao fim de mim sem achar começo  
que já me procuro pelo meu avesso

e mais avesso fico do quanto me cerca  
e só sou achado quanto mais me perca;

sinto-me um navio que saiu do porto  
e se perdeu sem bússola no grande mar morto

sem vento nem vela sem rumo que leve  
a roteiro seguro por caminho breve;

só, breve e seguro, vejo que naufrago  
no mar de mim mesmo, profundo e amargo.

E os agoras?  
Em tanta coisa má  
iguais a outroras:  
a multiplicação de pão e fome,  
muito mais numerosa a solidão,  
a praga da injustiça e a garra adunca  
do ódio vicejando como nunca  
e o homem lobo — rei dos animais —  
devorando os iguais.

E em cada esquina  
a palavra ou arma  
assassina.

E em cada beco,  
a palavra ou arma  
de medo.

E em cada porta,  
a angústia de bater  
sem resposta.

E em cada coração,  
a expectativa  
do não.

E em cada boca,  
o hálito do amor  
sem outra.

E em cada olhar,  
mensagens que não vão  
chegar.

E nos braços,  
a cruz de nossos  
calvários.

E em cada gesto,  
o temor do outro  
funesto.

Ó meus 18 mil dias e noites:  
que tempo breve, que infinito tempo  
e quantos amanhã tornados ontens,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Ó que magníficas derrotas  
contra a náusea de pérfidas vitórias,  
quantas partidas para o só regresso,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Quanta paixão sem lenitivo,  
quanta dor sem perdão e alívio,  
quanta esperança sem motivo,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Mas também certa melodia  
de palavra e intenção amiga,  
raro afago à minha fadiga  
enriquecendo sonhos obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.

Ora, nem tudo foi em vão  
se fiz a dor florir canção,  
se, de meus sonhos obsoletos,  
pobre, só filhos e sonetos,  
fiz música em teu coração.

É preciso viver quando se é vivo.  
E para se ser vivo  
— vivo ser —  
é urgente a cada dia renascer  
do ventre da mãe-vida  
mesmo para ser cristo  
nas manjedouras desta natureza  
e humanidade poluída.

E assim, recém-nascido,  
viver em cada dia  
o tempo e o modo de uma vida.

Sem se deixar  
deslumbrar  
com as manhãs,  
porque anoitece.

Sem se deixar  
anoitecer,  
porque amanhece.

E, em meio a tantas noites,  
guardar em si um sol  
para ver e cantar  
e sofrer e sonhar  
e ajudar a plantar  
as manhãs de amanhã  
quando o Homem  
qual a árvore e o inseto  
se cumpra  
em seu projeto.

O menino  
de 50 anos contempla  
o menino de 20 anos  
que contempla  
o menino de 8 anos  
que contempla  
o recém-nascido.

Qual o recém-nascido  
se viver  
não é sobreviver  
mas conseguir nascer  
das próprias mortes?

Foi um tempo de morte  
mas continuo vivo.  
Urge, então:  
recém-nascer,  
reandar, reaprender,  
ressofrer, recantar,

rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer e relembrar,  
resser e reviver!

Passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
redar a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos  
e me reinventar  
reinventando a vida.

Mãe, entre tuas-minhas dores,  
teu antigo menino  
está recém-nascendo.  
Não esqueças o limão em meus olhos  
para o ácido dom de ver  
ainda que seja a morte:

O poema não morre.  
O amor não morre.

*São Luís, janeiro 1977*

# CANÇÕES NO EXÍLIO

1  
Se cantar não ajuda  
que a primavera seja muda!

2  
Queira ou não queira,  
tente dizer ou cale,  
seja sincero ou represente  
nunca vi qualquer mão se estender cordial  
ou outro gesto de gente...

3  
O Homem era o mar.  
Alguém, ao navegar,  
desceu a sonda ao fundo.  
Lá onde mais profundo  
e a água mais clara,  
o coração se derramara...

4  
Estavas linda e leve  
caída à beira d'água.  
Silente como a neve  
e sem sombra de mágoa.  
Era mansa e serena,  
tua pele uma gaze.  
Deitada, nua e apenas  
não eras carne quase.  
Apetecias, sim,  
como um pomo  
de sonho.

Mãe,  
escrever-te para quê?  
Para contar-te aquilo que já sabes?  
Para explicar-te aquilo que já sentes?  
Só te posso dizer que amor não mente.  
Que em nada deste mundo cabe.  
E nada vale o espaço ser espaço  
porque o silêncio  
vence-o.

5

Eu já sabia  
que teu amor não viria.  
Maldita a primavera que mentiu,  
maldita a flor do campo que floriu,  
bendita a noite que avisava  
e meu demônio que escutava  
aquilo que em mim dizia  
que teu amor não viria.

6

Canta a canção mais mansa,  
canta porque eu escuto.  
Que tua voz me chama  
transpondo qualquer muro.  
Canta, canta, criança,  
canta mesmo sem voz.  
Adivinhar não cansa.  
Entenderemos nós...  
Canta a canção mais mansa  
enquanto somos sós.

7

Cai a última pétala no caminho.  
Um desengano passa como um rio.

Há margens murchas, frias e cansadas  
Duas pombas abrem de manso as asas.

Há um vento leve, lento e sonolento.  
Há um acenar de saudades, como um lenço.

Cai a última pétala no caminho.  
Passa leve o destino com suas mãos de menino...

8

A terra diz-me que me está nas veias  
na seiva fértil de que as trago cheias  
e eu sinto-a e acredito.

Do além de mim, porém, alguém proclama  
que de além vem a chama  
em que me agito.

E eu hesito:

— Qual a voz do profeta e das sereias?

9

Horas e horas de estudo,  
calado, mirrado e mudo  
sugando papéis pintados  
com gestos desesperados  
com que agarram naufragados  
as tábuas de salvação.

Renegar o sol e a vida  
e ter, no fim desta lida,  
certeza de não passar  
dum conjunto celular  
mais não-sei-quê glandular  
com funções de secreção.

Sensação de não poder  
erguer uma só canção:  
enjôo de se saber  
uma simples reação.

10

Ele passa,  
ela passa  
e vão trocando o ar de sua graça.

Depois  
noturno para dois.

A promessa floresceu:  
alguém, que desse convergir surgiu,  
passa,  
outro alguém que esse alguém atraiu  
passa  
e vão trocando um ar de sua graça...

11

E nem já o sol havia que se desse  
nem flores para o receber abertas,  
nem as chamas no peito — amigas certas —.  
Mesmo o trival que ondula e enloirece

o nosso olhar, vazio nos deixara.  
Já nem lugar havia para em cimos  
reais-irreais, que nunca daqui vimos,  
sonhar um despertar de manhã clara.

Nem madrugada ou noite ou meio-dia  
nem tristeza, nem tédio ou alegria:  
só a vida medida e acautelada.

Só o tempo escoado em mim e o resto:  
água mansa filtrando-se de um cesto.  
Isto, só isto ou nem bem isto. Ou nada.

12

Cantava  
e do seu peito se erguia  
alguma coisa que entrava  
dentro de nós:  
era o calor humano que subia  
daquela voz.

Sorria  
e seu sorriso dizia  
uma alegria  
tão verdadeira  
que a bebia  
a alma inteira.

Abraçada  
a um tronco de árvore florido,  
naturalmente enfeitada  
era  
também um vicejar de primavera  
incontido.

Erguida  
flor de promessa! Fonte  
lá no alto do monte  
a escorrer vida.

13

Neste trem sigo,  
nele caminho rasgo.  
Vou passando.  
Deflorada, a paisagem vai ficando.

Em tudo  
o velado sentido que se explica:  
sou esse trem que passa  
e minha vida a paisagem que fica.

14

Nunca um sino gemeu como eu queria.  
Nunca uma paisagem me foi o que devia.

Nunca uma flor floriu como eu a amara.  
Nunca a manhã me foi suficientemente clara.

Nunca um olhar me olhou como eu quisera.  
Nunca ninguém me disse o que eu (se o fora) me dissera.

Nunca num cais me acenou saudosamente um lenço.  
Nunca nada me foi aquilo que o penso.

15

Nunca  
a sua garra adunca  
me crave  
essa maldita ave...  
e entrave  
a minha trajetória.  
Nunca eu seja um animal  
excepcional.

Absorto e mudo  
seja eu secreto como tudo  
que existe  
e como tudo absurdo:  
nem alegre nem triste.

frio  
como o correr de um rio  
leve.  
Cidade sem terá ou teve.

Nem coragem nem medo:  
só segredo.

16

Aquela derradeira confiança,  
aquela ilusão última caída,  
aquela boa promessa mal cumprida,  
aquela sensação de quem já cansa...

O aguardar e aguardar uma outra vida  
sempre longinquamente prometida.  
Abraços impossíveis dessa mansa  
“alma minha gentil” sempre em esperança.

Meu mago gesto, por que assim caíste?  
Meu genial coração, por que paraste?  
Por que fugiste, cruel, covarde dor?

Olhos meus, por que não sois lança em riste?  
Poço sem fundo de meu esforço em flor,  
estrada doida, afinal, por que acabaste?

17

Hoje, ontem, amanhã e sempre até o fim:  
Eu  
fugindo de mim com medo  
de desvendar o segredo  
por que anseio  
e que receio.  
Fugindo aos outros, temendo  
serem afinal o espelho  
do que me afasta de mim.

Eu,  
condenado e forçado  
a ter-te, Terra, a meu lado  
e ver no pisar-te pecado  
e sentir-me asfixiado  
de olhar em branco pro céu.

Hoje, ontem, amanhã e sempre até o fim.

18

Não é porque a desmereça  
(sei que ninguém A merece)  
nem mesmo porque Dela me esqueça  
a uma outra luz falsa e louca:

julgando minha alma pouca  
 nenhuma Paz a ela desce.

E nem eu quero que desça...

19

Bastava que eu dissesse: — Seja assim!  
 indiferente a mim,  
 de alma anulada e entregue  
 bastava que avançasse para o centro,  
 ou pra direita,  
 ou pra esquerda  
 e seria um Honrado Cidadão.  
 Bastava.  
 Mas o que o Anjo em mim marcou a fogo?

20

O retrato mentiu porque dizia  
 à família que em volta o olhava  
 que eu era só o que estava  
 naquela fotografia.

Como a todos enganava!  
 Que, afinal, o que se via  
 não era mais que a cisterna  
 onde a minha face interna  
 se escondia.

E essa face ninguém via.

*Portugal, 1945/46*

# **VIOLA DE AMOR**

Já é tempo para cantar o Amor.  
Sinto que nasce em mim a melodia;  
canto da ave que me despertou  
quando o canto em nós dois amanhecia.

Já é tempo para quebrar silêncios  
com a ribeira da canção que nasce  
do teu olhar em que fiquei suspenso  
vendo o sorriso te banhar a face.

Já é tempo! Chega de espera, maduro,  
meu coração tem a canção  
como a árvore tem o fruto

pronto para rolar no chão.  
Sobe a maré do canto puro —  
— canta, de Amor, meu coração!

## CANTAR

Cantar de puro amor! Cantar de vivo  
amor e violento sentimento!  
Deixar, um pouco, o frio pensamento  
ser dobrado ante o coração esquivo.

Cantar de coração — doce moinho  
que o vento do amor desassossega  
e onde o trigo de amar se verte em fino  
filtro de amor que ao mais atento cega.

Cantar como se a voz fora uma fonte  
e o peito de onde jorra um alto monte  
e tu foras a boca sequiosa...

Cantar pelo que vem de teu encanto,  
para que, no espelho do meu canto,  
tu vejas como és — nítida rosa!

## FONTE INCESSANTE

Fonte incessante do amor, cantando  
em mim, a cada instante, docemente,

tenhas tu um rumor de água corrente  
por entre brandas margens deslizando

e chegues onde, suave e posta a mente  
em coisas que são de se estar sonhando.  
ELA tem seu repouso e está contando  
ao silêncio o que só a amada sente.

Fonte incessante do amor, desfia  
o fio puro da canção que, um dia,  
no monte de meu peito cresce, ondeia

e suave ribeira mansa e clara  
vai até onde, descuidada, a rara  
pastora seus cuidados pastoreia.

## I

Em mim resides, pequenina ave,  
em minha casa doce como um ninho.  
Árvore entregue ao vento, me balançam  
os ventos quando, em berço convertido

te embalo ao som do rio que dissolvo  
em mim, para que, barco feito o berço,  
nas ondas continue o movimento  
para o país do sonho endereçado.

Vai, ondulante, ao som que, claro, teço,  
infante corpo de menina onde  
se guarda a melodia que responde

à voz que para ti chega em espuma;  
azul som de trombeta além da bruma,  
apelo na distância que te esconde.

## II

Fosse eu o mar, com fúria te amaria  
e em ondas de ternura te afogara.  
Fosse eu o mar, oh minha doce amiga,  
e com músicas largas te ninara.

Fosse eu o mar e em conchas te daria  
a água de ternura pura e rara.  
Fosse eu o mar — teus sonhos embalara  
entre o azul e a úmida alegria.

Fosse eu o mar... Ou fosse uma floresta:  
no tronco de meus braços te prendera,  
de folhas te adornara e, à viva festa

dos cheiros materiais, os teus cabelos  
se fariam mais úmidos e belos!  
Mas que sou eu, ó minha primavera?



Maduro está o mês, maduro teu  
sorriso manso e doce, tão maduro  
como teu ventre puro como o céu  
tão longamente azul, sereno e puro.

Maduro está o vento, que tangeu  
o navio das nuvens e o obscuro  
país do sonho irrompe e vem de seu  
esconderijo florir, vencendo o muro.

Nossas palavras são maduro trigo,  
maduro está o meu olhar de amigo,  
o silêncio é maduro e a canção.

Maduro o amor em nós é re florida  
safra crescendo farta quando a vida  
amadurece em nosso coração!

## MATERNIDADE

E, novamente, tuas mãos pequenas  
repousam em teu ventre acariciando —  
Ó chão da vida! — mansas e serenas,  
a vida que da vida vem brotando!

E, novamente, teu olhar amigo  
fala de coisas com que está sonhando  
e o sonho vem de teu sorriso brando,  
brandamente, até mim, brincar comigo.

E novamente já não és apenas  
a amada das morenas mãos serenas:  
com ramos de carinhos enfeitada,

de beijos como flores revestida  
que serão fruto, és mãe — raiz sagrada,  
prodigiosa árvore da vida!

## SAUDADE MARINHA

E entre nós era o mar. O mar perdido,  
longínquo, soluçante, ilimitado  
e azul, como a canção de ser amado  
e longo como o olhar em ti vertido.

Das nuvens o navio desmedido  
aumentava a distância e o som magoado  
do mar adivinhado era o gemido  
que em teu longo silêncio havias dado.

Ó mar sem termo, cessa tuas ondas  
e o distante horizonte e esta amargura  
e este verde soluço de ansiedade,

até que sua música responda  
e eu reconheça a voz amiga e pura  
vencendo a maré alta da saudade.

### I

Úmido vento que te vens do mar,  
que palavra de amor trazes contigo?  
— “Úmido trago em mim claro cantar  
que a doce amiga envia a seu amigo”.

E tu, ó coração-leão do mar,  
que soluço de mar gemes na areia?  
— “Recados que manda a virgem sereia  
para o senhor ditoso por amar”.

Voltai então na madrugada pura,  
levai meu coração e esta canção  
à senhora rainha da amargura.

Beijai a areia que seus pés pisaram  
e a praia onde saudosos demoraram  
seus olhos de menina sem ventura.

## II

Dizei-lhe que outras praias assistindo  
vão às minhas saudades e tristezas.  
Dizei-lhe que ondas vejo vindo e indo  
carregadas das mesmas incertezas.

Mas contai-lhe também que seu pastor  
tem à doce pastora preparado  
rebanho de carícias e de amor  
qual jamais outro igual foi pastoreado.

Contai-lhe como a espera desespera  
a quem o coração sente ferido.  
Falai-lhe da infinita primavera

que aguarda seu olhar entristecido:  
tanta alegria que fora quimera  
não lhe tivera eu oferecido.

O silêncio pende, fruto  
maduro, de tua boca.  
Como fome desse silêncio  
a minha boca estremece.  
Ó pomo delicioso  
que tem gosto de segredo  
e se desfolha em meus lábios:  
puro malmequer de vida!



Volto a ser de minha infância  
para sonhar que te ouvi  
desbrochando cantigas  
que fazem parar as coisas.

Volto a ser de minha infância  
para furtar teu cabelo  
que era ruivo e se fez negro,  
maduro do meu olhar.

Volto a ser de minha infância  
e sonho que te sonhei  
e eras a pétala mansa  
que nas minhas mãos achei.

## RIMANCE

Ó lúcida menina, amanhecida  
na vida que, perdida, decorria.  
Sorria o claro dia!, apetecida  
luz, que da minha vida se fez guia.

Ó clara, inesperada rosa amada  
que dada e consagrada me vieste —  
— só neste canto agreste vais cantada  
pois nada mais a fada me concede.

Se fora água sonora este meu canto,  
e tanto que o encanto te embalasse,  
tua face beijaria em acalanto.

Mas, se isto não consigo, sem disfarce,  
apenas nas serenas tuas mãos  
deposito, ferido, o coração.

## SOBRE O AMOR SEM DESFALECIMENTO

Se te contemplo, recordo  
o tempo em que te sonhei  
e, sonhada, vens a bordo  
de meu sonho, na amurada,  
permanecendo inventada  
já depois que te toquei.

Guardas, de vires sonhada,  
maior beleza real.  
Debruçada na amurada,  
viajas no desigual  
meu sonho, por sobre as águas  
do tempo ondulado em mar.

Real, do sonho surgindo,  
longe do mar e navio,  
teu corpo fico sentindo  
tão puro como se viu  
no sonho (de que mar vindo  
como nenhum existiu?).

Assim sonhada e presente,  
tens a graça dividida  
que nunca ninguém consente  
às formas perto da vida,  
da forma real, tangente  
à forma irreal tangida.

Por isso, de meu amor  
meu próprio amor não se cansa  
pois a forma exterior  
ao pressentir que se alcança  
se reveste da maior  
jamais tangível distância.

Sonhada, surges molhada  
do mar de sonhar teu vulto,  
debruçada, na amurada,  
no sonhado mar oculto:  
fingindo a forma inventada  
de que meu desejo nutro...

De sonhar-te com ternura  
em tantos anos a fio  
foi que tua face pura  
de meu sonho assim surgiu:  
corpo de mulher madura  
que meu carinho sentiu.

E, ao amar-te, vou lembrando  
que meu amor não se cansa  
de beijar teu gesto claro  
que se alcança (e não alcança)  
pois se teu corpo sonhado  
consigo alguém da esperança  
já me foge, desejado,  
teu ser real na distância.

## OFERENDA

Aqui, o homem que sou  
em latitudes terrestres,  
te dirá o que te dou  
em paga do que me deste:  
te contará o que sou  
despido de falsas vestes:

Apenas um homem rude  
à margem dos rudes dias.  
Coração que não se ilude  
com falsas mercadorias  
e a quem não dói a atitude  
das impuras mãos vazias.

A altura do pensamento  
conservada em sua altura.  
Nenhum falso sentimento,  
pesar das manchas impuras,  
e toda a beleza ausente  
da (um pouco triste) figura.

Apenas um homem que  
não se perdoa imperfeito,  
sabendo a loucura de  
se pretender sem defeito  
e escondendo para si  
a dor que leva no peito.

Um homem que vê a vida  
com a pequena coragem  
de a olhar assim despida,  
assim rude, assim amarga,  
tendo a vida repartida  
pelos irmãos de viagem.

Um homem que apenas sabe  
que viver é um dever  
de estar presente e não cabe  
a homens vivos descrever  
da vida se não lhe agrade  
a que o destino lhe der.

Um homem: esta palavra  
e o que ela tem de amargura,  
de travo, desesperada  
raiz de certeza e dúvida,  
encontros e desencontros,  
sol e tristeza noturna.

Eis o que sou, alegria  
deste que sou, homem rude

à margem dos rudes dias,  
coração que não se ilude  
com falsas mercadorias  
e a quem não dói a atitude

das impuras mãos vazias.

Se é isto um homem verdadeiro  
em tuas mãos o tens inteiro!

### CANTIGA

A minha guitarra  
se chama poesia  
e esta serenata  
é quanto sabia  
minha mão errada,  
ó senhora minha!

Te sonho na alta  
janela do amor  
escutando em calma  
o canto melhor  
que em minha garganta  
consigo compor:

Que importa meu canto  
seja pobre e tímido  
se, com teu encanto,  
tu paras a ouvi-lo?  
O melhor dos cânticos  
ficará comigo —  
— suave, impreciso.

### CANÇÃO

Uma canção  
para dizer tudo o que sinto.  
Essas palavras — onde estão? —  
que ainda não soube mas pressinto  
para dizer, na exatidão,  
o que é paixão e o que não  
cabe nas palavras que minto?

Vem, poesia,  
com tua melodia pura.

Esta alegria, esta alegria  
se alguém a ouvisse na altura  
diria que uma estrela caía  
tangendo tímpanos de pura  
prata de lei que não havia.

Meu pequenino  
coração, corre bem veloz  
pelos campos do desatino.  
Se isto é destino, minha voz,  
canta o maravilhoso destino  
que um deus menino  
deixou escorrer sobre nós.

Pérola fina  
da madrugada que fizemos,  
tomba nas mãos dessa menina,  
rosa do longe que tivemos —  
— um arco-íris se defina  
a cor do amor feito de extremos  
em suas mãos, pérola fina.

Se amor existe  
é este amor, meu cordeirinho  
que de alva neve me surgiste  
ao contato de meus carinhos.  
Antiga flor dormente e triste,  
que te desperte o doce vinho  
do meu amor que consentiste!

Que direi mais?  
palavras loucas, vinde em festa,  
dançai de roda as imortais  
pequeninas danças de gesta  
e sua fronte coroi  
de flores puras da floresta:

Que minha amada  
alva eu a vi, na madrugada!

Menina e moça foste nos meus sonhos  
para desabrochar em minha vida:

Ó doce e pura pétala florida!

Menina e moça, teus cabelos soltos  
eram árvore mansa de alegria.

Ó rio melodioso de água límpida!

Menina e moça foste nos meus braços  
a mais clara colheita recolhida:

Ó trigo amado da melhor espiga!

Menina e moça, vejo que nasci  
para banhar teu corpo de carícias

suaves, mansas, leves e tranqüilas.

Ó terra fértil que desabrochei,  
ó rio de ternura! Ó pequenina

rosa de outubro a quem todo me dei  
para ganhar, contigo, a maior vida!



Foi o rio do tempo (como é seu  
destino ir) sempre rápido, passando  
e me deixou esta nesga de céu  
que em teu olhar se fez sorriso brando

e me deixou, pousado sobre o meu  
coração outro coração pulsando  
tão suave, tão leve, doce e brando  
que um coração no outro se perdeu.

Outra maré do mar do tempo, vinda  
das águas numerosas do passado,  
outra maré do tempo aqui é finda

depois de deixar tudo transformado:  
Sem mudança, porém, persiste ainda  
o meu amor por ti, de enamorado!



Farei descer um rio de silêncio  
onde flutuem tímidas camélias  
ao sopro suavíssimo dos ventos  
do amor e partirei nas pandas velas

(não do sonho, que o próprio sonho venço  
e estas praias da vida são mais belas)  
até onde o sorriso tens suspenso  
dos lábios puros que o amor revela.

E sobre o rio que de mim se parte  
até vosso sorriso, reservado  
para meus olhos, flutuando desço

(ou subo?) na corrente inesperada,  
buscando em vão a pura forma de arte.  
E apenas meu silêncio te ofereço!

**ROMANCEIRO DA  
CIDADE DE SÃO LUÍS**

## PRÉ-HISTÓRIA

Na solidão do chão sem tempo  
há uma ilha de expectativa,  
entre dois rios, como braços,  
suavemente recolhida.

Verdes copas e o vento nelas  
e os cachos das frutas nativas  
e as alvas coxas de suas praias  
ao sol do trópico estendidas.

Vizinho o mar com sua espuma,  
seu horizonte imaculado,  
com sua raiva e sua ânsia,  
com seu verde pulmão salgado,  
misturando sua maresia  
com o acre cheiro do mato.

Vizinho o mar com seu mistério  
e o além por ser desvendado.

O mar de onde, por milênios,  
tudo que vem é rumor longo,  
surdo ou cavo, manso ou severo,  
cantocho grave, som redondo  
contra pedras, conchas, areias,  
interminável apelo em som do  
horizonte que não se revela  
o mistério profundo e abscondito.

## IMAGEM

Vista do mar, a cidade,  
subindo suas ladeiras,  
parece humilde presépio  
levantado por mãos puras:  
nimbada de claridade,  
ponteia velhos telhados  
com as torres das igrejas  
e altas copas de palmeiras.

Seus dois rios, como braços,  
cingem-lhe a doce figura.

Sobre a paz de sua imagem  
flui a música do tempo,  
cresce o musgo dos telhados  
e a umidade das paredes  
escorre pelos sobrados  
o amargo sal dos invernos.  
Tudo é doce e até parece  
que vemos só o animado  
contorno de iluminura  
e não a realidade:  
vista do mar, a cidade  
parece humilde presépio  
levantado por mãos puras  
e em sua simplicidade  
esconde glórias passadas,  
sonha grandezas futuras.

## HISTÓRIA

A alma da gente da terra  
era doce como uma fruta:  
quem veio de fora  
é que trouxe  
coisas impuras.

Sob o sol tropical, os homens  
se multiplicavam nas mulheres  
e dormiam sob as estrelas  
com a paz no coração:  
quem veio de fora  
plantou a semente  
da ambição.

Os filhos da terra sabiam  
a alegria, eram fortes e bravos:  
quem veio de fora  
é que os fez escravos.

Os filhos da terra eram incultos,  
os que vieram, civilizados:  
os segundos ficaram ricos,  
os primeiros foram exterminados.

## AS VOZES

Polidas pedras, estreitas ruas,  
velhos sobrados, velhas torres,  
vosso sono é longe e atento:  
guarda feitos, memórias, nomes;  
guarda gemidos dos escravos  
— fome de liberdade entre dores —  
guarda os passos firmes e eternos  
dos santos e poetas maiores.

Vosso sono dorme por fora  
mas é toda atenção por dentro:  
sabe de cor velhas histórias,  
lendas, verdades de outro tempo  
sutil como as densas verdades,  
imponderável como o vento.  
Este sono é o espelho largo  
de inúmeras faces impresso.

Quem conhece as noites de lua  
e o mistério que ocultam vários,  
já divisou como no espelho  
da cidade o passado é claro:  
quem pisa as calçadas da noite  
ouve — rumor imaginário —  
Bequimão com sua revolta,  
Vieira e o verbo literário.

Vozes que falam do martírio,  
de terror ou de obscuro medo,  
vozes que murmuram poemas  
ou que se escondem no silêncio  
para conspirar liberdades.  
Contra o duro trono avarento,  
vozes puras como a cidade  
cuja grandeza vence o tempo.

## FONTE DO RIBEIRÃO

Eu não sei se é de pura saudade,  
de mágoa, alegria ou paixão  
que há séculos chora  
a Fonte do Ribeirão.

Talvez porque a muito amada  
menina-moça foi embora  
e as alvas mãos nela não banha  
é que a Fonte do Ribeirão chora.

Talvez porque o primeiro poeta  
que, ali, de versos fez sonora  
a noite, é pura cinza antiga,  
é que a Fonte do Ribeirão chora.

Ou de uma sóbria confiança  
do impossível amor de outrora  
se fez esta aguda plangência  
com que a Fonte do Ribeirão chora.

Não sei que dor de ausência amarga:  
talvez tudo o que foi e agora  
só tem um fio de beleza  
no que a Fonte do Ribeirão chora.

Escutai-a em noite de lua  
e vereis que em lágrimas aflora  
o ser da cidade no tempo  
quando a Fonte do Ribeirão chora.

## PEDRA DE ALMA

De pedras e azulejos,  
mirantes e becos,  
sobrados e torres  
faz-se uma cidade:  
ainda mais de alma.

Lucros e interesses,  
negócios, comércios,  
embarques e rendas  
fazem a cidade.  
Sobretudo a alma.

Glórias e infortúnios,  
vitórias e dor,  
aleluia e réquiem  
narram a cidade.  
Mas, e sua alma?

Pedras tombarão,  
torres e mirante,  
glórias e desgraças  
morrem com a cidade  
se o destino a faz  
um lugar e nada.  
Restará no tempo  
a pedra de sua alma.

## O SIGNO

Cercada de águas e sonhos,  
de glória, de maresia,  
a ilha é sobretudo circundada  
de Poesia.

Cada ilha só não naufraga  
se o horizonte a desafia  
e embarca em naus de velas pandas  
de Poesia.

Cada ilha só sobrevive  
e afirma sua rebeldia  
se sabe alçar a pura asa  
da Poesia.

Esta imortal ilha maior,  
Ilha Grande como se dizia,  
há de viver enquanto for  
sua a Poesia.

Não há passado passado  
(todo o futuro o proclama)  
se foi passado na chama  
da Liberdade.

## O HERÓI

Não há tempo que destrua  
a chama desta lição:  
morre o herói, fica a pura  
memória de Bequimão.

Se o sonho é de Liberdade  
e a seiva se faz de sangue,  
rosa brotará do chão:  
um dia será verdade  
o sonho de Bequimão.

Não haverá Companhia  
do Grão-Pará & Maranhão  
devorando sangue e vida,  
vontade, sonho e ação,  
direitos, lucros, franquias,  
quando o sangue for a seiva  
que faça brotar as rosas  
do sonho de Bequimão.

Um sonho de Liberdade  
que brilha sobre a cidade  
e é chama pura que há-de  
um dia fazer verdade  
o sonho de Bequimão.

Embora tiranos tenham  
sorte dos homens na mão  
e possam trincar-lhes a carne,  
cadafalsos não destroem  
flor que nasce da razão.

## AUSPÍCIOS

Tua riqueza antiga  
é agora pobreza,  
teu veludo e arminho  
são eco de tristeza.

Já dos engenhos ricos  
de sangue escravizado  
não vêm pejudadas arcas  
para o fausto dourado,  
para salões e polcas  
ou dotês de noivado.

Teu manto é um farrapo  
de desespero humano.  
Já não se erguem sobrados

mas sombrios mucambos.  
Não há salões nem valsas  
mas gemidos e prantos.

Teu diadema agora  
é coroa de espinhos  
duramente cravados  
sobre os desprotegidos.  
Tua festa é um calvário  
de horizontes sombrios.

Mas a gota de sangue  
do sofrimento obscuro  
é uma rosa que se abre  
sobre o destino impuro  
e à glória do passado  
faz penhor do futuro.

## O SINOS

Tocai sinos seculares  
nas altas torres erguidos,  
repeti ecos sabidos  
pelas antigas idades,  
espalhai as claridades  
do som que o bronze colheu  
para fingir de ser céu  
a terra e suas vaidades;  
tocai sirenes de Deus  
que, em vossas sonoridades,  
se concentram as verdades  
de amor e morte com seus  
desígnios, signos, sinais.  
Como outrora fostes som  
no batizado de Dom,  
como fostes sepulcrais  
para anunciar o fim  
do alto senhor, assim  
hoje soareis; e mais;  
que vosso som cristalino  
seja agora um novo hino  
de pétalas musicais  
sobre a cidade, esta rosa  
que renasce, preciosa,

e se não cantais a sorte  
da princesa empobrecida,  
cantai-lhe a glória perdida  
que nunca saberá morte.

## OS POETAS

Do acre ofício de viver,  
a alguns dá a natureza o privilégio  
de fazer florescer  
beleza, em sortilégio.

São os navegadores  
da alma humana,  
descobridores  
do ser:  
mágicos de maior riqueza havida  
ou por haver.

Poetas, sonhadores, artistas  
que crescem na noite do tempo  
brilhando alto  
com a voz e o exemplo.

Sobre este chão brotaram  
e deles se doira  
a fama e a memória:  
são o futuro do passado,  
o amanhã do ontem,  
o iluminado signo  
de nosso alto destino.

## OS TELHADOS

Sobre este campo vermelho  
que o tempo pasta,  
o passado é lento rebanho  
retouçando nuvens brancas.

Andorinhas seculares  
ondeiam no verão supremo  
e o musgo denuncia aos ares  
que o tempo se fez eterno.

# ÍNTIMO COMÍCIO

## BUCÓLICA

Na margem desta ribeira  
da vida, que desce e corre,  
sem saber de ontem ou hoje,  
esqueço dor e canseira  
e, mansa, minha alma dorme.

Sonhando que meus cabelos  
repousam sobre teus braços  
entregues a teus cuidados  
e, por entre teus desvelos,  
o sonho alonga seus passos,

e sonha que, nesta margem  
desta serena ribeira,  
suspendo minha viagem  
e, em meus sonhos, tua imagem  
me dá vida verdadeira.

Eis que o pássaro se esquece  
do silêncio prometido.  
Minha alma, acordada, vê-se  
com espanto, ainda nesse  
sonho de manso sentido:

à margem desta ribeira  
em teu colo adormecido.

## DECLARAÇÃO

Não quero ser guardado  
numa antologia.  
Ó que deus me guarde  
de ficar fechado  
numa antologia.  
Quero que meus versos  
teçam a alegria  
e corram nas ruas  
como pão da vida.  
Que eles desabrochem  
na mão do meu filho  
em rosa de amor  
aos ventos se abrindo.

Não quero meus versos  
numa antologia.  
Quero-os rolando  
caminhos e dias  
na boca do povo:  
rosa da esperança  
vermelha e florida.

## PAISAGEM

Eis aqui um cão  
e defronte um homem:  
ambos o pão  
da fome comem.  
Olha o cão a vida  
triste das pedras  
(coitado do cão  
que não pasta ervas)  
e por fim já morde  
o osso das trevas.

Olha a vida o homem  
com saudade amarga.  
Os olhos do homem  
já não olham nada.  
Só, em seus ouvidos  
de carne fanada,  
teimam os latidos  
da morte e do nada.

## A INEVITÁVEL

Insaciavelmente ela te espera  
carnívora em seu furor uterino.  
Movida pela fome de pantera  
vigia teus descuidos de menino.

De numerosas tramas tece a espera  
e os becos sem saída do destino  
e em seu macio pêlo esconde a fera,  
a fúria, o enredo e o negro desatino.

Sempre atenta te espreita desarmado,  
pronta a te desferir garra ferina  
para sorver-te a vida àquela hora

insuspeita, fatal e inevitada.  
Pois, se lhe foges, ela te fascina  
e, se te entregas, ela te devora.

#### POEMA NATURAL

Ó verde chão ressuscitado  
por uma revolução verdadeira:  
mágico húmus revelado  
em pétalas, pomos, colheita.

O antigo outono desolado  
veste sua roupa domingueira  
e sai, de inverno enfeitado,  
pela florida sementeira.

Até os velhos ventres fremem  
ante este mar recém-nascido  
de coisas intensas que crescem  
no horizonte colorido.

Mugem as reses pelas crias  
e o sol é um touro endemoniado,  
semeando o chão de delícias  
e os corações de pecado.

Ó verde chão, ressurge a vida  
do seu calvário desolado  
e no corpo de cada amiga  
um coração pulsa semeado.

#### POEMA INVENTADO

Barco  
ou cavalo?

Cavalga o campo das ondas  
deixando espuma de raiva.  
A vela branca me diz  
que não é cavalo, é barco.

Ou cavalo?  
Seu ondear sobre as ondas  
é galope amotinado.  
O vento fustiga a vela  
ou o cavaleiro branco

É cavalo?  
Será barco?

Mas se é a noite, o mistério  
das coisas indecifráveis  
e ouço um barulho de patas  
batendo a estrada das águas...

É mais cavalo  
que barco.

Mas será cavalo o que  
cavalga a noite molhada?  
São patas ou é ruído  
de ondas no cais se quebrando?

Mais barco,  
menos cavalo.

Cavalo?  
Barco?  
Cavalo?

É um barco galopando  
por sobre a estrada das águas.  
O cavaleiro que vemos  
é cavaleiro e vela branca,  
o ruído do galope  
é quebrar de ondas no cais.

Cavalo da noite avança  
o barco que as ondas rasga.

PRISMA

Vejo mal  
ou invento?

Só sei que do que os outros se sustentam  
não me sustento.

Invento  
ou crio?  
Sei simplesmente olhar este fastio  
sem fastio.

### MONOTONIA

Aqui e além  
sempre a mesma vida:  
Ah, estes homens com alma  
e que nem sabem que a têm  
e estes homens sem alma  
e a crença nela acendida;  
o mesmo gênio a se erguer  
numa catedral ou taba;  
o mesmo peito a ferver,  
a mesma fome de ser  
que, aqui e além,  
não acaba.

### HIPOCRENE

Isto que foge a todos:  
a gota onde é verdade o oceano  
o dia-a-dia de que é feito um ano  
os anos de que a vida cinge um homem  
a soma de homens que é a humanidade  
os cansaços de que se cobre a vida  
a asa de sonho que roçando-A A salva  
a falta de esperança que a endurece  
a esperança construída a que se aquece  
tudo isto entra verdade em meus sentidos  
e sai dos meus sentidos poesia.

### AMOR MARINHEIRO

Só há uma viagem  
que sei timonar:  
porto de partida  
— eu te desejar;  
porto de destino  
brilha em teu olhar.

Desafio ventos,  
mar desatinado,  
todos os tormentos,  
risco de naufrágio:  
nada me perturba  
porque sei que ao fim  
és praia de amor  
ofertada a mim.

### SINFONIA PASTORAL

O pastor esvai-se  
no estranho canto.  
O rebanho pasta  
o canto e as ervas.  
Um pássaro rompe  
a tarde e a música.  
Natureza abstrata,  
o pastor viaja  
entre a melodia  
e o calor parado.  
E, de sua altura,  
vai olhando em baixo  
junto às rudes botas,  
o tempo e a bilha:  
naturezas mortas.

### TERNURA

Com o perfume marinho  
que evolas de teus cabelos  
se embriagam meus sentidos,  
contato de teus segredos  
desata minha ternura  
e escuto sinos internos  
tangendo cristais de pura  
alegria se te beijo.  
Pela tua tessitura  
se tece em mim o desejo.  
Repouso sobre teu corpo,  
reentregue à inocência:  
tua carícia é meu porto,  
teu hausto minha existência.

## REFÚGIO

Guarda-me em teus olhos  
quando amanheceres.

Guarda-me em teus lábios  
quando seja tarde.

Guarda-me ao crepúsculo  
na tua ternura.

E, chegada a noite,  
guarda-me em teu corpo.

## CANÇÃO AMARGA

Ai que terrível tristeza  
nos passos do meu caminho.  
Aqui sou só, meu vizinho  
pesquisando a natureza  
do que sou, sendo sozinho,  
no chão da humana avareza.

## CORPO DESNUDO

Assim tão alvo e desnudo,  
teu doce corpo deitado  
me faz ausente de tudo,  
todo nele concentrado.  
Teu doce corpo desnudo  
contemplo em transe a teu lado.

Debruçado no teu corpo  
desnudo, como um luar,  
colho teu sabor, absorto;  
degusto teu doce sal.  
Conjugo, sobre teu corpo,  
os tempos do verbo amar.

## A LUA

Alvo luar do negro mundo, um dia  
tu iluminarás não esta angústia  
mas a rosa noturna da alegria  
afinal conquistada e repartida.

Com tua cabeleira luminosa  
deslumbrarás o coração pesado  
não porém de incertezas mas de vida  
desabrochada em todo o chão humano.

Quando a mágica deusa tão sutil  
filtrar em sua claridade o vinho  
amado do amor, ó lua triste  
hoje, só então serás verdade.

Só então serás flor da natureza  
para o olhar humano, puro rosto  
belo de contemplar-se, adormecida  
luz do silêncio deslumbrado.

Só então, doce amiga, fino véu  
dos sponsais noturnos, só então  
tu serás nossa e verdadeira e teu  
fino luar o bom lençol dos sonhos.

E é pelo que serás que hoje te canto.

## IDENTIFICAÇÃO

Entre a verdade de nevoentas luas  
persegurei as torpes falsidades.  
Sete véus tirarei para que nuas  
surjam as chagas e malignidades.  
Esventarei as faces estudadas,  
os estudados gestos e a palavra  
com máscaras e às rosas perfumadas  
desvendarei o espinho que escalavra.  
Asas de sapos mostrarei às aves  
que na lama do azul coaxos cantam  
e o espelho erguerei ao olhar da vestal  
onde de si olhos se espantam  
e cavarei até o subsolo  
da negra humanidade: a pura linfa  
que a vida dessedenta nem apolo  
a tem, nem jorra de ti, ninfa.

Que o verdadeiro herói de quem  
diz Carlos — “os ombros suportam o mundo” —  
não é César, Bonaparte, Matusalém  
mas apenas João, José, Raimundo.

## ODE A GARCÍA LORCA

A palavra verdugo  
sobre o fuzil amargo.  
O fio de sangue  
sobre o chão que amava!

Pelo céu da morte  
alvas pombas se espalmam.  
No bico as sementes  
do sangue tocado.

Aos milicianos  
a farda aziaga  
de verde que fora  
se pôs encarnada.

Entre nuvens grossas  
alvas pombas viajam  
plantando a esperança  
que no bico guardam.

A ferrugem come  
os fuzis amargos  
e os duros verdugos  
mas tua poesia  
cresce como o trigo  
e faz verde a Esperança  
do tempo futuro!

## MANHÃ

Amanhecem os galos e horizontes.  
Cantam as fontes e as cores.  
O sol inventa, pelos montes,  
rebanhos, árvores e flores.  
Da noite — breve bicho da seda,  
caramujo, concha adormecida —  
voa, afinal, a borboleta  
da manhã sonora e colorida.

## PRAIANA

Entre o céu e o mar  
estou como um barco  
vivendo as marés  
e a espuma vem dar  
em meus peitos. O arco  
do sol me refez.

Entre o mar e a vida  
voga vago sonho  
para não ter fim.  
Sou longe do que olho  
na praia perdida  
que faz-se de mim.

## UM DIA CANTAREI

Um dia cantarei  
uma canção tão triste  
que nela esquecerei  
a mágoa do que amei  
e a dor de quanto existe.

Um dia cantarei  
uma canção tão clara  
que os beijos que te dei  
e os que apenas sonhei  
se farão coisa alada.

Um dia cantarei  
a canção proibida:  
tudo o que tenho e sei  
e quanto adivinhei  
além meu ser e vida.

Amor, sê sem cuidado,  
serena o coração:  
se um dia fui amado,  
meu ser te será dado  
um dia, na canção.

Talvez que a ninguém ouça  
neste rumor imenso

mas tu, menina e moça  
de que meu ser é denso,  
saberás escutá-la  
na voz do meu silêncio.

### O JURO DA MORTE

O dono da casa funerária é  
homem de extraordinária fé:

ele acredita no Deus da morte  
que é o seu lucro e sua sorte,

que infiltra micróbios e vírus  
para manter dividendos sadios

mas apesar disso faz preces  
para que a morte mais se apresse

e, como lavrador que o tempo ajuda,  
colha ele sua safra graúda.

### NOSSO CALVÁRIO

Pelo caminho que nos leva  
(de açoites e pedras e sangue)  
vamos subir nosso calvário.  
Essa é a vida (aquela outra  
que deveria é o imaginário).  
Faz crepúsculo antes da treva  
e lá vão os cristos exangues  
e a turba dos mercenários  
poderosos em suas lanças.  
Ó dai-nos almas de crianças  
para estar nesse crime vário  
sem as máculas que o acompanham  
e com a lágrima da esperança  
de um reino da terra solidário.

### A NOITE E A MADRUGADA

Era uma vez um país  
com serras, prados e praias,

verdes árvores e gris  
melancolia. Um país  
com gente de toda a laia,

onde o servo obedecia  
sem queixa, quando mandava  
o Alto Senhor que podia  
mandar sem que em qualquer dia  
alguém razões lhe buscara.

Era um país como tantos  
com nuvens pelo céu claro,  
regatos límpidos, cantos  
vivos e agudos pássaros  
fluindo pelos céus mansos.

Um país onde mandavam  
aqueles que possuíam  
e por isso declaravam  
Lei que nem deuses mudavam  
a lei que mais lhes convinha.

Um país onde crianças  
e as meninas suas tranças  
tinham fome por brinquedo  
desfiavam pelos dedos  
cantando desesperanças.

Onde os velhos marinheiros  
olhavam o mar sem termo,  
sem fim como o desespero  
sem fim e os longos roteiros  
do coração sem remédio.

Onde as mães diziam finas  
canções falando de morte  
aos tenros filhos que a vida  
dava a suas anemias:  
“Antes morte que má sorte”.

Duro país dividido:  
luz e sombra, pão e pragas;  
a uns dada toda a vida,  
a suprema, apetecida;  
a outros toda furtada.

Um país assim: sereno  
lago sem rumor à tona  
mas ruminando veneno  
que pelo fundo se entorna  
e cresce e cresce sem termo...

Quem só olha o lago diz:  
"Nem um rumor pelas águas  
perpassa. Doce país,  
o país que se retrata  
no lago manso e feliz!"

Mas diz quem conhece o lago:  
"Para bom entendedor...  
a leiva surda é maior  
e produz maior estrago  
a funda, incógnita dor!"

Certo dia, estremecidas  
foram as águas do reino  
ao sopro de densa brisa  
do futuro e da crescida  
fúria do fundo fermento...

Fundo fermento da vida  
nos rios da noite havida  
tecidos, fundo fermento  
estremecendo a dormida  
falsa paz e a revolvendo.

Disse o Senhor: "Era noite,  
nosso domínio era a noite.  
Somos os filhos amados  
vindos do fundo da noite.  
Que se detenham seus passos!

Se não cessarem seus passos  
o que será de meus paços?  
A madrugada nos mata!  
Onde estão aqueles braços  
que detêm a madrugada?

Noite é nossa duração!"  
Mas porém adonde os braços

para deterem os passos?  
Onde aquela proteção  
que ao Rei salvasse seus paços?

Aquele rumor que vinha,  
aquela força violenta,  
que do mais fundo subia,  
na madrugada se assenta  
que já clara se entrevia!

Logo então amanhecia  
uma doce madrugada.  
Nenhuma força mantinha  
os passos da noite fria.  
Madura, a manhã chegava.

Chegava e desabrochava.  
Rosa de pura esperança  
a madrugada se abria.  
Noite, rei, reino partiam  
e a vida viva reinava.

O país onde mandavam  
aqueles que possuíam  
já em país se tornava  
onde macias floriam  
as alegrias mais claras.

As nuvens pelo céu raro,  
regatos límpidos, cantos  
vivos e agudos de pássaros  
vestidos de azul encanto  
tinham seu destino exato.

Era uma vez uma clara  
república, novo país  
com serras, prados e gaia  
alegria pura e alva  
sem melancolia gris.

Onde as crianças brincavam  
com a claridade da lua  
e as meninas sua trança  
desfiavam, doce e pura,  
cantiga cantando mansa.

Já as mães, sorrindo, alvas  
canções cantam ao ninar  
à vida desabrochada  
que os tempos do verbo amar  
tecem na carne da amada.

Puro país, onde a vida  
é a safra bem plantada  
sem o muro que a dívida  
a rosa do ser sonhada  
por todos será colhida.

Puro país onde a vida  
é lago onde nuvens claras  
amam se ver refletidas  
e a flor da esperança brilha  
em rosa do povo, amada.

### CANTIGA

Guardo em minhas mãos  
fechadas em concha  
as formas de teus seios  
mansas e redondas.

Estou morto de sede:  
vou levar à boca  
para saciar-me,  
minhas mãos em concha.

### LIBERTAÇÃO

Querida, dá-me teus lábios  
porque morro de desejo.  
Deixa que em beijo me livre  
da angústia deste veneno.

Dá-me tuas umidades,  
teus recantos mais secretos  
pois só tua intimidade  
faz de mim um ser liberto.

## NATAL 1947

A cidade estava tão suja,  
a alma dos pastores tão distante de si própria,  
os homens tão piores do que vacas e jumentos  
que o menino Jesus paredista não veio.

Vou pedir-lhe, porém, que venha ainda e embora.  
Nasça em meu coração mais simples que uma gruta  
e se agasalhe com meus pensamentos acres  
e brinque com a chaga do meu lado.

## O QUE NÃO MORRE

A morte te matou que não é morte  
mas entrega da vida pela vida.  
Teu coração se derramou de forte;  
tua força foi por tantos recolhida

que se diria que não foi perdida.  
Essa presença não tem morte. Morte  
apenas há no coração da vida  
roubada em ti que eras sereno e forte!

Vejo teu coração ou uma fonte  
jorrando uma certeza tão segura  
— água pura nascida em claro monte...

Vejo teu coração assassinado  
batendo, comovido e o olhar molhado  
de antever a seara ondear madura.

## A AMADA OCULTA

Porque tu és a pétala mais pura,  
porque tu és a mais rosa das rosas,  
porque tu és a graça mais formosa  
ó rosa da manhã clara e segura;

porque sem ti a noite é mais obscura,  
porque sem ti a formosura passa,  
porque sem ti a graça se desgraça,  
porque sem ti a vida é morte dura;

ó lírio da tarde que se reveste  
de quanto esta mãe-terra sabe e cria:  
paz dos rebanhos pela tarde fria,

paz dos montes dormidos, doce veste  
do mundo amanhecido!, te juramos  
que a vida que nos dás por ti a damos.

### CANÇÃO NA TARDE

A leve sombra  
que a tarde faz  
se espalha sobre  
nós.

No chão tombados,  
leves de sombra,  
temos sequer  
palavras.

“Igual à árvore  
que flores cobrem  
também serás  
florida”

eu considero  
olhando os seios  
destapados  
e rijos.

Por sobre a relva,  
de pés descalços,  
a vida passa  
com

a mão pousada  
no ventre inchado,  
gaia colhendo  
flores.

## VIDA

Longos cabelos. Pernas desenhadas  
em músculos de fêmea e superfície de água.  
Nevados peitos poderosamente  
alimentando a vida e a esperança.

Sorriso aberto ao vento, aviso claro,  
certo sinal de consistência humana.  
Fundo espelho dos olhos que atravessa  
até à raiz toda a presença viva.

Fino talhe de boca, despenhando  
rios de beijos, rios de palavras.  
Leve bailado nupcial dos gestos.

Belo anel de cintura e grandes coxas,  
região de permanente fonte mágica:  
entre pêlos rasgada flor selvagem.

## A FLOR DAS ÁGUAS

Somos os pescadores do infortúnio  
e aguardamos no cais o aviso claro  
enquanto a madrugada não desponta  
e apenas há gemidos sobre a praia.

O vento da alegria já não sopra  
contra as velas do coração — cerradas.  
A salsugem dos dias se desdobra  
e a noite cresce nas crescidas águas.

Cegos estão os olhos de amargura,  
surdos estão os corações e escura  
se fecha, como um duro inverno, a alma.

Eis que a doce manhã, porém, desperta,  
serena o mar e, a nosso olhar oferta,  
a Esperança é uma flor das águas.

## CANÇÃO DO SILÊNCIO

Farei descer um rio de silêncio  
onde flutuem tímidas camélias  
ao sopro suavíssimo dos ventos  
do amor e partirei nas pandas velas

(não do sonho que até o sonho venço  
e estas praias da vida são mais belas)  
até onde o sorriso está suspenso  
do lábio puro que o amor revela.

E sobre o rio que de mim se parte  
até vosso sorriso, reservado  
para meus olhos, flutuando desço

ou subo na corrente inesperada  
buscando em vão a pura forma de arte.  
E apenas meu silêncio te ofereço.

## A NOITE AMANHECIDA

Renasce o canto pelo teu encanto  
e é lírico e sereno e azul e manso  
canto de amor por Ti, de que não canso  
o coração pesado e grave. Tanto

amor te dou, ó doce meu recanto  
onde paro e tem casa meu descanso  
suave, doce, breve, alegre e manso:  
ave em teu colo sonhando teu encanto.

Renasce em Ti o canto. A calma  
do Amor cresce um momento, a ventania  
dos versos combatentes adormece

e, embora seja noite, estás comigo  
e há tal luz em teus olhos que eu te digo:  
"Amada minha, vê como amanhece!"

## VELADA LUZ

Meu irmão, esta noite apavorada  
não é tão negra nem tão longa e obscura  
que não se veja aparecendo pura  
uma réstia de luz da madrugada!

Nem é tão vasta nem desesperada:  
que há uma estrela de maior altura,  
inapagável, vívida, segura  
rompendo e cintilando imaculada.

Nem é tão noite que se não ature.  
Nem é tão longa que jamais se cure.  
Apenas, para ser ultrapassada,

precisam-se olhos para ver mais fundo  
e ouvidos pra escutar uma velada  
luz e voz pelas quais se alegra o Mundo.

## AVE DA VIDA

De tuas mãos desejo a linha pura,  
de tua boca a água do beijo suave  
e de teu coração esta madura  
canção de amor. Ó minha ave

de serenidade! Ó segura  
minha aliança aonde cabe  
tanto de carinho e ternura  
como a vida no canto da ave!

Mãe, pára a mão em meus cabelos.  
Silha para eu semear desvelos  
sobre a tua face amanhecida.

Irmã do meu coração violento.  
Ó amigo, ó esposa, ó vento  
vivo da vida em minha vida!

## NOVEMBRO I

Eis que é novembro e chove.  
Não mais as nuvens brancas  
desfilando na tarde:  
apenas a tristeza cai em gotas.

Molhada cheira a terra como um corpo  
e mais de verde as ervas se revestem.  
O tempo e a umidade escorrem lentos  
no muro exterior e em nossa alma.

Úmida vem a música e acende  
as luzes comovidas da memória:  
não é amor nem maio mas infância

é uma outra imagem recortada em pranto,  
um sentimento de dezembro vindo:  
árvore de Natal com seu orvalho.

## NOVEMBRO II

E ainda amor perdido e vida falsa  
e silenciosa dor não confessada.  
A mão falando o adeus e o nunca-mais  
visto corpo do amigo se perdendo.

A sala despovoada onde brincávamos  
(há quantos anos? em que outro novembro?)  
e a presença da morte imponderável  
tocando nossa carne de receios.

Alguma coisa ainda sem contorno  
e a saudade do que não foi nosso  
além das formas fúteis do desejo.

Palavra ou gesto ou caixa de surpresas  
lembradas surdamente. Eis que é novembro  
e ganham vida as coisas misteriosas.

### NOVEMBRO III

Eis novembro que é fim quase começo,  
feito de expectativa e despedida.  
A leve chuva que atravessa o tempo  
cai sobre mortos e futuros dias.

Suaves tardes tristes de novembro,  
com seu breve rumor de folhas mortas,  
boas de aproveitar para passeios  
rodeado de gris e som marítimo.

Lento mês de novembro, breve sono,  
sonho de passos repisando ausência  
em paisagens de infância ou de viagem,

dás uma consciência de ruínas  
e longas galerias escorrendo,  
lago sem velas de água cor de cinza.

### NOTURNO MARÍTIMO

Pelo silêncio noturno  
desliza um vento marinho,  
que tange a música estranha  
de súbitos violinos.  
Teus cabelos se desenhavam  
como lentas algas úmidas  
e minhas mãos, sábios peixes,  
buscam carícias ocultas.  
Será manhã ou viagem  
imaginada ou as nuvens  
quem estende sombras mágicas  
no frio espelho do azul?  
Estou sonhando teu vulto  
lentamente adormecido  
pelo silêncio noturno  
e o som do vento marítimo.

## CANÇÃO DO CATIVO DIANTE DA MORTE

Aqui estou, tomai as mãos  
de quem não tereis a vontade.  
Também, por um momento, grãos  
de trigo estão na obscuridade  
mas a espiga é Liberdade!

Aqui estou, tomai a vida  
a quem não tomais a certeza.  
Morto é o grão mas escondida  
sob a terra cresce a espiga  
que será pão em nossa mesa.

Aqui estou, senhor tirano,  
mais livre do que vós estais.  
De muitos dias faz-se um ano  
e, de muitas vontades, o pano  
de vossa mortalha se faz.

Aqui estou para morrer  
com a alma recém-nascida!  
Irmãos que ficais para ver  
a Rosa do Futuro prometida:  
— Eu vos amei e amei a vida!

## SONETO CORPORAL

Nesta manhã que o sol torna madura  
o vento forte passa contra a vida.  
Leve, o rumor das águas tudo banha  
e a música das cores vem subindo.

De pé no campo, como se crescera  
dele também, um corpo de homem está.  
Com sua carne morena e a cabeça  
coroadada de cabelo e pensamentos.

Junto de si a bela fêmea guarda  
a cadeia da vida. Suas curvas  
são convite à carícia e profecia.

E o sol, que amadurece esta paisagem,  
vai desatando a vida que o aguarda  
ao mesmo tempo que desata o dia.

### AMOR SELVAGEM

Sou um tigre de amor, ó flor de outubro,  
demasiado áspero e selvagem.  
No teu olhar, olhando-me descubro  
o susto que te causa minha imagem.

Rasga estas veias, vê o sangue rubro  
que esconde desmedidas vilanagens:  
pelo que sou, qualquer raiz de obscuro  
me fere de surpresas e miragens.

Mas sou teu, muito embora este olhar frio  
não deixe, a quem procure desvendá-lo,  
mais do que a sombra vã do desafio.

Onde ninguém o veja, aí o guardo,  
secreto e sem palavras e maduro,  
o meu amor por ti, rosa de outubro.

### INTIMIDADE

Dócil o canto me vem  
se teu amor está perto  
com o que de ti me tem.

O sonho tange o concerto  
que nasce do teu olhar  
e ondeia ao luar incerto.

Onde estamos não há mar  
mas ouço as ondas da vida  
em teu corpo marulhar

uma cantiga infinita  
que o vento de contemplar-te  
dispersa e a carne ilimita

já quando, para beijar-te,  
meus lábios, aos teus unidos,  
te sentem corpo de lírios.

## ANO NOVO

Uma suave espada de lembranças  
cinde o passado do presente. Resta  
de tudo alva doçura que se alcança  
quando a lágrima escorre e o olhar amansa  
esta triste alegria que nos resta.

(Lembrar, senhora minha,  
que teu outrora esquivo  
sentimento, é cativo  
dessa mágoa que eu tinha  
em meu olhar cativo!)

Na árvore de Natal, imaginadas,  
caem as neves da memória, finas.  
No coração tomba uma luz cansada  
e a noite que vai sendo madrugada  
me banha de boa melancolia.

(Lembrar, ó doce amiga,  
o sorriso passado  
que me é como uma espiga  
a nutrir a fadiga  
do coração pesado!)

Suave espada da lembrança  
cinde o passado e suas penas  
da recém-nascida esperança,  
e revive em mim a criança  
das antigas coisas serenas.

(Pudesse eu enfeitar  
a canção incompleta,  
faria em teu olhar  
a árvore de Natal  
da alegria perfeita!)

## POEMA CONCRETO

O urro do boi que rasga  
a tarde de meio a meio  
é fria ponta de faca  
e poderoso rochedo.  
O boi vermelho que berra  
no meio do campo posto,  
patas fincadas na terra,  
é pesado, rude e grosso.  
De si próprio desenterra  
todo o pavor de seus cornos  
que suspende a cor parada  
da tarde quente de sono.

## ELOGIO DO MUNDO

Meu sangue e minha carne estão no mundo  
como a raiz das árvores na terra.  
Bicho que sou, apenas me deslumbra  
o amor da vida amarga verdadeira.

Sinto meus estes dias perturbados  
pelo sal desumano da coragem:  
sinto que não estou só de passagem  
entre vícios e muros levantados.

Como a raiz da árvore na terra  
se sente presa, assim meu coração  
se foge, volta a esta contínua guerra  
por um mundo que os deuses não lhe dão.

## BOM CONSELHO

Dorme, Marília.  
Nasceu Jesus Cristo.  
Depois matam-no.  
Dorme, Marília  
ao menos enquanto  
esperas tua vez.

Dorme, Marília.

## AVE MARIA

Ela me guarda o coração cansado.  
Sinto suas mãos banharem-me a cabeça  
de águas macias de coragem única:  
campo de doce pão e vinho forte.

Ela reside em tempos de esperança.  
É uma bandeira branca de pacíficos  
rios descendo minha terra exausta  
povoando de colheitas o meu reino.

Ela veio da tarde para mim:  
longo salmo, tristíssima elegia  
e minha noite teve estrelas raras.

Ave Maria que me vem dos mares  
e canta em mim um reboar de sinos,  
de aleluias, pássaros e crianças.

## TRANQUILA PASTORINHA

De novo surges, madrugada branca,  
entre o pavor dos tempos, melodia.  
De novo teus cabelos se balançam  
pelos ventos de norte e sul tangidos.  
De novo teu sorriso  
invade o coração desprotegido  
e lhe devolve a mágica alegria.  
De novo tua mão, pequena e mágica,  
abre um gesto de azul. Pedra no lago  
do mundo, perturbando a face estática  
do refluir dos dias imutados.  
Filtro de mel nos lábios,  
de novo és coroada e por vassalos  
te rodeiam meus líricos afagos.  
De novo és tu a rosa predileta  
amanhecendo no esplendor dos lírios.  
De novo o coração se movimenta  
para a sabedoria dos sentidos.  
De novo és a rainha  
e eu digo lentamente a teus ouvidos:  
“Ela ia, tranqüila pastorinha...”

E embora continue o teu encanto,  
sem palavras, meu canto aqui termina.

### PEQUENA PROFECIA

Virás quando chegar a hora exata.  
A certeza de vires nos alegra.  
A alegria desmancha o mal-do-tempo.

Virás com a pequena rubra flor,  
com os lábios e os seios descobertos  
para consolação dos desvalidos.

Virás. Uma certeza nos consome,  
uma dor comovida de Letícia,  
um luar, uma bênção sem limites.

Virás. Mas como? Quando? O quê? De quê?  
dormem recônditos até aquela hora  
em que mistério se transforme em trigo.

### A POSSE

A mão direita, conduzindo o braço,  
desfaz a carne de carícias curvas.  
A mão esquerda vem sinistra e prende  
mais a unanimidade das cabeças.

Teus peitos algo rijos se desfazem  
contra a fúria que neles se amacia.  
Teus braços estraçalham a existência  
e os pés se cruzam num signo sem limites.

Ventres se encontram úmidos e plácidos.  
O odor da vida, fértil se derrama  
nos corpos que um no outro se fundiram.

Espasmo com manhãs de nevoeiro,  
delíquio de planície se esvaindo,  
os sexos se redimem. E constroem.



Foto de Valdo Melo-São Luís, 1977.

## LANÇAMENTOS DA EDITORIAL ALHAMBRA

*O Cavaleiro da Ordem do Mérito do Trabalho* — Jacintho Paiva Netto.  
*Imagens do Inconsciente* — Nise da Silveira. 3.<sup>a</sup> edição.

*O Cinema Dilacerado* — José Carlos Avellar.

*O Século do Cinema* — Glauber Rocha. 2.<sup>a</sup> edição.

*Roteiros do Terceiro Mundo* — Glauber Rocha.

*Português para Concursos* — Eliézer de Andrade. 10.<sup>a</sup> edição.

*Comunicação Administrativa Eficaz* — Albertina Ramos/Robson Matérko.

*O Anticristo* — F. Nietzsche.

*O Índio e as Plantas Alucinógenas* — Sangirardi Jr.

*Signos Astrológicos. O Pulsar da Vida* — Dane Rudhyar.